

HORTO DE MÁGOAS

Gonzaga Duque



Simbolista como Mallarmé, o autor destas histórias ficou um bom tempo esquecido de um público maior do que alguns poucos especialistas.

Este livro de contos é uma obra rara há algum tempo. Sua primeira e única edição se deu em 1914, o que não impediu Otto Maria Carpeaux de reconhecê-los como o melhor produzido em prosa pelo simbolismo entre nós. Mesmo com uma circulação restrita, influenciaram autores como Adelino Magalhães. Mas quem foi seu autor, Gonzaga Duque, poucos sabem. E pouco também se conhece de outros escritores simbolistas como ele.

O simbolismo ficou como uma lacuna na literatura brasileira canonizada. Pouco se lê desses autores que escreveram entre 1890 e 1920. Um dos poucos lembrados é Cruz e Souza. De Gonzaga Duque, alguns já ouviram falar do romance *Mocidade morta* e de seus escritos sobre arte. Carioca, nascido em 1867, foi o primeiro crítico brasileiro aberto à arte moderna, e o primeiro a escrever um



HORTO DE MÁGOAS

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Cesar Maia
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
Helena Severo
DEPARTAMENTO GERAL DE DOCUMENTAÇÃO
E INFORMAÇÃO CULTURAL
Vera Mangas
DIVISÃO DE EDITORAÇÃO
Diva Maria Dias Graciosa

CONSELHO EDITORIAL

Vera Mangas (*presidente*)
Alexander Nicolaeff
Alexandre Mendes Nazareth
Anna Maria de Andrade Rodrigues
Diva Maria Dias Graciosa
Heloisa Frossard
Luciano Raposo de Almeida Figueiredo
Marilia Rothier Cardoso
Renato Cordeiro Gomes
Vera Beatriz Siqueira

Gonzaga Duque

HORTO DE MÁGOAS
Contos

Estudo introdutório
Vera Lins

Estabelecimento do texto
Júlio Castañon Guimarães

2ª edição



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Cultura
Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural
Divisão de Editoração

Coleção Biblioteca Carioca
Volume 40
Série Literatura

Direitos desta edição reservados ao Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura (C/DGDI)
Proibida a reprodução sem autorização expressa
Printed in Brazil / Impresso no Brasil
ISBN 85-85884-05-3

Edição de texto, diagramação e revisão.
Divisão de Editoração do C/DGDI: Célia Almeida Cotrim, Diva Maria Dias Graciosa, Elizabeth Loboda, Rosemary de Siqueira Ramos
Estagiários: Adriana Fraga (editoração eletrônica), Maria Luiza Oliveira e Silvia Pastore (revisão), Eduardo Tavares (programação visual)

Revisão de provas
Ivette Sanches do Couto
Júlio Castañón Guimarães

Arte final do miolo
Valentim de Carvalho

Projeto gráfico da capa
Heloisa Frossard

Editoração eletrônica
Aloisio Valente

Catálogo: Divisão de Processamento Técnico da Diretoria de Bibliotecas do C/DGDI

Duque, Gonzaga, 1863-1911

Horto de maçãs: contos / Gonzaga Duque; estudo introdutório Vera Lins; estabelecimento do texto Júlio Castañón Guimarães. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

156p.: il. – (Coleção Biblioteca Carioca; v.40: Série literatura)

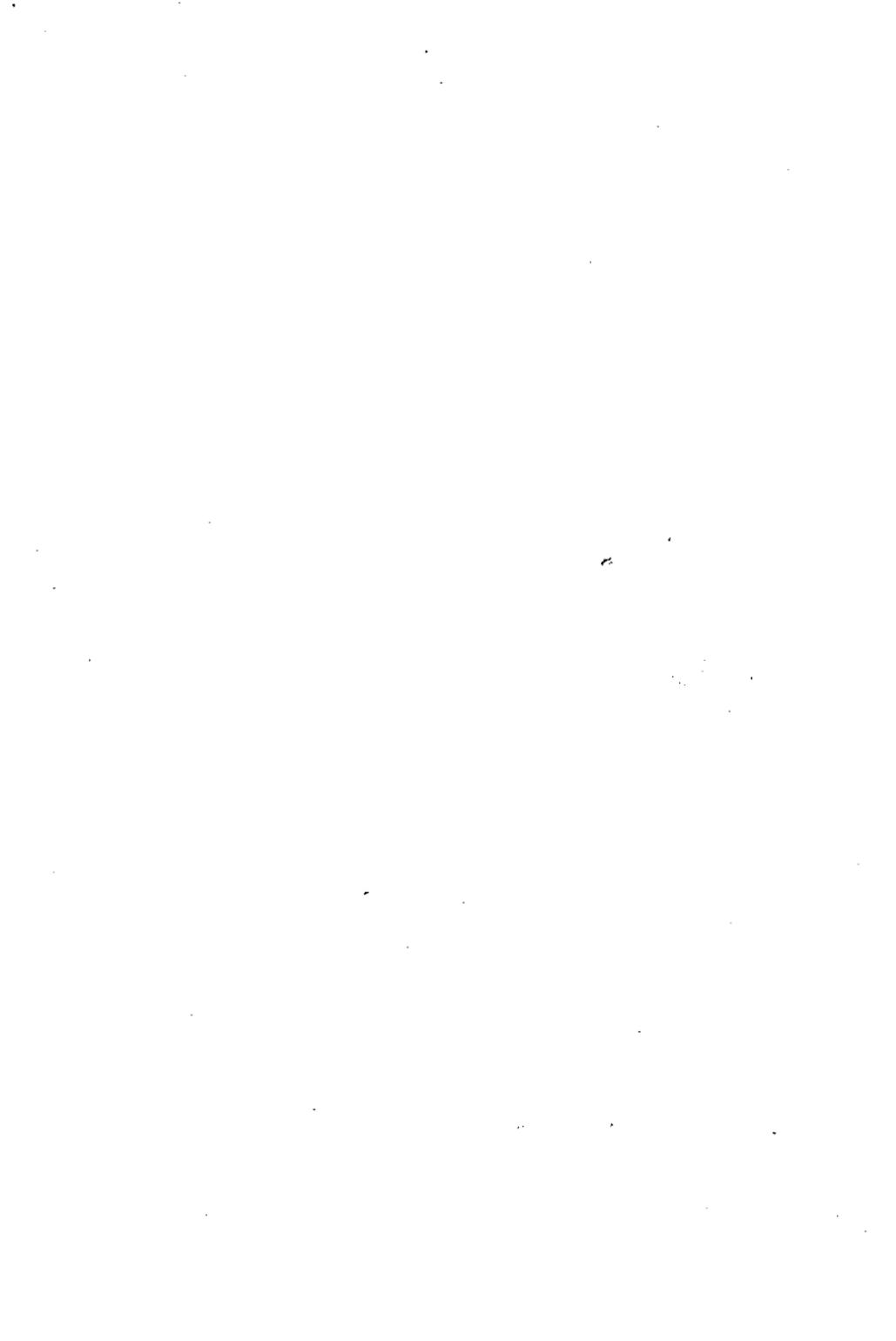
1. Contos brasileiros. I. Guimarães, Júlio Castañón. II. Título. III. Série.

CDD869.3

Divisão de Editoração C/DGDI
Rua Amoroso Lima nº 15, sala 106 - Cidade Nova
20211-120 Rio de Janeiro - RJ
Telefone (021) 273 3141
Telefax (021) 273 4582

SUMÁRIO

- 09 DE ACHADOS E PERDIDOS, Vera Lins
17 PEQUENOS FORMATOS, Júlio Castañon Guimarães
21 SOBRE O TEXTO DESTA EDIÇÃO, Júlio Castañon
Guimarães
33 HORTO DE MÁGOAS
37 Posse suprema
49 Agonia por semelhança
57 Morte do palhaço
67 Ciúme póstumo
75 Sapo
79 Confirmação
85 Benditos olhos
93 Aquela mulher
99 Idílio roxo
105 Sob a estola da morte
113 Miss fatalidade
121 Ruínas
127 GLOSSÁRIO
141 BIOGRAFIA
143 BIBLIOGRAFIA
145 SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O AUTOR E O SIM-
BOLISMO NO BRASIL



DE ACHADOS E PERDIDOS

Vera Lins

Tender para uma estrela, uma alegria, uma verdade, apesar do empirismo, para além da sua noite satânica, com mais forte razão além da sua noite de incógnito, é a única via para encontrar ainda a verdade.

Ernst Bloch¹

O acaso, como fatalidade que imprime forma à vida, cerca de mistério e enigma estes contos de Gonzaga Duque. A frase é de Mallarmé: um lance de dados jamais abolirá o acaso. Forças desconhecidas, um desejo, uma inquietação, a que não se pode resistir, movem seus personagens a situações limites, entre a vida e a morte. Simbolista como Mallarmé, o autor destas histórias ficou um bom tempo esquecido de um público maior do que alguns poucos especialistas.

Este livro de contos é uma obra rara há algum tempo. Sua primeira e única edição se deu em 1914, o que não impediu Otto Maria Carpeaux de reconhecê-los como o melhor produzido em prosa pelo simbolismo entre nós. Mesmo com uma circulação restrita influenciaram autores como Adelino Magalhães. Mas quem foi seu autor, Gonzaga Duque, poucos sabem. E pouco também se conhece de outros escritores simbolistas como ele.

O simbolismo ficou como uma lacuna na literatura brasileira canonizada. Pouco se lê desses autores que escreveram entre 1890 e 1920. Um dos poucos lembrados é Cruz e Sousa. De Gonzaga

¹ BLOCH, Ernst. *L'esprit de l'utopie*. Paris: Gallimard, 1977, p. 250.

Duque, alguns já ouviram falar do romance *Mocidade morta* e de seus escritos sobre artes. Carioca, nascido em 1867, foi o primeiro crítico brasileiro aberto à arte moderna, e o primeiro a escrever um livro sobre as artes plásticas no país, desde a colônia até o momento que vivia, o final do século XIX.

O simbolismo foi um movimento internacional que se concentrou em Paris, onde estavam Mallarmé, Verlaine, Rimbaud e para onde foram o alemão Stefan George, o vienense Hofmannstahl, os belgas Maeterlinck, Samain, Rodenbach e o americano Vielé-Griffin. O escritor simbolista não se preocupa com questões nacionais ou históricas, sua ficção é atemporal e universal, pode se passar em qualquer lugar e, geralmente, recua a um tempo mítico. Os pintores se diferenciavam dos impressionistas, pois queriam mais do que experiências com a luz. Rejeitavam as trivialidades do naturalismo e exerceram influência em expressionistas e surrealistas.

Para eles, a razão é insuficiente, assim como os sistemas explicativos que o mundo ocidental construiu. Nisso estão mais próximos das nossas questões hoje, já em plena pós-modernidade. Vêem a ciência como um mito moderno, marcada pelo evolucionismo que acredita no progresso do conhecimento. Razão, ciência e conhecimento são problematizados.

Os simbolistas procuram devolver o sentido misterioso da existência, num mundo que a razão moderna dessacralizou. Para Mallarmé tudo é sagrado e tudo que permanece sagrado deve ser coberto com o mistério. Assim vêem o enigma como o que marca a vida do homem e, portanto, sua arte. O símbolo é uma imagem que contém uma idéia de sentidos múltiplos. Evoca-se um objeto pouco a pouco, para criar um estado de alma, fazer sonhar. Por isso, a prosa simbolista é pouco descritiva, mais filosófica e rarefeita. Acredita-se no pensamento, que, no entanto, ao não se confundir com o mero cálculo, é liberdade de imaginar mundos possíveis.

Os simbolistas buscavam uma síntese de todas as artes. Através das sinestésias, sensações diversas se juntam. Com isso, suas imagens têm cor, se tornam palpáveis. No conto de Gonzaga

Duque “Idílio roxo”, uma profusão de tons acompanha o desenvolver da narrativa. Através de Baudelaire, fazem sua a teoria das correspondências de Swedenborg, um místico nórdico, para quem tudo no universo se conecta, é interdependente. Há uma relação entre as coisas do céu e da terra, como dizem os versos do poema “Correspondências”²:

A natureza é um templo vivo em que os pilares
deixam filtrar não raro insólitos enredos
[. . .]
Numa vertiginosa e lúgubre unidade,
tão vasta quanto a noite e quanto a claridade,
os sons, as cores e os perfumes se harmonizam.

O movimento marcou as artes plásticas com Odilon Redon, Gustave Moreau, Félicien Rops e, no Brasil, Helios Seelinger, entre outros. Em contraposição ao impressionismo, preocupado em fixar efeitos de luz e cor, mas conservando as cadeias da representação, para os simbolistas existe uma relação entre a pintura e o intelecto e não entre esta e a natureza. Para eles, a arte não representá, mas produz o real. A cor de Gauguin é simbólica, cor do sonho e do desejo. Segundo ele, os impressionistas viam apenas com os olhos, não com o centro misterioso do pensamento.

Os simbolistas buscam idéias que falem da condição humana, que é sua matéria, desde Baudelaire. Interrogam-se sobre as questões fundamentais, que estão no quadro de Gauguin: “De onde vimos? Quem somos? Para onde vamos?” Mais que característica de uma escola, o que os singulariza é uma visão trágica da existência.

O simbolismo não é o oposto do naturalismo, mas sua outra face. Também há um destino, uma fatalidade que pesa sobre o homem, não por razões concretas como meio, raça, filiação, mas por motivos misteriosos, cósmicos, pelo acaso. Forças que o

² BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 115.

homem não controla entram em jogo. Os simbolistas trabalham com sentidos inconscientes, antes de Freud.

Os contos de Gonzaga Duque, que lembram Edgard Allan Poe, pelo clima de mistério, em que nada se esclarece totalmente, trazem imagens estranhas para uma lógica pragmática. “Posse suprema” lembra os pré-rafaelitas, que pintavam como no século XIV, Boticelli e Fra Angélico. Uma história de desejo, como os outros, em que morte e prazer se sobrepõem, se passa aqui entre um monge e uma princesa. O que causa estranheza é esse amor à distância, apenas um olhar exerce uma força incomum sobre a pessoa amada. Volúpia e delírio percorrem a narrativa. Os limites entre realidade e imaginário se confundem. Ferir a imagem desenhada se torna ferir o real. Este poder que a imagem assume lembra “O retrato oval” de Poe, ou *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, em que a pintura na tela passa a ter a vida do retratado. E ainda o conto “Vera”, de outro simbolista, Villiers de L’Isle-Adam³, em que, pela imaginação, se traz de volta a pessoa amada que morreu. Em todas essas narrativas passa-se a conviver com um real a que a arte, a ficção, dá forma, e que não se subordina à verdade dos fatos.

A visualidade tem força nos contos de Gonzaga Duque, como procedimento verbal através de sinestésias ou tematizada na atração que o olhar exerce, como em “Benditos olhos”. Mas é sempre um olhar que passa pela memória, pela imaginação, é sempre procura nostálgica de alguma situação já vivida e apenas lembrada. Como em “Agonia por semelhança”, em que se busca uma figura originária, que foge e volta, imagem de um desejo insaciável. Para Freud a busca é sempre de um retorno, como aqui, quando, num momento fugaz, o personagem reconhece a imagem procurada na fotografia de sua mãe. Há uma referência a Nadar, o fotógrafo amigo de Baudelaire, e a Sar Peladan, místico que marcou uma corrente hiperespiritualista, esotérica do simbolismo. Também em “Benditos olhos”, volta o tema do olhar, sem-

³ Villiers de L’Isle Adam. *Contos crucéis*. Trad. Pauline Alphen. São Paulo: Iluminuras, 1987.

pre submetido à idéia. Primeiro o personagem-narrador sonha com uns olhos verdes, depois os encontra numa mulher e com sua morte fica privado da visão. Busca-se na realidade a imagem interna, com a qual se convive obsessivamente. Todo movimento se dirige do interior, da imaginação do personagem para o exterior.

Em “Morte do palhaço”, essa busca insaciável se dá na arte de um *clown*, que se vê desprezado pelos colegas medíocres porque procura uma forma nova, alguma coisa que devia existir e que o enlouquecia. Sente a insuficiência da linguagem aprendida e se esforça em malabarismos no trapézio. O artista e sua busca na arte estão tematizados também em “Sapo”, símbolo do poeta, e em “Aquele mulher”, conto que trabalha a ambigüidade. O que parece a descrição de uma mulher bela e livre, se revela a personificação da estrofe decadente, isto é, os versos de Mallarmé, Samain, Wilde, que infringem as normas da convenção.

Em “Ciúme póstumo”, “Confirmação” e “Miss fatalidade”, casos estranhos são contados, em que mulheres fatais reaparecem para seus amantes ou os arrastam à morte, como as Salomé que povoaram a literatura e a pintura simbolistas. Em “Sob a estola da morte”, de novo a paixão convive com a fatalidade. Sempre adiada, a realização do amor vai se dar nos limites em que dor e prazer se confundem.

Em “Ruínas”, um cravo é símbolo da alma que toca sua música, sem se importar com ouvintes. O campo em que o artista vivia é loteado, modernizado, o que força seu isolamento. Nostálgico, consciente de uma perda, no entanto, persiste na sua arte.

Os artistas simbolistas, com sua consciência trágica, viam a insuficiência dessa razão calculadora, pragmática, que preside à urbanização moderna e tenta controlar a vida. E no acaso, que nos surpreende, viam o incontrolável, o que nos torna humanos, sempre à procura do ainda desconhecido que nos aproxime um pouco mais do enigma. Mas é na recusa aos sentidos previsíveis, às certezas fáceis, que as formas aparecem. Por isso o artista é como o sapo, de um dos contos, aquele que, desprezado, no lodo, contempla, no céu, as estrelas.

Em busca do que ainda lhe escapa, na luta contra os sentidos já estratificados, o simbolista procura novas palavras, raras, e traz som e cor para sua escrita, que resiste a uma apreensão fácil e imediata. Em artigo de outro livro seu, *Graves e frívolos*, Gonzaga Duque cita um poeta simbolista francês, Georges Vanor. A descrição de seus procedimentos ajuda a entender a escrita do próprio Gonzaga Duque:

Inscrever um dogma num símbolo, escolher no vocabulário os termos raros e preciosos, construir um estilo superior e compósito, traduzir as sensações pela música das sílabas, vincular estreitamente o ritmo à idéia e repelir toda descrição para procurar toda musicalidade, tais são os principais preceitos do seu catecismo⁴

A atmosfera de mistério e as experiências paracientíficas desses contos são uma recusa ao trivial com que trabalha o senso comum, em que tudo se explica, tudo se conhece. Foram escritos num momento em que se pretendia que a razão moderna, com suas luzes elétricas, iluminasse o país. O início do século tem essa marca no Brasil, com reformas urbanas, que intencionavam nos trazer a civilização, cujo emblema era Paris. Mas que sentido tem essa civilização? Gauguin tentou reponder à sua inquietação, abandonando a França pelas ilhas dos mares do sul. Os simbolistas brasileiros se fazem as mesmas questões, perseguindo o enigma e o sonho, guiados pela imaginação, como Mallarmé e Gauguin.

São dissidentes e, pela busca que empreendem, ficam à margem, esquecidos, numa literatura em que dominava a trivialidade naturalista. A crítica literária, por longo tempo, também participou dos ideais de progresso e evolução com um espírito curto. José Veríssimo, crítico que arrasou o romance *Mocidade morta* de Gonzaga Duque, via nos versos de Cruz e Sousa nada mais que o ressoar dos tambores africanos, já que o poeta era

⁴ DUQUE, Luiz Gonzaga. *Graves e frívolos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1910, p.79.

nêgro. Enquanto este, afinado com as idéias de um simbolismo internacional, empreendia a mesma procura, nos limites da razão, que Baudelaire, Mallarmé e Gauguin. Mas o crítico Nestor Vitor, também simbolista, podia acompanhar seu pensamento, contra as idéias dominantes, num artigo de 1914:

No fundo, o que mais repugna a essa gente é prestar atenção sequer aos intuitos heróicos do papel que Cruz e Sousa se propôs representar na vida, papel que considerava como único digno dos verdadeiros artistas.

[. . .]

Tal atitude caracteriza, tanto ou quanto, aliás, quase todos os representantes do simbolismo no Brasil. Em Cruz e Sousa, porém, mais do que em outro qualquer, pelo relevo que aquele temperamento selvagem lhe deu, ela começa a marcar mais nitidamente uma nova ética nas nossas letras, tirando-as do diletantismo colonial em que todos, mais ou menos, subordinados às condições do meio, até então as conservaram, e impondo-lhes, a elas, uma missão transcendental, apostólica, fazendo-as órgão, aqui, de uma reação decidida e séria contra o que tem de inferior, de bastardo, de ilusório a atmosfera criada pela civilização atual, em toda parte, e com especialidade em meios meramente refletores como é o nosso por enquanto, ainda mais caricatos e desesperadores do que aqueles que lhes são modelos⁵.

Através da arte, os simbolistas revelam um real que excede a verdade dos fatos. Por isso não se confundem com os parnasianos, que, na mesma época, cinzelavam versos de acordo com as expectativas vigentes, bem ao gosto de um público nada inquieto.

5 VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, v. I, 1969, p. 467.

Com o simbolismo e suas idéias, mantêm afinidades expressionistas e surrealistas, que também procuram no lado obscuro da razão. Como ele, também são movimentos pouco considerados na literatura e nas artes plásticas do Brasil. Costuma-se identificar o modernismo brasileiro com uma vertente cubo-futurista, deixando à margem outras vertentes não preocupadas com o nacionalismo e a história.

A leitura dos contos de Gonzaga Duque pode ajudar a estabelecer relações, a recuperar elos perdidos. Além de nos fazer esquecer, por momentos, esta visão pragmática com que nos envolvemos, num mundo ao qual a racionalidade moderna deu a aparência de que funciona como um relógio. Mas a lógica pode ser outra, e os acasos ou a arte nos levam a encontrá-la.

PEQUENOS FORMATOS

Julio Castañon Guimarães

A forma mais explícita como no romance de Gonzaga Duque, *Mocidade morta*, se dá a relação entre literatura e artes plásticas é pela tematização do mundo das artes plásticas. Todavia, também de vários outros modos essas relações se produzem no romance - e o produzem -, em decorrência mesmo das próprias possibilidades da forma romanesca.

No livro de contos, *Horto de mágoas*, a situação se modifica substancialmente. Não é que desapareça o nexos com as artes plásticas, mas sobretudo se desvanece aquela tematização que, junto com os outros elementos de aproximação, faziam de *Mocidade morta* um romance estético com traços ensaísticos.

Nos contos, o caráter fragmentário e conciso estabelece outros planos em que, porém, a presença ainda de alguns elementos encontrados também no romance é fundamental. Vejam-se primeiro esses elementos comuns. Trata-se, sumariamente, da peculiaridade da linguagem (com o uso de palavras raras, com um vocabulário proveniente da linguagem própria das artes plásticas, com a invenção vocabular e com uma composição estilística que envolve complexas construções sintáticas); da elaboração permanente do texto já no momento mesmo de sua redação, como se percebe nos manuscritos subsistentes, infelizmente pouquíssimos, em que se registram emendas produzidas tipicamente no correr da escrita; e o retoque, se não permanente, pelo menos freqüente, dos textos, como se pode verificar não só nos contos publicados em periódicos e republicados no volume *Horto de mágoas*, mas até mesmo na republicação de um mesmo conto em mais de um periódico. Este é o caso do conto "Idílio roxo", publicado em 1895 na *Rio-Revista* e republicado em 1906 em *Kosmos* com consideráveis reelaborações.

Esse complexo de dados gera, no alentado romance, certos traços que tornam peculiar a manipulação do gênero. Associado à fragmentação e à concisão dos contos, esse mesmo complexo permite, naturalmente, que estes ganhem contornos redefinidores também deste outro gênero, o conto.

Alguns detalhamentos prévios podem ajudar. Assim, seria possível indagar o porquê do vocabulário raro, da invenção vocabular, da sintaxe inusual. Certamente isto não se deve apenas a uma intenção exclusivamente estilística. Muito, com certeza, está preso ao intento de uma “escrita artística”. Mas a tudo subjaz uma concepção estética que conduz à noção norteadora das correspondências. Estas se dão, não apenas como concepção dos elementos do universo, mas no próprio texto, entre vários de seus componentes, em seus diferentes níveis.

Não é difícil verificar que em *Horto de mágoas*, ao lado de alguns textos que sem dúvida se classificam como contos, outros se situam mais facilmente entre a prosa poética (de fato, não chegam ao poema em prosa) e a crônica. Essa liberdade de composição faz parte da prosa que se filia ao decadentismo-simbolismo. E a prosa de *Horto de mágoas* se prende a essa tendência tanto pelo estilo, em que se pode ver o nítido projeto de desenvolver de forma supremamente elaborada os procedimentos estilísticos, quanto pela seleção a dedô de episódios místico-ocultistas transcorridos em espaços de extremado requinte e carregados, além do mais, de referências estéticas. Um trecho de um dos contos, “Confirmação”, em que o narrador descreve o personagem esteta, exemplifica, se não todos, muitos dos aspectos referidos:

A sua voz era quente e meiga, com um quase imperceptível tremor nervoso que, acentuando as sílabas, lapidava certas palavras com o esmero facetado de pedras preciosas. Ao demais, o seu intelectualismo cultivado, independente de ortodoxias limitadoras, tinha o encanto duma ardorosa imaginativa e, por isso, seus exageros teóricos, expostos numa cintilante linguagem de inéditos neologismos,

lhe davam às imagens e às idéias o feitio bizantino duma arte meticulosa e requintada.

O requinte sempre enfatizado funciona como elo entre a dimensão místico-ocultista e a concepção estética, estabelecendo o princípio de correspondência. O requinte aí não é apenas um vício de época, uma neurose banalizada como tema. É uma busca de raridades, dentro de um projeto de criação insuflado pela invenção.

O aspecto mais visível da atitude de Gonzaga Duque em seus textos é sem dúvida o vocabulário. Este é que mais chama a atenção, não só pelo uso de palavras incomuns, mas também pela criação de novas palavras. Neste ponto, Gonzaga Duque não está distante de uma rarefeita tradição de criadores - de Odorico Mendes a Haroldo de Campos - que vibratilizam (para usar termo empregado por Gonzaga Duque) o texto pela atuação direta sobre as potencialidades da língua.

Aqui se lê “ventremular vesperescente de orvalhada”, ali “clareavam nas carquilhas da sua cara a consolação”, em outro ponto “asas espalmas, plasplaceando ondulantes e esgueiradas”, em outro ainda “nessa tarde verânica, cochonilhada em estratos para o ocaso fosforescente” e ainda em outro “roído em lapas, anfracto e bravio, no clangoroso desamparo dos mares”. O jogo sonoro, a palavra resgatada de velhos textos, a palavra buscada na imaginação possibilitada pela língua, são procedimentos que tecem a estranheza do texto de Gonzaga Duque. Acima de tudo, associam-se à reelaboração do texto, aos personagens incomuns, às minúcias da descrição, às sucessivas referências a artistas plásticos (aqui Turner, ali Corot) e a elementos plásticos (cores, texturas, processos técnicos, como aquarela).

Em *Mocidade morta*, logo no início do romance, há um elemento capital, um quadro a óleo de grandes dimensões. Em *Horto de mágoas*, as grandes dimensões são abandonadas, em troca de pequenos formatos. Dimensionados a princípio como contos, os textos são ainda redimensionados como gênero - são a contraparte textual de uma imaginação estética em que tem espaço preponderante a dimensão visual. Os contos se produzem

então com a busca incessante das pinceladas de uma palavra inventada, de outra palavra rara, de uma palavra substituída, da referência a uma cor, do ensaio de reprodução de uma cor pela associação sonora de algumas palavras e assim por diante. Desvanecem-se os contornos mais nítidos do gênero, e ficam imagens requintadamente elaboradas, perseguidas em cada minúcia da trama de um texto, imagens de um ideal estético de renovação.

SOBRE O TEXTO DESTA EDIÇÃO

Julio Castañon Guimarães

HISTÓRICO

Horto de mágoas só teve uma edição antes desta. Em sua folha de rosto, lê-se: “GONZAGA DUQUE / HORTO DE MAGUAS/ (contos) / [vinheta] / BENJAMIN DE AQUILA - EDITOR / Rua do Carmo, 19, Sobrado / RIO DE JANEIRO / - / 1914”. No falso rosto, em que se estampa o colofão, lê-se: “HORTO DE MAGUAS / Tip. da Empresa Liter. e Tipográfica / **Oficinas movidas a electricidade**/ R. Elias Garcia, 184 * Pôrto * MCMXIV”. O exemplar compulsado pertence à Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Como Gonzaga Duque morreu em 1911, trata-se, portanto, a edição de 1914, de edição póstuma, o que suscita alguns problemas para a edição de texto. A esses problemas podem somar-se outros, advindos do fato exposto pelo colofão, a impressão em Portugal.

Não se tem documentação conhecida que ateste ter sido o volume cuidado por Gonzaga Duque, ou seja, não há comprovação de que tenha sido organizado pelo autor, de que este lhe tenha dado título ou de que tenha deixado originais preparados. Do mesmo modo, não há informação sobre como se deu a edição em Portugal, de que poderiam decorrer problemas de revisão.

A questão é enfatizada por algumas das características do texto de Gonzaga Duque - seu vocabulário raro, com recurso a neologismos, e suas construções complexas. Sabe-se que no caso de seu romance, *Mocidade morta*, houve gravíssimos problemas de revisão.

Não se tem conhecimento de que subsistam manuscritos dos

contos. Há, porém, outras versões, se não de todos, pelo menos de alguns deles. Gonzaga Duque exerceu grande atividade na imprensa, fazendo crítica literária e crítica de artes plásticas, e também publicando crônicas e contos. Dos doze contos enfeitados em *Horto de mágoas*, oito foram localizados em publicações periódicas em vida do autor (em que pese à pesquisa minuciosa, não se elimina a possibilidade de ainda haver outros casos, lembrando-se, a propósito, a dificuldade de acesso aos numerosos periódicos de pequena circulação e breve duração na virada de século - de alguns não se tem coleção completa, de outros se tem não mais que a referência). Foram localizadas publicações de outros contos de *Horto de mágoas*, além das aqui referidas, mas, por serem póstumas, deixavam de ter interesse para o preparo da presente edição.

São as seguintes as versões em periódicos, em vida do autor, de contos de *Horto de mágoas*: “Posse suprema”, em *Revista Contemporânea*, ano II, série III - nº 5, nº 8, maio de 1901; “Sob a estola da morte”, em *Atheneida*, ano 1, nºs. 8, 9 e 10 [1903]; “Ciúme póstumo”, em *Kosmos*, ano 2, nº 7, julho de 1905; “Benditos olhos”, em *Kosmos*, ano 2, nº 12, dezembro de 1905; “Idílio roxo”, em *Kosmos*, ano 3, nº 12, dezembro de 1906; “Morte do palhaço”, em *Kosmos*, ano 4, nº 1, janeiro de 1907; “Aquela mulher”, em *Kosmos*, ano 4, nº 3, março de 1907; “Agonia por semelhança”, em *Kosmos*, ano 4, nº 11, novembro de 1907.

No caso do conto “Idílio roxo”, há ainda uma outra versão em periódico, mais antiga que a acima referida. Trata-se da versão publicada na *Rio-Revista*, em março de 1895. (Os periódicos referidos foram consultados na Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa.) Não foi arrolada entre as outras, utilizadas no preparo da presente edição, por se tratar de versão substancialmente modificada pela que se pode ler na *Kosmos*. Esta apresenta em vários trechos uma outra redação do conto em relação à anterior. Portanto, a versão da *Rio-Revista* não auxiliaria no estabelecimento de texto tal como proposto aqui, com vista ao preparo de uma edição fidedigna. A função dessa que se pode considerar uma protoversão só cabe ser explorada em uma edição crítica.

Tendo em vista que o livro é póstumo, poder-se-ia, no caso dos contos com versões em periódico em vida do autor, levantar a hipótese de tomar essas versões como base para a presente edição. Todavia, o exame das versões em livro e em periódicos permite verificar a existência de diversas modificações cujo caráter se pode considerar autoral. Isto leva a algumas suposições: entre as versões em periódicos e o livro houve pelo menos outra versão, que talvez seja o original do livro; daí se pode ainda depreender que foi o autor que preparou o volume e, provavelmente, lhe terá dado o título tão peculiar.

Tendo em vista o fato concreto das alterações de caráter autoral, tomou-se como base para todos os contos desta edição o texto do livro. No entanto, a questão não é tão pacífica. Há evidentes erros de revisão tanto nos periódicos quanto no livro; alguns - nem todos - dos erros dos periódicos foram corrigidos no livro, onde, porém, ainda outros se introduziram; somando-se a isto as singularidades do autor e as alterações de caráter autoral, tem-se o quadro de dificuldades para o estabelecimento do texto.

A existência das versões em periódicos sem dúvida foi fundamental para a compreensão de diversos passos dos textos, inclusive, por analogia, nos casos dos contos que não foram localizados em periódicos. Do mesmo modo, de grande valia foi a possibilidade de acesso à edição de *Mocidade morta* preparada por Adriano da Gama Kury. Os critérios e as soluções aí adotadas, bem como os estudos e notas de Adriano da Gama Kury e Alexandre Eulálio que integram o volume, auxiliaram no esclarecimento de muitas das dificuldades surgidas no preparo desta edição de *Horto de mágoas*.

NOTAS DE EDIÇÃO

Como já referido, a presente edição adotou o texto da primeira edição em livro. Valeu-se, porém, de contribuição advinda do cotejo com os contos publicados em periódicos, cotejo que possibi-

litou tanto uma melhor compreensão dos problemas do texto quanto a efetiva emenda de várias passagens. Todavia, como esta não se destina a ser uma edição crítica, não são expostas aqui todas as discrepâncias levantadas a partir do cotejo entre as versões em livro e em periódicos. São apresentados apenas uns poucos casos - quando se deixou de seguir a versão em livro, por se poder considerá-la no passo em questão algum tipo de erro, e se seguiu o periódico; e quando, mesmo sendo seguida a versão do livro, se julgou conveniente apresentar em nota a do periódico, por se tratar de passagem problemática.

Essas poucas notas acima referidas são apresentadas em rodapé. A origem do texto é dada pelas seguintes siglas (identificadas entre parênteses): HM (*Horto de mágoas*), KO (*Kosmos*), AT (*Atheneida*) e RC (*Revista Contemporânea*). No texto, um asterisco remete para a nota. Nesta transcreve-se desde o primeiro vocábulo invariante imediatamente anterior ao trecho divergente até o vocábulo invariante imediatamente posterior.

CRITÉRIOS DE ESTABELECIMENTO DO TEXTO

No estabelecimento do texto da presente edição, procedeu-se à atualização ortográfica, isto é, à adequação do texto às normas definidas pelo Formulário Ortográfico de 1943, com as modificações introduzidas por disposição legal de 1971. Todavia, foram preservadas algumas formas que poderiam representar uso peculiar do período ou do autor. Nessa preservação, procurou-se, porém, uma disposição em relação ao texto que não fosse excessivamente conservadora, mas que levasse sempre em bastante conta o aspecto, de grande importância, que o texto tem como documento lingüístico.

Erros tipográficos óbvios foram corrigidos, sem que se julgasse necessário arrolá-los, pois não têm maior significação para a compreensão do preparo do texto. No entanto, é preciso salientar

que vários desses erros consistiam na substituição de uma forma vocabular por outra, fato nem sempre facilmente identificável como erro. É o caso, por exemplo, de “causa” no lugar de “cauda”, de “imerso” no de “imenso” ou de “cartões” no de “castões”. Vários desses erros puderam ser detectados a partir do confronto entre os textos do livro e os dos periódicos.

Outros casos são os que poderiam levar a supor alguma invenção vocabular do autor. Estão incluídas aí formas como “codiforme”, que não encontra explicação etimológica plausível, de modo que foi modificada para “cordiforme”; “amorarizando”, na mesma situação, tendo sido modificada para “amoralizando”; e “bostega”, na mesma situação, tendo sido modificada para “bostela”, vocábulo este empregado pelo autor em outra passagem do livro.

Corrigiram-se impropriedades como “cavaleiro” no lugar de “cavalheiro”, mas se preservaram construções como “o quer que fosse” ou o uso no feminino singular em “da Flandres”.

Alguns erros, impropriedades de transcrição ou inadequação a critérios atuais se verificavam em nomes próprios, muitos deles estrangeiros. Foram também emendados, como no caso de “Peladam”, “Aleppo”, “Parhos”, “Crooks” ou “Tuner”, que passaram, respectivamente, a “Peladân”, “Alepo”, “Paros”, “Crookes” e “Turner”. Respeitaram-se algumas formas adotadas pelo autor, embora não correntes, como “Yedo”, em lugar de “Edo” (antigo nome de Tóquio), ou *Panteu*, traduzindo o título de um livro de Peladan, *Panthée*.

No caso de grupos como *cc*, *ct*, *bt* e *pt*, foram eles conservados apenas em vocábulos para os quais ainda hoje se admite esse uso no português do Brasil. Assim, “arquitectavam” passa a “arquitetavam”, “luctar” a “lutar”, “distincta” a “distinta”, “subtil” a “sutil”, “esculpturação” a “esculturação” e assim por diante, mas permanecem formas como “inaccessibilidade”, “estupecfata”, “contacto” ou “consumptiva”.

Respeitou-se o emprego do autor, às vezes oscilante, de vocábulos com possibilidade da alternância da seqüência vocálica *oi/ou*, como em “baloiçou”, “oiro”, “loira”, “agoiro”, “poisou”,

“pousou”, “doudejava”, etc.

No caso dos vocábulos em que hoje ocorre a seqüência vocálica *eia*, procedeu-se à ditongação sempre que no texto de Gonzaga Duque tal não se dava. Desse modo, vocábulos como “idéa”, “nymphéas”, “matraqueam”, “chasquea” e “colea” passam respectivamente a “idéia”, “ninféias”, “matraqueiam”, “chasqueia” e “coleia”. Quando, ao contrário, essa ditongação se dava em posição átona em vocábulos que hoje se grafam apenas com um “e”, manteve-se a ditongação, tendo em vista que tal representa uma pronúncia da época ainda hoje ouvida. Assim, permanecem formas como “alheiado”, “devagueiando” e “voltejavam”.

No caso da alternância *e/i* em posição pretônica, como há oscilação no uso do autor, optou-se pelas formas hoje usuais. No texto de Gonzaga Duque, encontra-se o uso tanto de “ceremonial” quanto de “cerimonial”, tanto de “arripiou” quanto de “arrepio”; desse modo, formas como “ceremonial”, “arripiou”, “proccissional”, “repetisse” e “dispertava” passaram respectivamente a “cerimonial”, “arrepio”, “processional”, “repetisse” e “despertava”.

Preservaram-se ainda outras formas peculiares da época ou do autor, bem como formas dicionarizadas, mas de emprego menos corrente. Estão nestes casos vocábulos como “peior” (em lugar de “pior”), “bolbo” (em lugar de “bulbo”), “presaga” (em lugar de “pressaga”), “bitumosa” (em lugar de “betumosa”). No mesmo plano, está a preferência de Gonzaga Duque, com ares de erudição, pelas terminações *is*, *um* e *us* em lugar de *e* e *o* em vocábulos como “círrus”, “êxtasis”, “paládium”, “grífus”, “metempsicósis”, “mórbus”, todos preservados com essas formas. Excetua-se “stractus”, modificado para “estrato”, já que aquela forma não se justifica etimologicamente (a origem, de fato, é *stratum*).

Merece aqui menção também a questão da tonicidade. Respeitou-se “microbato”, já que o autor acentua graficamente o vocábulo “microbátó” (as formas dicionarizadas, além de proparoxítonas, não apresentam essa terminação - “micróbata”,

“micróbate”). Em “bohemia”, como o autor não acentuou graficamente o vocábulo, poder-se-ia admitir “boemia”, forma também corrente na época; optou-se, porém, por “boêmia”, tendo em vista que esta era a prosódia de autores cultos, entre os quais obviamente se inclui Gonzaga Duque.

O autor emprega com muita freqüência a elisão, bem como formas aferéticas e apocopadas sem elisão. Respeitou-se a elisão, desde que não em formas hoje integradas em vocábulos individualizados - assim, por exemplo, “lh’o” e “d’esse” passam a “lho” e “desse”, mas permanecem “d’alma”, “d’oiro”, “d’inverno”, “su’alma”, “trint’anos”, “pel’acridade”, “ind’assim”, etc. No caso das formas aferéticas e apocopadas sem elisão, respeitou-se o uso do autor, por vezes oscilante, mas com possível intenção estilística, tendo em vista as características de seu texto. Exemplo evidente desse intuito expressivo, musical mesmo, é o emprego das formas “inda” e “ainda” na mesma oração, no início de um dos últimos parágrafos do conto “Sob a estola da morte”: “E ela ’inda lhe fala, ainda espera um milagre”. Foram, assim, mantidas formas como “té”, “través”, “val”, “des” e “stagnado”. O apóstrofo foi preservado mesmo no caso de vocábulos dicionarizados na forma aferética ou apocopada sem o apóstrofo (“val”, “té”, “inda”), pois, como o texto de Gonzaga Duque se situa num nível culto, o emprego do apóstrofo por parte do autor poderia estar enfatizando a consciência e a intenção de um determinado uso.

Formas, geralmente adverbiais, grafadas separadamente por Gonzaga Duque foram adaptadas à convenção hoje em vigor. Assim, casos como “de vagar”, “sobre tudo”, “de balde”, “de mais”, “de certo”, “em póz” e “a miúde” foram emendados para “devagar”, “sobretudo”, “debalde”, “demais”, “decerto”, “empós” e “amiúde”.

Os estrangeirismos empregados por Gonzaga Duque não receberam em seu texto tratamento padronizado em termos de realce material, isto é, ora surgem grafados em itálico, ora em redondo. Na presente edição, foram todos sistematicamente grafados em itálico. Há, porém, alguns casos que merecem comentário. A ausência de itálico em certos vocábulos, empregados com

a grafia original, não significa em definitivo que já fossem considerados como que a meio do caminho de integração à língua portuguesa - simplesmente não havia preocupação com uma padronização gráfica nesse aspecto. Certamente, quando Gonzaga Duque emprega *chic* ou *tic*, ainda que sem realce, está empregando palavras estrangeiras; por isso, foram respeitadas nesta edição em sua forma original, ou seja, sem aportuguesamento e com o realce do itálico.

Um pouco diferente é o caso de vocábulos a meio do aportuguesamento, como “gouachadas”, em que se preserva na sílaba inicial a forma gráfica do francês, junto com terminação portuguesa. Foi mantido como tal, pois representativo de uma fase lingüística do português, mas sem o realce do itálico.

Praticamente todos os casos de realce gráfico empregado pelo autor foram respeitados, ainda que para vários deles não se perceba motivo plausível, que não razões expressivas. Em umas poucas situações julgou-se procedente nesta edição fazer alterações em proveito de uma melhor sistematização - passou-se para itálico o título de um livro que aparecia em redondo; abandonou-se o emprego de versais e versaletes pelo de maiúsculas ou caixa baixa em itálico; e quando havia o emprego de maiúsculas e outra forma de realce, abandonou-se esta outra forma de realce.

No tocante ao emprego especificamente de maiúsculas, cabe lembrar sua utilização pelos simbolistas em geral e o papel por elas desempenhado em seus textos. Assim, respeitou-se integralmente o uso de Gonzaga Duque, mesmo quando parecia não haver justificativa razoável; a justificativa, na verdade, é a intenção expressiva do autor.

O uso do autor em termos de pontuação também merece respeito quase integral. Não só por ser por considerada questão de interpretação e, nesse aspecto, ter-se por princípio que a melhor interpretação é a do autor, mas também porque Gonzaga Duque se revela em seus textos um conhecedor da língua, sendo estrito na observância dos melhores usos, inclusive de pontuação (e dentro dessa adesão aos melhores usos soube desenvolver sua dimensão

inovadora). Assim, houve emendas em pouquíssimos casos - alguns por evidente erro tipográfico e outros, envolvendo vírgula e travessão (ou aspas), por uma questão de melhor adaptação às convenções atuais. Esta última situação se deu na indicação de diálogos e de discurso direto e indireto.

VOCABULÁRIO E GLOSSÁRIO

O léxico de Gonzaga Duque se caracteriza não só pelo emprego de vocábulos raros, mas também pela criação de novos vocábulos. Naturalmente, para o estabelecimento de texto, estes dados criam algumas dificuldades, como comprovar a existência tal e qual desta ou daquela palavra, dar como efetiva vontade do autor uma determinada criação vocabular (e não como possível deslize tipográfico). Em muitas situações, várias inequívocas, esta edição acatou como autorais uma série de vocábulos não localizados nos principais léxicos.

Tendo em vista essas peculiaridades, julgou-se proveitoso incorporar a esta edição um glossário dos vocábulos de uso menos freqüente na linguagem corrente empregados pelo autor. Todavia, com esse propósito geral seria necessário arrolar um número excessivo de vocábulos. Era preciso, portanto, delimitar o universo desse glossário. Optou-se, então, por tomar como parâmetro a 2ª edição (até agora, a última) do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, já que se trata de uma referência amplamente reconhecida.

Tomou-se como critério incluir no glossário todo vocábulo que não constasse do *Aurélio*. Esses vocábulos, quando encontrados em outros dicionários, vêm acompanhados de acepções extraídas dessas obras. Nestes casos, é sempre mencionado o dicionário em apreço. No caso dos vocábulos não encontrados em nenhum dos dicionários consultados, é fornecida pelos menos a base de sua formação, de modo a auxiliar sua compreensão. Alguns vocábulos foram encontrados no *Vocabulário da Acade-*

mia Brasileira de Letras, o que é assinalado, mas neste caso, como essa obra não traz acepções, o glossário fornece ainda apenas a base da formação do vocábulo. Alguns casos obscuros são devidamente assinalados. São também assinalados aqueles casos em que o autor emprega o vocábulo com acepção distinta da que consta nos léxicos.

Logo após o vocábulo, registra-se entre parênteses o número da página do livro em que ele ocorre pela primeira vez; em alguns casos, indica-se mais de uma página quando se julgou conveniente, para melhor compreensão, assinalar mais de uma ocorrência.

No glossário estão traduzidos todos os vocábulos e expressões em outras línguas. Nestes casos, não se considerou necessário indicar nem as páginas de ocorrência, nem os léxicos consultados.

Este glossário em primeiro lugar atende à facilitação da leitura. Em segundo lugar, fornece elementos para uma melhor visão do universo vocabular de Gonzaga Duque. O número de vocábulos por ele empregado e não constantes de um dicionário como o *Aurélio* mostra o nível de seu vocabulário. Além disso, o número de vocábulos não constantes de quaisquer dos léxicos consultados mostra, pelo menos em parte, a criatividade com que manipulava a língua, em função de suas concepções estéticas. (Vale ressaltar que o fato de o vocábulo não estar nos léxicos consultados não aponta de forma conclusiva para a condição de vocábulo forjado por Gonzaga Duque; sempre será possível admitir que ocorra em algum léxico não consultado ou mesmo em algum outro autor. Somente um estudo em autores e léxicos contemporâneos de Gonzaga Duque daria um quadro mais exato desse campo.)

São os seguintes os léxicos consultados, com a menção, ao final de cada item bibliográfico, da forma como são sinteticamente referidos no corpo do glossário:

1) *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete. 2. ed. brasileira. Rio de Janeiro: Delta, 1964. 5 v. (Aulete)

2) *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Na Typographia Lacerdina, 1813. 2 v. Edição fac-similada pela *Revista de Língua Portuguesa*, 1922. (Morais)

3) *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Moraes e Silva. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949-1959. 12 v. (Morais 10)

4) *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. 5 v. (Laudelino)

5) *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 2. ed., revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (Aurélio)

6) *Novo dicionário nacional*, de Carlos Teschauer. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1928. (Teschauer)

7) *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Bloch, 1981. (Voc.)

Este trabalho, que contou, na etapa de localização dos contos em periódicos e de cotejo dos textos, com a colaboração de Vera Lins, foi realizado dentro do projeto de estudo do pré-modernismo desenvolvido pelo setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa.

HORTO DE MÁGOAS

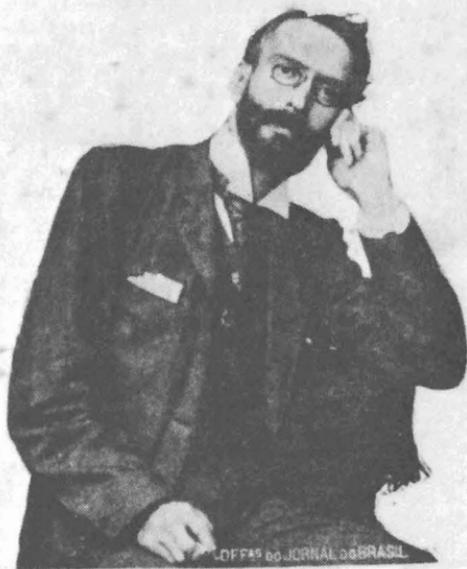
REVISTA
CONTEMPORÂNEA

DIRECTOR

LEIZ EDMUNDO

REDACÇÃO

CARLOS GOES, GARDOSO JUNIOR, GASTRO MOURA,
ELYSIO FONSEGA, LUCILIO ALBUQUERQUE
E JAYME GUIMARÃES



OFFICINA DO JORNAL DO BRASIL

GONZAGA DUQUE

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO ANÔNIMA

REDACÇÃO

RUA DO RIACHUELO, 13

RIO DE JANEIRO - BRAZIL

MAIO — 1901

ASSIGNATURA: ANNO, 02000

Capa da Revista Contemporânea, de maio de 1901, com retrato de Gonzaga Duque.

POSSE SUPREMA*

O velho sino do mosteiro arfou nos eixos, baloiçou o bojo e, num arremesso acrobático, esboqueado para o ar, rodou arrastando o tangedor pela concavidade fônica e despejou o rebôo do alarma fúnebre sobre a extensão quieta da cidade, à hora branca desse crepúsculo doentio de inverno em vésperas.

E logo, acordando sobre a dormência final do eco, outro, além, bamboou o *requiem* de sua mágoa... e outros, de pontos afastados – das torres emerges do sarapintado fervilhar das casarias; de torres grisatas das distâncias, no círculo imenso das últimas habitações limítrofes – tangeram o responsório cavo do *De profundis* que vibrava largo, pela agonia açucenal da tarde, ecoando nos horizontes o estrugido lamentoso das exéquias.

Nesse momento oscilava, descendo os grandes, vastos degraus raspados do marmóreo paço real, rica padiola de lhama rutilante, ansiando a pesada marchetaria de sueiras, onde** se inteiriçava, sob o fofu acoberto de rosas olorentes e camélias nevadas, o virgem corpo da bem-amada princesa Eugênia, filha extremada e única do Rei, morta de uma misteriosa moléstia inqualificada no diagnóstico complicado das patologias.

Parecia inda um sonho, pelo imprevisito da notícia, esse golpe que a cidade lastimava em massa processional é almafegada ao saimento, arrastando-se das lóbregas vielas clórias, empoeirada dos caminhos desabrigados das terreolas próximas, lamurienta e humilde, ciciando credos contritos que surdinavam estonteando o ar como lufadas glácidas do outono.

Toda esta gente respeitosa em vão buscava compreender como

* RC (após o título): A Roberto Mendes

**RC: onde inteiriçava-se embalsamado, sob

podia acabar assim, uma tão meiga e donzela Senhora, delgada e alta, do lance delicado e nobre das bizarras flores ornamentais dos braços, que possuía mansuetudes piedosas de Protetora a que o fulvo ensolarado de seus cabelos longos espargia clarões aureolantes d' Aparição angélica.

E quem podia alvear o lutulento segredo daquela morte, se a ciência da camarilha régia encolhera desalentadamente os ombros, aturdida e vexada, diante desse fim repentino, quando a meiga e donzela Senhora, alta noite, à luz do velário lavrado e na parcearia familiar das serviçais, falava docemente do seu noivado vespéral!...

Fora de repente, como num assalto de encruzilhada trevosa, que ela caiu ao pronunciar o nome do esposo prometido. Ia dizer – Dom Arnaldo... E o sabor delicioso desse nome esbranquiçou-lhe os lábios, ela toda tremeu, desvairada, numa ânsia, mais lívida que as camélias* na cumplicidade dormente do jardim realengo. Por duas vezes levou a brancura de seus dedos fuselados à nuca, acusando o raspo rilhento de uma dor medular, e rolou a braceira do móvel com um grito agudo, estrídulo, aterrorizante, d'alma arrancada na ponta resplandecente de um estilete assassino. À madrugada era cadáver esse precioso ente que os olhos do rei fitavam, pasmados, na petrificação da mágoa inconsolável de perdê-lo.

E mais linda ela ficou, na pompa nevada do seu vestuário nubente, adormecida escultural, a fulva cabeleira em bandós singelos, presa na capela d' oiro – pérolas irisadas no entrelaço de jáspeos botões imáculos e, no tope, em trifólio heráldico, a pupila acesa de uma grande esmeralda rara.

Até o anel dinástico que era de uso dos adolescentes, o rei mandou que o deixassem como lho conservara sempre! – e porque vira, quando começaram a cortar o aro, por se lhe haver estreitado ao dedo, um arpão de corte magoar aquela serena Carne morta, pálida e linda, que lhe enchera a refina e os ouvidos da ondulação musical da sua divina plástica, pelos silentes salões severos, abafados em colgaduras d' Arras, pelos frios corredores de azulejo e mármore, sob as abóbadas sonoras do paço.

Tornara-se-lhe fatal, tornara-se-lhe desventura essa celigênea beleza d' Enviada... Ah! ninguém sabia!... tornara-se-lhe desventura essa beleza celeste – androgínea imagem de arcanjo, branca de Paros e banhada pela luz gloriosa do primeiro sol das Messes... Por ser assim

* RC: camélias lívidas na

tão bela, paralisou-se-lhe o sangue no pequeno coração pálpito.

Ela, por acaso, tinha contado às suas camareiras que havia um moreno rapaz, do tipo quente das terras santas da Palestina, que, senhor de uns olhos negros, a escravizava com uma força estranha, sem que lhe houvesse energia para resistir à imperiosa fixação das belas e firmes pupilas. Às vezes, nas liturgias festivas da Sé, se abaixava o pálio de suas pálpebras à contagem recolhida e atenta do rosário, uma ardência occipital, como se lhe mordesse a placa de um cáustico, fazia-a volver a cabeça, com lentidões mansas de automatismo, para o aglomerado em que se achava esse moço; e, desde logo, o estio claro de seus olhos ficava sobre ele numa calma de meio-dia, aclarando-o em apoteose à força dominadora de sua beleza manceba. Se, nas cerimônias dos torneios, sorria à indiscrição de suas Damas, involuntariamente, fatalmente, esse sorriso, começado em resposta, conduzia-se para ele, marmorizando-se-lhe nos lábios para gozo dele, tão só dele!... porque era para ele que seus olhos se volviam humildes como dois anhos imbeles e perdidos. Onde quer que fosse, onde quer que estivesse, o belo mancebo aí estaria sempre, fazendo dela uma escrava pelo poder magnético do seu olhar...

Depois, ele se fora. Nunca mais o vira.

Mas, em sonhos, nos pensamentos das matinas, nos cismares das Trindades, irradiava-se-lhe a visão completa desse desconhecido moreno, belo e forte como os moços tostados da Samaria.

Isso contou a princesa Eugênia às Senhoras suas Aias, e no mosteiro da cidade, por uma fria tarde d'inverno, entrou descalço e sombrio um pobre rapaz, que tomou na ordenação monástica o nome religioso de frei Hildebrando de Santa Eugênia.

Penitência e vigílias de remissão, votiva talvez, feitas com tanta humildade e provações, o santificaram no espírito misericordioso da comunidade. Mas, não o viram, os velhos monges, ao atravessar o claustro, em cujo fundo uma pesada lâmpada de prata cochilava eternamente a sua claridade diante da loira efígie de uma Virgem, dobrar os joelhos, e, em êxtasis, contemplá-la como uma recordação evocada... Não o viram no segregamento da cela, horas perdidas da noite, estender a mão nervosa ao esconderijo da sua enxerga e retirar uma pequena chapa de cobre polido, misteriosa e inseparável, onde, por estudada combinação de ácidos de uma obscura alquimia, se impregnara uma linda imagem amada, torso helênico de forma, refletido no momento em que a cabeça voltava lenta sobre o túrgido rebolo do ombro...

Uma vez que a frívola curiosidade mundana feriu a palrice dos monges, moscardeando pelo refeitório a notícia do próximo matrimônio da princesa Eugênia, frei Hildebrando, de costume absorto, enregelou-se como um cadáver, ergueu-se ao depois, profundamente emocionado em passos inconscientes de microbato e foi genuflexear-se diante da efígie loira da Virgem, prostrado e humílimo, faces no chão, gorgorejando rezas confusas que lhe sacudiam por espaços o tronco em convulsões de soluços. Muito mais tarde, já batera no carrilhão a undécima badalada do repouso, frei Hildebrando retirou-se para a cela, levando escondido nas mãos o rosto que, quando a quando, erguia em súplica ao céu, num desespero implorativo de relapso aterrorizado. E, mal fechou a porta, desabou de joelhos à frente da velha cruz d'ébano, pendente do muro, a dizer frases fervorosas de aflitiva confissão.

Lentas foram as palavras smorzando, ciciando, extinguindo-se na chaga de sua boca. Viera-lhe um torpor. Abriu os olhos pasmos, gota-serenizados para o vácuo. Súbito, porém, arrastou-se à enxerga, arrancou* a chapa imagética e, já erguido, caminhou devagar para junto do cirio que ardia sua lâmina de fogo, empolando a cera na haste lívida como um franjal de lança.

Pesava na cela um silêncio funéreo, esbatendo-se em friagens sepulcrais na caligem mortuária dos muros, velha greda de abandono, em que sua alta estatura de monge, plantada defronte da luz penitente, alongava a negridão de uma trágica sombra goyática, e, neste silêncio de crime, o bater delirante do seu coração repercutia como secas marteladas últimas de um esquife que se prepara, às pressas...

Toda su'alma afluíra ao chamejar das pupilas; falavam seus lábios de sangue, sem modular sons... Uma rajada convulsiva abalou-o. Ele arquejou... Mais cavo e dolorido tornara-se-lhe o rosto. Por momentos, escondeu no seio aquela imagem, levada com ambas as mãos febris, olhar erguido, chamando a piedade de Deus. Por momentos, levou-a apaixonadamente à quentura da boca, pálpebras descidas, evocando a visão bem-amada. Então, como um albor que dessora do crepúsculo, água-tintando o horizonte, vagaroso surdiu, esmaecendo na chapa, o miniaturado retrato da princesa Eugênia. Reluziu ao fundo a cabeleira ruivácea, tal veludo d'oiro que longe passa na penumbra** de uma capela... Pouco a pouco ela veio se aclarando, brilhando num reluzir de

* RC: arrancou do escondrijo a

**RC: penumbra morna de

luar ovante. Aflorou numa corola flava – fez-se sol. Ao mesmo instante, suas faces que eram indecisões espectrais, seus olhos que vacilavam um griseo vago de madrugada, surgiram encantadamente vivos!

Antes que ele pudesse gozar a transfiguração de seu enlevo nessa miniatura tornada realidade, a visão esmoreceu, se diluindo... no grisato translúcido da chapa apagou-se.

A mão de frei Hildebrando, num impulso mau, empolgou o crucifixo d'estanho, no cordão cintural da oparlanda e com o ângulo do extremo riscou a chapa. A aresta angular apanhou a imagem pela nuca, mas a força empregada desviou a cruz que zigzegagueou o rasgo, o repisou; por fim, desceu violentamente, partindo-se. Vacilou-lhe o pulso febril, abatera-se-lhe a mão raivosa.

E sobre o sombrio acidulado da chapa um filão vermelho de cobre luzia, à claridade do círio, numa liquidificação pálpita de sangue... moleza viva de carne ferida.

.....
O órgão emudecera.

Ainda, por instantes, ficou vibrando, revolteando, com os últimos derramos de incensário, aquela dor de súplica que* o eco dos salmos terminados fazia misérrima sob o mutismo da** mole arquitetural.

E grave e cabisbaixa e múmura retirou-se à comunidade, como sombras de pesadelos, ao clarão das tochas veladoras. Plasplacearam sandálias. Agoiros torcicolaram-se nos frios lajedos do templo, ao vago agitar das estamenhas, pelo ritmo processional dos passos.

– ...*Oremus*...

Caiu a frase contrita dos monges.

A nave reboou; célere o som subiu pelos conjuntados fustes das colunas, alastrou-se pelo encruzamento dos arcos, repercutiu nas abóbadas, extinguindo-se – *Oremus*...

Depois, baixou o silêncio, tétrico e solene, que nem no interrompiam as preces ciciadas, quase esquecidas no pesar do sono, das monjas brancas, num vasto semicírculo d'escabelos, em guarda ao corpo sobre o cadafalso de veludos roxos.

As chamas dos círios sonolenciavam. Abria-se um espasmo, era como se a morte houvesse imobilizado tudo. Mas, logo acordadas em grifos sulfúreos, as chamas desvairadas vergastavam o ar, esfumando

*HM: que os salmos terminados fazia

**RC: da enorme móle

chicotes negros de áspides, agitando-os, esfiapando-os, desnovelando-os para a profundidade dos tetos, muito altos, esquálidos da pátina do tempo, que se arquetavam com os capitéis profusos de imensos feixes colunados, varados para cima num esvelto* aprumo inteiriço de troncos em lendária floresta branca, espectral na fuligem de um céu de carvões nublosos. Salmodiava, por fora, a rajada outonal das noites. Rarefazia-se o ambiente. Mas o ululo apavorado do vento passava, corria... E voltava, ao mormaço das tochas, o bafo fuñerário das necró-poles.

Sonhavam nos santuários os doloridos rostos das Virgens. No crepúsculo d'abside esmaeciam purezas dos linhos de ara, um alampadário ardia: fizera luar brandíssimo sobre o pedestal argentino, cinzelado e rico, do altar-mor; e tão profunda se estendera a paz mortuária que fremiu, retremulou no espaço um arfo de peito desopresso.

Nas lajes a massa escura de frei Hildebrando, que ali ficara rojada e inerte, moveu devagar, informe e viva: desdobrou-se sobre si mesma, retesou o busto – o rosto do frade aclarou-se, desperto, olhos rebuscadores e febris.

E bateram com espanto sobre a roxidão da eça.

Numa alucinação estertorante de lágrimas, histerizado e ansioso, teve pela vez primeira, ao alcance de suas mãos profanas, aquele corpo que vivera em seu cérebro, fluidificado na evocação dos visionamentos, tangível e real nas hipnosés da solidão.

Olhava-o eștranhamente como se olhasse para um doce engano desfeito, como se descerrasse pálpebras para uma verdade desiludidora, extasiado e nulificado.

Cravaram-se-lhe os olhos neste rosto impassível, mas, inutilmente, porque a sua compreensão se estorcia nos emaranhos suplicadores das dúvidas. Só muito lentamente, só depois de atendê-lo devagar, e, devagar, reunir os fragmentos das poluídas recordações, sentiu a luz íntima do entendimento luzir como braseiro de pira abandonada, e absorveu-se na fascinação eștranha desta máscara lívida que o fitava, através dos interstícios das cerradas conchas das pálpebras, com fíxo, insistente olhar de remorso. Borbulhou-lhe nos lábios uma frase de chamamento e amor, espalhou-se no vazio este nome magoado e querido, volatilizando-se num suspiro de harpa religiosa em dedos de Santa apaixonada. Pareceu-lhe, então, que este impassível rosto se reanimava

*HM: esvelto apreço inteiriço

– o arco da boca curvou à modulação de um alento, jasmineando o sorriso tímido das núpcias; no entardecimento melancólico das órbitas desceu a volúpia de uma carícia, alquebrou-se o duro olhar fitante, estrelou numa promessa.

Como se um turíbulo baloiçasse dentro de su'alma, toda ela se nublou do perfume temulento dos Sonhos, alheio a tudo, sem olhos que vissem para além do seu ídolo, sem ouvidos que ouvissem o grito rouco e uniforme das monjas, erguidas num ímpeto, e paralisadas de terror o olhavam! Automaticamente a mão do monge estendeu-se num desvelo enamorado; seus dedos correram pelos cabelos da morta, alisando-os, tremendo e persistindo ao contacto pálido de seus fios. Automaticamente seu braço serpenteou esta linda cabeça, possuiu-a num afago. Então, no crescendo da posse, no esquecimento da realidade, suas mãos profanavam a vasta mortalha flórea. Arrepiou-o uma indecisão. Mas, súbito, levantou o cadáver. Rolaram, em desfolho insolítico, camélias e rosas, rolaram, transbordando pela roxidão da eça, espalhando-se pela brancura da nave. Cresceu no espaço um cheiro penetrante e reminiscente de corolas emurchecidas – hálitos dos esquifes que se fecham e partem, deixando pelo aroma diluído no ar a flebilidade múrmura da última saudade.

A ventania bateu nos vitrais, resmoneou e foi-se uivando, e foi-se resmungando... correndo...

O monge arquejou com o peso da morta, oscilou, enfeixando-a na rijeza de'seus braços.

Com um arranco retirou-a da padiola, mas vacilou, vergou sobre os joelhos, quis reforçar, lutar, e desabou com o precioso fardo estreitado adó peito.

... Ao baque do corpo o diadema soltou-se, tilintou nas lajes. Uma pérola desgastada rolou tremulando o baço irisado do seu miúdo globo, susteve-se à base de uma coluna e ficou-se, inda a irisar-se à luz, como um olho perdido e horrorizado.

– Magoastes-vos, Senhora? – murmurou ele, ajuntando a cabeleira esparsa aberta em símbolo flamante em torno da cabeça clara como a irradiação de uma custódia.

E as frases afluíram mais delgadas e cantadas aos lábios do monge, espoucando em pétalas de florear solitário à quietitude das horas extensas do orvalho. Vinham-lhe à boca pirilampejos de meiguices, rútilos como se fossem pequeninas estrelas acendidas na túmida rubescência de um bolbo de papoula.

O balbucio da sua voz citareava na imensidade do templo uma ladainha profana e quente... que parecia se desencantar das pedras, tentadora, segredante e perversa.

À calentura dos dizeres espontavam os carinhos desta mão de ímpio que procurava, num esforço insentido, distender os braços empedernidos do cadáver, cruzados sobre a paralisada virgindade dos seios. Um deles cedeu. E Hildebrando apanhou-lhe a destra em que brilhava o aro dinástico, forçou-a, inconsciente da violência. Na palma de sua mão um corte zigagueou, abrindo uma estria gotejante com a nitidez reprodutiva do mesmíssimo rasgo da chapa imagética, naquela noite criminosa de ciúme. E uma gota de sangue poisou no lábio da princesa, deslizou à comissura desta cordiforme boca emudecida, reanimando-a, dilatando-a, pelo distendimento do traço, na tristeza de um sorriso piedoso.

De repente, no silêncio, ferros tiniram. Um guincho zimbrou sinistro.

E Hildebrando estremeceu sacudido pelo terror, levantou a cabeça, forçando o olhar para a extensão apavorante do templo, pasmo, oprimido, estrangulado, esbugalhando os olhos duvidosos ao tormento de um pavor. Fantasmas parados, em mortalhas brancas, apunhalavam-no com pupilas de aço em órbitas sem pálpebras; pulverulências cinerais d'espectros glácidos deslizavam em pelotões unidos num taciturno cerimonial de druidas, gemendo dolências de desamparo; arquejavam flácidas, tentando serpentear no espaço, as colunas marmóreas da nave por onde faiscavam gládios espiralentes de fogo em monstruosos pulsos luzentes. O recinto fizera-se maior, desdobrara-se, alargara-se como se abrangesse a imensidade. Para o fundo imenso, no termo longínquo das muralhas, sob o mistério d'abside, pés desnudados dominando um luar gélido de astro morrente, descansava à sombra cerúsea de um Executor divino, erecto e terrível, empolgando pelas extremidades, em reta sobre o regaço, a lâmina vingadora... Choravam, nos santuários, os doloridos rostos das Virgens...

Outra vez o guincho sinistro silvou, e após, num deslocamento pesado de avalanche, bateu no ar, espadanando-se, o clangor bamboante do velho sino do mosteiro.

Um turbilhão sonoro estrugiu pelos tetos, trovejou, abalando a massa arquitetural como um ciclone de maldição.

Hildebrando ergueu-se rápido. Acordado pelo alarma, apanhou atônito o cadáver da sua princesa, agarrando-o num ímpeto de socorro tardio, pelo busto rígido cujas mãos pendiam inertes, e colou esta linda

Posse suprema

cabeça marfinada ao peito do burel e reteve este corpo de noiva embalsamada nos seus estendidos e musculosos braços cingidores, dominador, desafiando os anátemas, afrontando as cóleras do céu, desdenhando da excomunhão dos homens, a boca crispada para as alturas num grito de estátua, olhos alucinados, como um soberbo grupo de arrebatamento, acusando pelo elance da postura o desespero terrível de uma posse eterna que irá como uma verdade pela noite da Loucura à constatação suprema da Morte!*

* RC: (datação ao fim do conto): Poentes de agosto de 96

AGONIA POR SEMELHANÇA

Paulo fechou sobre os dedos a brochura verde do *Panteu*, cansado do exoterismo sutil de Peladan, espreguiçou-se, bocejando, no recosto da otomana, e, na calma clara desta hora espriada do meio-dia, entre paredes nuas de um quarto forrado a novo, duma simplicidade distinta de recém-aboletado, fitou por acaso a mancha a dois tons de um lenço de seda negra, esquecido sobre o mármore cinzento do toucador.

À luz igual, coada pelos *stores* cremes, a negrura azulenta do lenço feria um contraste imagético de corvo morto na riqueza viva da porcelana rósea do serviço, e parecia um bizarrismo de esgotado em busca de impressionabilidades chocantes e imprevisas o singular despojo do tiro feito pela manhã no asseio daquele móvel de quarto, intacto de uso pela tonalidade branda da ceragem moderna do severo carvalho, cujo tampo resplandecia o cuidadoso polimento das manufaturas a capricho.

E ficou-se a contemplá-la numa fixação sonhadora, que lhe alquebrava a senectude prematura da fisionomia entediada por onde as náuseas da vida de trint'anos, inerte já para a saciação de seu espírito fatigado, encarquilhavam desprezos e consumiam a frescura epidémica dos acobertados das misérias.

E por ele, como se fosse um crepúsculo outonal que ascende da terra vaporizações cinzentas de almejos desiludidos e desce das alturas nevoamentos roxos de saudades acordadas, esta mancha negra e imóvel veio dominá-lo, a encontrar-se com as flocosidades baixantes de seu íntimo, atormentado sempre nas indagações e dúvidas hamlélicas de uma psicopatia escandinava, brumosa como os horizontes hibernais dos mares longínquos do extremo norte. E quando se fundiram as duas errantes nebulosidades – a resalta da objetividade do lenço negro, a expelida pela subjetividade febril do seu espírito agónico –, uma forma se condensou na fusão extrema, forma rubenesca de mulher veripotente, sadia da idade produtiva, com alvores lácteos em cristais palidamente

sanguíneos, trevores caliginosos de olhos incendiados e uma severidade fantástica do paládium de luar boreal sobre toda a cabeça, tocando de velhice o que era palpitantemente moço, palpitantemente forte, palpitantemente desejável.

Des'logo essa transfiguração pousou na sua atenta, em vago debuxo visionado 'té o anel da cinta donde tufavam nítidos os fortes quadris adiposos, encurvando-se para os joelhos numa opulência linear de ânfora, despertando amplexos carinhosos de braços sensuais pelo acuso vigoroso das formas sob o fidalgo reluzir da seda.

Paulo quedou a repará-la, calcando com investigação o amplo desenho do corpo, como se decalcasse do original uma cópia fidelíssima de pinacoteca, seguindo, amoroso e lento, a flexibilidade angular do suporte abdominal aberto em bifurcação esquemática de um caule afrodisíaco e fecundo – descendo empós, lento e amoroso, ao rígido delineamento das coxas, serenamente lançado numa pureza apaixonada de molhagem ática, túmida de tendões, dura de músculos, com as pletóricas academias flamengas, apoteose épica da carnalidade apolentada das mulherças robustas d'Anvers e da Flandres.

Já na rede memorativa, tinha-se-lhe intumescido uma célula reminiscente, associando a visão a uma fugitiva, apagada lembrança de corpo semelhante que se esbatia, se difundia em resíduos sepiosos de abandonada fusinagem secular, e seu espírito febricitava* no desejo de evocá-lo desse passado que lhe ficara em retalho no amontoado das recordações, desprezado entre sensações gozadas.

À proporção do esforço a reminiscência afastava-se, insubstanciava-se, diáfana, reduzida, quase incolor, desesperando-o pela inacessibilidade, supliciando-o pelo reaparecimento.

Mas teimava na doentia procura da recordação, forçando a memória para coordenar uma imagem igual, uma, esquecida já, talvez inexistente imagem, se não fora a persistência desta visão que se lhe antojara sempre e se lhe antojava hoje, mais vívida que nunca, mais remitante, mais lúcida, perseguindo-o como um remorso, espectro vingativo de quem quer que fosse, obstinando em se fazer saudoso como uma sombra sonâmbula, deslizante e melancólica de esposa morta no esfalfamento sonhador de um nupcial de uma noite, e que ele agora desejava reconstruir, chamar a si, recompô-la, revivê-la com

* HM: febricitava no amontoado

Agonia por semelhança

toda a intensidade de vida que tivera... Ia recordando aos poucos, aos poucos ia relembando; ia refazendo, ia remodelando aos poucos, aos poucos... e lentamente, e vagarosamente, parecia-lhe distinguir, muito longe, alguém semelhante a quem ele* procurava pacientemente, a quem ele rebuscava persistentemente, dolorosamente... Aventuras de estudante... Um dia em Berlim... uma saxônia amorosa... Aventuras de rapaz... Deveria ser isso. Tão fraca se desprendia da memória a torturante imagem desejada que ele apenas, unicamente, a sentia sem a ver. E reprocurava aflitivo, retrocedendo ao passado, aos tropeços por escombros de recordações, perdendo-se no reconhecimento de formas exumadas, pálidos escaveiramentos de gozos extintos, que serravam a dentuça na algidez desesperada do olvido, pasmando as órbitas vazias numa loucura de terror eterno; farrapos esqueléticos de brancuras arminhentas de ideais sucumbidos, sudários esfrangalhados de crenças perdidas; casos que existiam para a sua vida como fatalismos, acidentes por que passara, tudo que tinha rolado na desagregação dos anos e de que já perdera a noção, vinha estorvar-lhe o retroceder ansioso para a distância incalculada onde permaneceria serena, imperturbável como um ídolo budista, plantado à porta de um relicário, essa misteriosa figura de mulher esfíngica aguardando impassível a satisfação da semelhança procurada.

· Cansado pela acuidade de penetração; agoniado por tornar completa a recomposição do tipo, inutilmente transcendia do aparecimento desse pedaço de corpo para a fluidificada miragem que persistia formar nas suas reminiscências, revolvendo pelo mesmo fio relembrador à miragem primitiva, ora ainda mais acentuada, vivendo em plena vida numa realidade pavorosa de mutilada.

Aí, nestes repletos quadris, larga bacia de fecundadora proeminenciando a fartura abaulada e orgulhosa de um ventre frutificador, ele sentia o quer que fosse de alguém, talvez dessa saxônia, mulher carnuda, de uma robustez pãgã para a multiplicação da raça dos fortes e dos musculosos.

A outra deveria ter sido assim – ancas rígidas, sólidas plantas. De pé, dominando a cantina charlarenta, entre novos nevosos de fumaradas grisatas, arcabouçava o talho monumental de uma Germânia cortada em mármore... Mas o busto!... o busto!... E firmava a penetrabilidade

*HM: elle rebuscava

imaginativa a tentar a completação do desenho. Súbito mais difícil se lhe fazia a esculturação do tipo memoriado, e parecia-lhe afastar-se da aproximação por diferenças flagrantes de contornos.

Impalpável, eterizado o corpo daquela que em vão buscava; real, maravilhosamente modelado o corpo desta que se lhe não despejava da retina. O outro, o procuradô, surdia-lhe agora da confusão reminiscente, em pequenas partes, pedaços que se multiplicavam e se sucediam* infinitesimalmente – curvas ladeadas de quadris, ora deprimidos com os dolorosos raquitismos de ilíacos adolescentes, ora abundantes, rudes, da superabundância carnal das aldeãs gigantescas, desenvolvidas no afã quotidiano dos trigais e pelos remansos bucólicos das esmondas provincianas; toros de pernas – já fragmentos de colossos, avolumando, retesando as vestes, já sumidos canelos, tíbias descarnadas, macabrando na mortalha bamba do vestido... E esses retalhamentos de evocação sutilizavam-se, tenuizavam-se, lavrando nuanças atmosféricas por onde voltavam na mesma ordem caminheira de pesadelo, deslizando fantásticamente por seus olhos, sempre continuando o curso espectral de renovação sobre seus próprios esvaecimentos.

Uma fadiga amolentou-lhe o cérebro, atirou num ímpeto a brochura para longe, soergueu os ombros arrancando-se da otomana. Era horrorosa esta perseguição! Desde que o seu extravagantismo de nevrótico impulsionara-o à conquista daquela mulher, vivia neste tormento de memória, gozando a mágoa de não gozar, porque esse gozo se transformara numa amargura investigadora de semelhança que não aparecia e que existia, fosse por suposições alucinantes da imaginação ou fosse pela verdade despertadora de uma recordação empalidecida, macerada na coma consumptiva da faculdade rememorativa ou gangrenada nas agitações de uma vida extraordinária de doente**.

E dia por dia peregrinou por esta preocupação de descobrir a afinidade existente entre a amante excêntrica de hoje e alguém que vivera intimamente consigo e lhe deixara o traço semelhante cansativamente rebuscado, 'té que por uma manhã de amor, notando-a atentamente, reparou que o busto acordava vagas recordações de alguém. No momento a memória crepitou, cansada; mas, sozinho, estatelado na cama, o cigarro fumarescendo ao lábio a queima olorente de tabaco

*HM: sucediam infinitamente –

**HM: de duende.

d'Alepo começou a analisar aquele busto farto de mulher, 'través as sedas do vestido, ativando as recordações para a satisfação do desejo.

Pelo busto parecia-lhe chegar ao resultado querido. Sobretudo a garganta, de uma alvura fresca de linho novo, mas roliço como um torneio de Paros para o suporte de uma cabeça mitológica do helenismo, impressionava-o, irradiando por seu cérebro um calor revigorante de trabalho. A base do pescoço, a cava da junção do esterno mastoideano, lembrava uma bela garganta bem-amada, rico aparelho de sonoridades de contralto por onde se evolavam em fios de ouro e gotas de diamantes as notas inspiradas das músicas de Meyerbeer e Wagner, tecendo em derredor de ouvidos delicados rendilhamentos rútilos de amores e saudades.

Ele conhecera uma garganta semelhante, e mais a aproximativa valorizava-se pela correspondência igualitária do colo*, régio, digno de tão lindo pescoço, colo feito para ofegos lentos de paixão, nu, coroado das espumas valencianas de um decote de gorgorão azul, ao soro luminoso das estearinas de enormes lustres resplandcentes dos salões de luxo. Mas, onde?... Onde?... Esculturava então os ombros, a altura carnuda do rebolo, a linha contornada do braço, as cavidades gorduchentas dos cotovelos róseos e o enlaço elegante dos antebraços cujas mãos tinham o característico quirognomônico das mãos de prazer, moles e voluptuosas. E concentrava-se num recolhimento de cismas, carregado pela condensação nebulosa das lucubrações emaranhadas, algodoamentos cinzentos de tempestades formadas, laivando em jalde, os horizontes de ocasos verânicos ou vascas fosforescentes de calmaria... Na adolescência, quando o organismo recebia os** saculejos da virilidade apontada, conhecera uma mulher... que deveria ter sido assim, com aquele busto, com aquele pescoço... talvez fosse uma tia, diante de quem passara horas a notar, a namorar, silencioso, numa idolatria de desejos, a beleza radiosa de flor aberta donde se exalava o aroma sensual do Pecado, criminosamente penetrante, deliciosamente convidativo... Era-lhe como um lótus negro esse busto vestido na mesma seda preta, realçando o mesmo pescoço branco.

E essa corola lúgubre, desenhada no vago desmaio de alucinação hemiópica, metamorfoseava-se na fantasmagoria de uma florescência

*HM: do cólo, régio digno

**KO: os primeiros saculejos

desconhecida, brotada na vasa do Asphaltite, boiando sem rumo, presaga, estranha, vagando sobre a quietação bitumosa das águas malditas.

De repente, o busto forçado à ilusão depreciava-se em placidez estafada de impudicices a preço. Um dissabor amolecia-lhe os nervos, humilhava-o.

Debalde queria fugir ao desespero dessa obsessão, esquecer a impertinência mórbida da semelhança prejudgada, mas a energia alquebrava-se-lhe vencida pela hiperexcitabilidade; e, se via essa mulher, o prazer de possuí-la mudava-se no tormento de aproximá-la a alguém que lhe enfermava o espírito, que rastejava por dentro dele, cascavelando a presença letal do vírus, e estendendo na sua alma o silêncio angustioso dos isolamentos oceânicos aos prenúncios dos ciclones.

E um dia, rebuscando essa semelhança teve a visão de uma cabeça colorida, largo rosto de matrona a fazer-se, olhos insidiosos sob impulsos púberes da idade primaveral e neve sagrada de avó na cabeleira lançada para o alto, em apanho cuidado de grampos de ouro, com requintes moços de conquistas premeditadas.

Pareceu-lhe lembrar-se mais nitidamente de alguém. Existiu quem quer que fosse com aquela cabeça... E procurava sôfrego, queimando de febre pela labiríntica tecedura do estafante rebuscamento de recordações, essa apagada visão errante, espectral, voltando sempre, sempre fugindo, de que ele se despegara e a que se fundia, temendo-a, desejando-a, porque se procurava o ruído insuportável dos Rudes e dos Escandalosos o spleen do refractarismo absorvia-o, encerrado numa jaula clausal de nojo, deslocando do seu ambiente o torvelinho da Risada e da Claridade para levá-lo à percepção desse fantasma indeciso, monomaníaco, vesânia irritante de sombra criminosa; porque se procurava o exclusivismo simpático à sua idiosincrasia doentia, querendo, evocado o avantesma de suas alucinações, ele tardava, aparecia incolor, pairava em movimentos transitórios de abutre farejante, essencialmente em remotas fumeгаções de turíbulos funéreos, ou reaparecia redemoinhando numa duplicidade incomparável de formas para a deformidade indefinível das medusas. Ríctus clowíneos de caveiras riscavam-lhe os talhos labiais amoralizando-lhe a boca como uma cesura traumática.

Mas as pausas de cansaço, que se lhe afiguravam sossego, remordiam-se, desenrolavam-se em estortegões, e como sempre partia inutilmente ao enalço da semelhança, louco, lúgubre, lendário, desordenado Lear pelas estradas agrestes do encontrável, esfarrapado, angustiado,

sangrando de urzes, por noites e por dias a clamar, a gritar dentro de si próprio, por esta semelhança regressa e dismnésica; a querer saber quem ela era, a perguntar quem ela seria, sempre, sempre, angustiosamente rolando de indícios para indecisões, delirantemente arquejando por aspectos e formas, e como se clamasse numa nave vazia e como se inquirisse a desolação de um descampado sem luz do sol, sem trevas da Noite, ouvindo o eco de seus gritos, estalando em lamentos, respondendo à pergunta com a sua mesma pergunta, repelida, reproduzida, repercutida...

Um fio fosforescente apunhalou a tortura de seu cérebro com a lembrança de antiga coleção fotográfica, guardada entre maços de cartas íntimas.

Rápido correu a buscá-las; espalhou-as diante dos olhos tomando analiticamente uma a uma que lhe caíam das mãos, mudas, inúteis como esboroamentos de velho solar inabitado, nos charaviscas impenetráveis de domínio extinguido. Uma a uma... e nada!... e nada!... Moças cabeças de raparigas amadas; melancolias expressivas de tuberculosos incipientes; traços saudosos de família... Uma a uma... e nada!... e nada!...

Indiferentes então passavam por seu olhar estes cartões, amontoando-se, acumulando-se com choques secos, frêmitos múrmuros de folhas juncadas, despegadas à passagem ululante dos ventos glaciais das nevadas. Uma a uma... e nada, nada!... e nada!...

Mas, na última, um cartão carbonado e fino das oficinas de Nadar, onde se manchava a brancura serena de uma velhice nobre, rompeu estranha impressão que o fez dilatar as pálpebras, fixando nele o olhar.

Alastrou-se nos seus recessos uma quietação de chameca ao crepúsculo morrente, sob um céu implacável, tetanizado de verão; e opresso, reunindo a custo as idéias, esforçava-se por combinar, reter, apanhar todos os traços, os menores, os adivinhados apenas, deste rosto calmo, alta cabeça de Senhora, ostensiva de Virtude, dominadora como uma Eleita que lhe trazia em prostrações febris a esmorecida, diluída semelhança torturante por onde ele descia à escuridão intérmina da demência.

E por tempo vagaroso esteve analisando este rosto fotografado, comparando a honestidade expressiva desta séria fisionomia boa com a resfolegante avidez da outra; o tranqüilo olhar veludoso e protetor que a carbonagem melancolizava com o esfuziamento lúbrico das grandes pupilas funestas dessa que extravasara o satanismo da carne irritante

na histórica anormalidade de seus nervos... E, bem devagar, começou a sentir um alívio intenso pela tremura dolorosa das suspeitas, afastando-se da impressão primeira, seguro do valor diferencial dos detalhes. Ah! se era de sua mãe este retrato!...

Ressurgira. Parecia-lhe ter surdido de uma desconhecida paragem negra de hulha, solo infecto de lodo, ambiente asfíxiante de charqueadas, por onde coleia um monstro escamado de bostelas pútridas, cujas escamas viciosas, esverdeadas e ulcerentas, destilando pus, matraqueiam soturnamente à distensão nervosa do rastejo; cuja carranca feita de um crânio descarnado de gorila tem clarões orbitais de brasidos do inferno, e ri, e ri, com a enorme fauce bárbara, emaranhada de fibrilhas chagosas de carne nauseabunda, atulhada de restos macerados da Dedicção e da Honra, besuntada de escuro sangue coagulado, de rubro sangue vivo e de excremento...

Ressurgira!

Mas, desprezando a coleção fotográfica, absorvido, talvez, por este horrível pesadelo, de vexame e nojo: sacudiu a cabeça no desespero do impertinente rebuscar dessa semelhança utópica, que persistia, que se ficara em seu espírito, pirilampejando sobre o cemitério revolvido de suas ilusões e sofrimentos onde uivava a pergunta teimosa, agônica, demente: mas, onde?... onde?... onde?... como se, por ironia às pretensões de indiferente e aos desdêns de esgotado, o fatalismo incoerente da vida encarnasse nele o símbolo da Insaciedade Humana, o eterno Condenado às torturas do Além...

MORTE DO PALHAÇO

Esguio, anfracto, torturado na rude anatomia muscular dos esboços miguelangelescos, laivos de zíngaro na máscara violenta e nua, William Sommers fora o galhardo *clown* do trampolim e do trapézio, empolgando, num salto, a barra baloiçante dos aparelhos aéreos.

Fora – grifava nos comentários a parceria acrobática – porque, dum contado tempo a então, William *decaía* em contorções estranhas, imprimindo aos trabalhos singularidades incompreensíveis, movimentos desordenados, em exercícios amorfos, obscuros, ininteligíveis, de músculos e nervos, estendimentos preguiçosos de jibóia sonolenta, *tics* e tremores nervosos de pantera, sacudindo a impertinência dos moscardos, ou meneios aduncos de corvo atalaiado e lúgubre, como a combinarem expressões ensaiantes e dúbias duma arte nova.

À proporção que se reproduziam essas bizarras manifestações de acrobatismo, esquisitices de hábitos afastavam-no da convivência dos companheiros, esgrouviavam-no, com tédios prolongados, em posturas extáticas prejudgadas pelo esconso parvo dos ginastas que o alvejavam, às costas, com observações e esgares injuriantes. William contraía, em desprezo, a fria boca sarcástica e voltava à sua imobilidade meditativa.

Ele próprio não poderia explicar, se o quisesse, a transformação por que passava. Era uma necessidade que o movia impulsivamente, cuja origem ignorava. Começara por uma espécie d'enfastiamento, um cansaço dos velhos exercícios aprendidos, que executava sem orgulho, mesmo sem a consciência de encontrar neles a sua subsistência. Sobreviera-lhe, depois, uma displicência, quase a se confundir com o *spleen*, amarga e crescente, dessas cabriolas cediças, desse revolvido repertório de jogralices tradicionais, imutáveis, estafadas, remendadas com retalhos d'entremez e rebotalhos de burletas.

→ Sem saber por quê, sentia a aspiração de uma arte que se não agachasse na recolta dos dichotes de bastidores, nem repetisse

desconjuntos de títeros, mas fosse uma caricatura sintética de idéias e ações, o traço carregado e hilariante, dolorosamente sardônico, do delírio humano em todas as suas expansões, desde as que o rebaixam ao similar das lesmas viscosas, 'té as que o elevam ao icarismo dos condores arrogantes, uma forma não usada, não feita, da sátira gesticulada, delineando no exagero representativo o ridículo das intenções.

Não lhe bastariam, para tanto, os esfalfados recursos acrobáticos. Sommers queria febrilmente, procurava aflito, rebuscava delirantemente mais alguma coisa.

Que era?... Alguma coisa que devia existir, que ao certo existia, embrionária, ou completada, esparsa pelos seres ou reunida em alguma parte desconhecida, sonho ou realidade... talvez o inédito... Fosse o que fosse!... mas que o enfermava, que o enlouquecia quase, pela grandeza do almejo nos estreitos limites do seu espírito inculito.

E, atento, esmiuçador, tentaculado inteiro por sua idéia, procurava esse segredo, combinando e desfazendo planos, criando e desenhando mentalmente figuras várias, aspectos imprevisíveis, detalhes impressionantes, aproximando-se do vago debuxo duma harmonia bizarra, logo acentuada nas suas linhas componentes, logo aperfeiçoadas nas suas justaposições, mescla de tintas em correspondência reflexa de movimentos rítmicos, o gesto e a cor, a eterna Forma e o eterno Colorido completando-se reciprocamente.

Entrava, então, a avaliar, na mímica expressora duma determinada idéia, qual a *flexão* que lhe corresponderia, de que maneira conseguiria o acuso caricatural, qual a consonância colorida que deveria externar, por assim dizer: *objetivar* a intenção. Delirava em torno do seu sonho, seguindo com o olhar doentivamente crepusculado em vagares de outono a marcha trôpega dos rafeiros churros e famintos, a ironia triste dos boêmios envelhecidos; perscrutava a pupila, a atitude, os movimentos dos desamparados, os macilentos das enxovias que riem como os orangos e têm a inquietação farejadora dos roedores, a concentração múrmura dos predestinados para as galés; fundia todo esse penoso estudo em torcicolos e mímicas, em esgares e trejeitos, a lhes descobrir a característica, o flagrante, a nota dominante e certa, a expressão exata sob o desmesurado da sátira, e, esgotado, alquebrado, volvia, impacientemente, a outras investigações, a outras análises, esquecido de tudo quanto não estivesse no disco fascinante dessa obsessão, alheiado dos seus deveres, de suas gloriolas de arena, da sua própria existência material.

Morte do palhaço

Gradativamente, enquanto mergulhava nessa ambição, enquanto sonhava e tateava o tenebroso desse ignoto, perdia os favores dos empresários e a simpatia das platéias. Houve noite em que os silvos do desgosto lhe vararam o amor-próprio. William vergou-se, cortado pelo desprezo da multidão que o afrontava com o riso alvar dos seus críticos, com o motejo idiota dos seus censores, e redobrou de esforços para estertorizar a expressão desejada, para precisar a mímica reveladora e emocionante com que sonhava. Mas, como conseguir essa coisa abstrata? Onde descobrir essa misteriosa forma inovadora, esse mágico, encantado *novo* que ele pressentia e por cuja conquista se cansava?...

Debatia-se, exausto, contra insucessos, já perdido e desanimado no angustioso torvelinho das quimeras, já iludido e alentado pela luminosa bruma de imagens promissoras.

Um dia acordou-se. A vida chamou-o à realidade: seus trabalhos não mais influíam nos lucros do seu bando; muitas vezes a fome adormeceu com ele, esmagando-lhe a cabeça delirante nos torniquetes nevrálgicos, após o suplício das vigílias inquietas, que lhe estendiam sombras de demência nos cansaços da idealização. E percebeu mais nitidamente, mais pungitivamente a indiferença que o cercava. Não era só a multidão que vinha todas as noites encher a bancada do anfiteatro, pontear de caras os círculos concêntricos do *picadeiro*, quem lhe ofendia o orgulho; mas a gente da companhia, a gente da sua profissão, que o insultava com escárnios a essas tentativas, vexada em seus respeitos pela arte aprendida e tradicional, abalada em sua mediocridade por se compreender incapaz de reformar os *exercícios* que supunha imutáveis.

William encurvava os ombros humilhado e ferido, mergulhava as mãos nas algibeiras e lá se ia, arrastando passos vadios pelo granito das ruas, horas e horas, entregue ao acaso. Às vezes despertava de suas meditações na muralha dum cais deserto, às vezes num pendor de estrada solitária fora da cidade, e com o olhar fito na planura agitada das águas ou nos barrancos das montanhas, indo para o ilimitado, para o desconhecido, pelo misterioso do horizonte oceânico; parado nos recalcos das ribanceiras ornamentadas de festões de avencas e redoças floridas de madressilva, no emaranho das ramarias e docéis de frondes, esperava encontrar a forma desejada e rebuscada prevista num efeito de luz sobre a transparência corcoveante duma onda espumosa, num estranho golpe de sol sobre o mosqueado da vegetação exúbera.

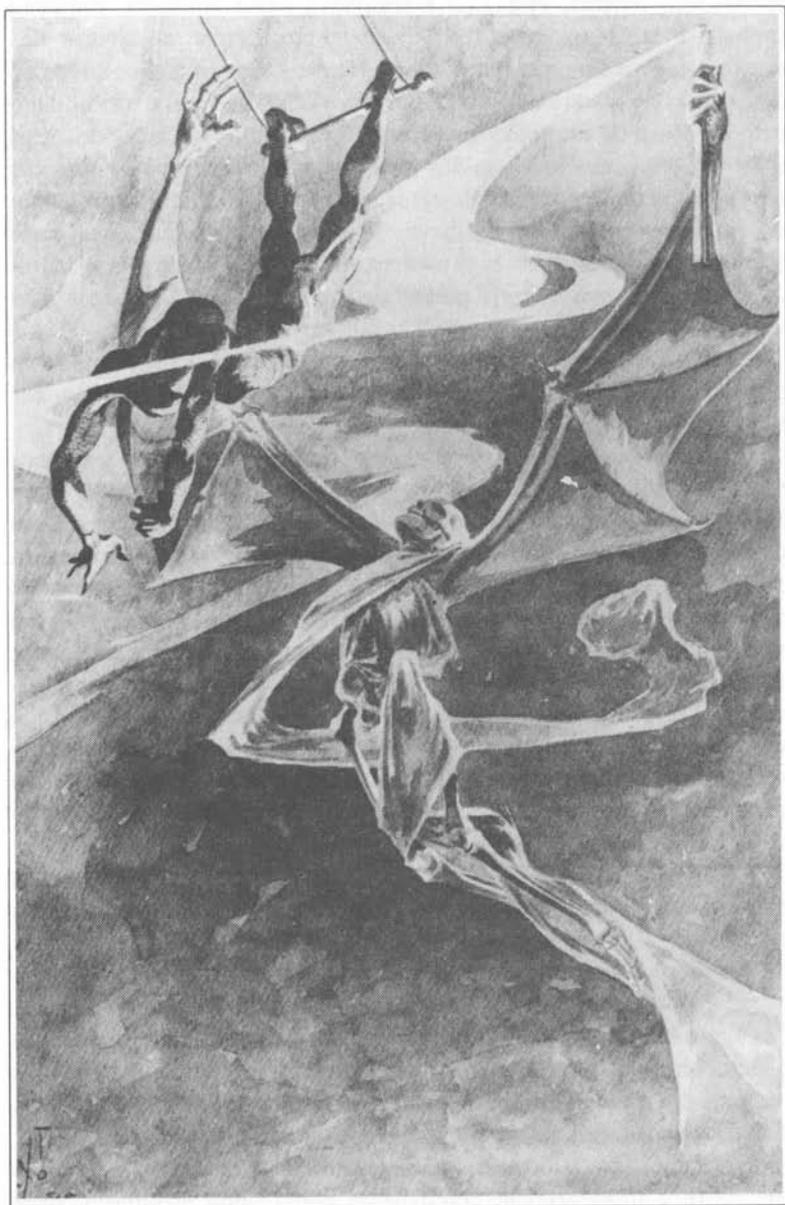


Ilustração do conto "Morte de palhaço", na revista Kosmos (1907). Desenho de Kalixto.

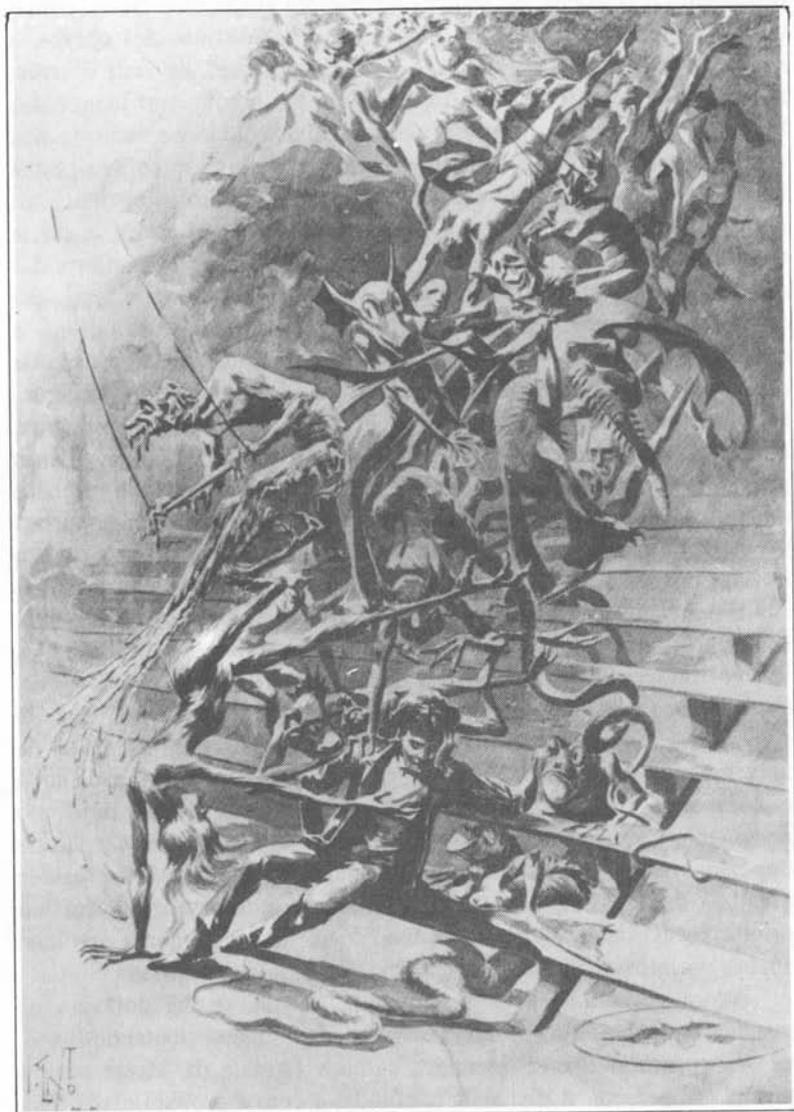


Ilustração do conto "Morte de palhaço", na revista Kosmos (1907). Desenho de Kalixto.

E dia a dia, levado no deslizar dos cismares, foi penetrando, insentidamente, numa análise sutil de formas e cores, observando os reptis, estudando-lhes os rastejos, os distendimentos coleantes, as suas precauções investigadoras, os seus arremessos alucinados. Subiu com o olhar às alturas e atendeu aos movimentos cabalísticos dos corvos, a soturnidade de suas posturas, a expectativa presaga de seus olhares; alçou a vista ao interior das florestas e notou o soberano langor dos felinos, a volúpia dos seus espreguiços e harmônico nervosismo dos seus pinchos, a segurança dos seus saltos... Comparou-os aos gestos humanos, calcou-os, fundiu-os e dessa fusão intuitiva, resultou um lúgubre sardônico e mau, que correspondia a certas cores, a certas tintas tiradas do colorido decorativo das plantas raras, das enfermidades típicas das estufas – a prateada lepra das begônias, a gangrena asfíxiante de algumas tuberosas, as escaras exóticas das orquídeas – e então combinou o seu *maillot* original, um tecido fulvo, à maneira de certos panos mesclados de púrpura e oiro da rica tecelagem d'Oriente; sobre ele, em sucessão ininterrupta, de modo a cobri-lo literalmente, minúsculos bocetes em placas translúcidas de tom plúmbeo, apenas presos por uma extremidade, formando escamosa superfície miúda e movediça. Assim vestido e assim fantasiado era um maravilhoso monstro de lendas, cuja cabeça a morte substituiria pela sua própria cabeça impressionante e fria.

E nessa noite, de repente, surdiu da farândola grasnenta dos palhaços, num arranco de trampolim – up! – que o levou à altura dos trapézios.

Foi inesperado. Um sussurro de espanto espalhou-se pelo circo. Quando ele galgou a barra do aparelho, sussurrou, retremendo o ar, um som seco e longínquo de asas de agoiro, o cascalhar indescritível de uma matraca de enterro que soa por noite alta, no silêncio de uma estrada, além... Pelo espaço coriscaram chamas vermelhas, num bafo de inferno. Os espectadores atordoaram-se e lá-cima, na oscilação do trapézio, viu-se o monstro acorçado, quedo, outra vez da translucidez plúmbea de aço horrível. Os grandes olhos ardentes brilhavam em órbitas escavacadas a bistre, na lividez de uma ossamenta artificial apenas ria imóvel, ria sem risos, a feia mandíbula descarnada.

Agora, tornara-se mais perturbador, porque se lhe notavam os meneios arrepiados e duros dum fantástico, dum funéreo abutre notívago, de cujo pescoço flácido pendia a carcaça fatídica da Morte para a platéia estupefacta. A distância confundia-o com a probabilidade dum pesadelo. Havia pupilas que fitavam com terror; em rostos exangues,

bocas descoradas retorciam gritos invocalizados. E Sommers respirou orgulhoso... Mas, se assim impressionava, porque lho não diziam pelo aplauso!...

Certo esperavam mais... Sim, talvez ele os arrebatasse numa outra prova... E o monstro sardônico, a caveira jogral, foi s'erguendo lentamente ao som de uma surdina ensaiada, foi s'erguendo como um pensamento mau que se levanta. Todo o seu esguio corpo acidulado acendeu-se vagaroso, em sulferino de carvões ardentes, tremeu como uma pequenina chama desperta. Mal se lhe via a máscara. Nessa lentidão crescente, era um crime que desponta num espírito em névoas negras de tortura. Devagar o clarão se alastrava, a tentação crescia; relâmpagos de labaredas bafejados corriam sob o palpitar sonante das escamas agitadas, num ou noutra movimento presto. De instante a instante, os gestos se sucediam, dilatados num espreguiço, aberto num aceno acolhedor; eram a languidez de um carinho, eram a posse num amplexo... Súbito, o incêndio lavrou: o palhaço redemoinhou no espaço, como se houvesse agarrado, aniquilado alguma coisa. A queda dum chuva de chumbo estalou, surdamente, refrangiu o ar, passou... E a caveira voltou à sua imobilidade lá no alto, escura e fria, a rir sem risos.

Um silêncio pesava.

Então o monstro começou a mover-se, ora em arremessos, ora aos recuos. E a barra do trapézio, compassadamente, oscilou em vaivéns mais fortes, mais longos, mais largos, 'té estender-se pelo vácuo, em baloiço.

Misteriosamente um agoiro soprou, álgido e penetrante, no íntimo de toda gente: A Morte voa!... A Morte voa... lá pelas alturas!... E pálpebras esgazearam-se, num pressentimento; ouvia-se o respirar ofegante de peitos que arquejam... E o corpo do *clown* voava d'extremo a extremo, voava vertical e rígido, de braços estendidos às amarras do aparelho, semelhante a um grifus estonteado, sob o teto do anfiteatro. Ao se avizinhar dos arcos do gás, acesos e pendentes como candelabros, reluzia todo em frias brancuras de metal polido, em sucedâneas e fulvas claridades de fornalha, fascinando e deslumbrando como ambições; mas, depressa esmorecia em deflagrações bruscas de calmaria tropical, transfigurando-se numa sombra negra e aterrorizante, de desespero vencido, ao se afastar da luz viva. Dir-se-ia que o mal pairava ali, procurando o poiso duma alma.

De repente, porém, um rumor entontecedor d'asas viris que se

encolhem para flechar a distância em assalto súbito, o monstro varou para outra barra, adiante, e foi correndo, volteando de trapézio em trapézio por um círculo de vãos e redemoinhos, quase sem forma que o recordasse, já negro e inteiriçado, já rubro e serpentino, ou em tremente globo d' aço, ou poliformidade flamurante, lembrando rapina que se debate com o valor da presa, agonia que a vitalidade repele, demônio que o exorcismo afasta, e que persistem, e que volvem, relutam, sangram, escabujam, atropelam, perseguem e recuam, galgam e são galgados, ferem e são feridos, e mais se empenham em agarrar, estrangular, arrebatar... até que, num salto duplo, ganhou o seu mirante aéreo, num longo hausto de triunfo!

Rasgaram o sussurro das respirações sôfregas guinchos de goelas ressequidas; uma voz, rouquenha d'enfado e regougante de horror, estalou afronta inconsciente, pedindo que terminasse. William estremeceu, sacolejado no seu orgulho, mas logo deu de ombros com desdém. Que lhe importaria o entendimento da turba?... Sua alma estava toda na desejada perfeição deste trabalho. Fora ele que o criara, era ele o primeiro que o executava. Amava-o, pois, como um esforço seu. Agora queria completá-lo para sua própria satisfação, porque a inédita beleza resultante de cada gesto de seus membros, de cada flexão de seus músculos, só refletia no seu próprio espírito, convergindo para sua própria admiração. E que delícia em se sentir estranho, atormentador, horroroso!...

Ei-lo pelos ares, de pé, braços em cruz, voando na cadência baloiçante do aparelho. É uma rapina que se apruma nos espaços, o ente fabuloso e híbrido cuja cauda se biparte em pernas e se eleva invertendo a posição da cabeça; uma quimera que se contorce, se distende com as seduções das sereias e se concentra na tensão muscular de um polvo. Num momento todo este corpo chameja, e essa cabeça horrorosa, semelhante à base de um Y que tem as forquilhas presas ao trapézio, bamboleia ameaçadora, olhando da treva das órbitas com desvairadas pupilas úmidas... Depois a enorme letra viva, o grande Y aéreo, toda se enverga mole e desconjuntada; dela se desprendem braços que procuram apoio e se converte num hieroglifo e se metamorfoseia numa imagem indizível, que começa por lembrar um sapo e termina por tomar a forma mista de um homem, cujo corpo exumado tivesse perdido a máscara, tendo o torso e os membros transformados em partes de monstro... E mais sinistras luziam as suas pupilas. Ouviu-se o *maillot*, agitado, chocalhar num suspiro longo. E a

Morte do palhaço

Morte correu pelos ares relampejando claridade de tocheiros em proscição noturna, ondulações flamíneas de colgaduras fúnebres que se desdobram nas câmaras ardentes...

A Morte passou!... A Morte passou!... Zuniu por todos um frio de covardia e apreensão: A Morte passou!...

Nada mais se viu. Então, irrompeu do povo um urra de ovação, sob o barulho das palmas. Mas um baque seco repercutiu no extremo da galeria. Sommers perdeu num vôo a barra de um trapézio, atravessou o vácuo, foi arrebentar o crânio numa arquitrave do teto.

Houve uma paralisia momentânea em todo o circo, gritos que se estrangularam em gargantas febris, olhares esgazeados numa alucinação extática. E os trapézios oscilavam, vazios, vagorosamente, em vaivéns sinistros.

Depressa o assombro se desfez, a multidão arrancou-se da perplexidade, numa angústia: moveu-se confusa, atropelada, em tumulto, para o lugar onde o palhaço caíra.

E lá estava ele, estatelado, inerte, sobre uma das bancadas. A caraça de caveira tornara-se-lhe horripilante. Um dos olhos esbugalhara-se-lhe da órbita escurecida a bistre e abria, desmesuradamente, a pupila sem luz para o Nada, num desespero inútil de ver, imóvel e medonha; na sua boca artificial, de dentuça descarnada, dilatava-se outra boca escura e ressequida, com um trejeito aflito, de dentes que, por contraste, pareciam alargar uma gargalhada parálitica, horrorosamente rindo.

E assim ficou-se o estranho *clown* caricaturando a Morte, tornando-a pavorosa pela ironia de ser a própria Morte que gargalhava por esta boca resfriada o desdém do seu triunfo, incontado e insentido; mas que nunca se apagaria da emotividade dos que o fitaram porque em seus pensamentos ou em seus sonhos a caveira continuaria a rir, a rir imóvel, sem risos, num desesperado, afrontoso ríctus de inexprimível sarcasmo.

CIÚME PÓSTUMO

– É curioso!... Esta flor geme nos meus dedos – disse-nos Raul, ao termo de uma noite, na sua predileta saleta da frontaria, correndo os dedos pelas finas escamas de uma sempre-viva, colhida nessa manhã, que fora de Finados, em uma cova esquecida.

Tínhamos acendido luz no trípode velário de bronze, uma preciosidade pompeiana que ele, por originalidade do seu ineditismo de artista educado e fidalgo, conservava como único meio de alumiar esse riquíssimo, miúdo bazar de raridades. E como o ar pesasse, carregado e feio lá fora, abrimos as duas estreitas vidraças de cedro esculpido. Foi preciso, porém, descer as cortinas de gaze negra, gouachadas bizarramente pela fantasia de Giacomelli numa esquisita teoria de passarinhos tropicais e ramos de lilases, para desviar o ultraje da curiosidade burguesa a esse misterioso interior de afortunado senhor, mancebo e iniciado, que consumia o ouro capitalizado de avoengos célebres numa deliciosa existência de *Mago*, sem convívio que pudesse prejudicar as sutilezas e exotismos da sua nevrose.

Estirado na otomana policroma, uma cigarrilha no lábio, Raul continuava, preguiçoso, a amaciar carícias sobre a corola pluripétala, como um antigo pajem, elegante e loiro, deveria ameigar a cabecita emplumada do falcão realengo, por saber dos beijos que a princesinha herdeira lhe dera no transbordo d'alegria, à volta da caçada venturosa.

– É curioso isto! Esta flor queixa-se ou segreda-me o quer que seja.

Fanny, uma felina rapariga cultivada pela existência dissipadora de dez anos d'Europa, nossa companheira na restrita, ignorada *élite* de Raul, que exemplarizava ao seu sexo a independência espiritual* sem as preocupações sensualizantes da feminilidade, tomou a sempre-viva para, por si própria, constatar a observação. A flor, porém,

* KO: espiritual da mulher sem

insensibilizou-se.

Fanny persistiu, colmou-a de ternuras, arranhou os finos dedos fuselados por suas escamas jaldes, arrebitou-as, feriu-as com a lanceta polida das unhas róseas, e ela sempre muda, numa letargia profunda, nula sob as lindas garras febris da nervosa ruiva!

Eu, por meu turno, fiz também a experiência; mas, em mim, a incredulidade destruía a necessária perscrutação do fenômeno. Não colhi melhor resultado.

Raul apoderou-se dela outra vez e outra vez a crassulácea gemeu, balbuciou o ruge-ruge de suas pétalas, tal se produzido fosse pelo atrito de uma delgada lasquilha de malacacheta. Dir-se-ia, ao ouvi-la, articulando sons, numa inexpressão dolorosa, ininteligente de boca fruste...

Encolhi os ombros:

– É a nossa fantasia que trabalha neste esoterismo flóreo...

– Que seja! – concluiu Raul.

Ergueu-se, foi depositá-la num vaso ampulado de Hien-fong, ostentoso entre objetos artísticos d'Oriente, sobre a caixa de um contador medievo, com pregaria e fecho de velha prata em recorte italiano. E para não perder a oportunidade de um agradável tema de palestra, ele volveu à otomana.

– Eu acredito na metempsicósis – disse, gravemente. – Talvez não saibam...

– Então, esta sempre-viva...

– Pode ser a alma d'alguém...

– Que te houvesse silenciosa, obscuramente amado, na vida... A tua Ofélia... – ironizou Fanny.

Raul, porém, afirmou:

– É sério. Pode bem ser dessa Maria Eugênia, de quem já lhes falei. O que vocês não sabem é que eu a amei sinceramente, e, se não fosse o temor de uma ação indigna dos brios de cavalheiro, talvez mesmo da minha nevrose de *Mistério*, eu a teria esposado! Maria Eugênia possuía a tentação clássica das Heloíças, o tom e a palidez cerosa das sofredoras do Amor, monjas aparentadas de noivas que mariposam, numa* ronda ciliciosa de suspiros e volatas, em derredor da enluarda amorfófolo dos sonhos... Ela era dessas mórbidas: exterioridade prometedoras de meiguices raras na plástica noturnizante das visões. Dois

* HM: numa ciliciosa

obstáculos assediavam a sua lindeza de cisne lohengrinesco, impedindo-me a resolução – uma parentela rude e a sua vulgaríssima educação de menina romântica. Temendo esses dois abismos, um guardado por *Monsieur Prudhomme* e outro por Mimi-Suspiro, recuei, fugindo da infecção amorosa, porque, em verdade, Maria Eugênia era uma mulher sedutoramente empolgante, desafiava o instinto, acabaria por matar-me.

– E por causa das dúvidas você matou-a.

Raul respondeu-me:

– Não. Quem a matou foi a sentimentalidade, por ingurgitamento... Ora bem; morta a pobre rapariga, vai isso para dois anos, se tanto!... e não tendo seus parentes recursos para lhe darem um túmulo de preço, provavelmente o seu lindo corpo ficou apodrecendo naquela terra, que eu irreverentemente pisei e aonde colhi a flor que nos preocupou...

– Demais, continuou ele, uma vez na Índia (foi em Agra) sendo eu convidado por um Khodja, que me distinguia com preciosos favores de simpatia, para um almoço em sua vivenda, realizamos a nossa festa de amizade no jardim, junto do túmulo de sua primeira e única mulher.

“Ao terminar o repasto, acesos os narguilés e aos deliciosos goles do fumegante Moka, o Khodja Abu Omer-Soleiman Daud arrancou um jasmim nascido naquele amado canteiro tumular e me iniciou num extraordinário gozo olfativo com transcendentalismos psíquicos.

“Mandou-me colher, por minhas próprias mãos, outro jasmim do mesmo canteiro e disse-me que inalasse o seu perfume. Obedeci.

“– Bem – observou o Khodja – agora, cheire este que tenho entre os dedos...

“Realmente, o olor do que ele tinha em mão era como aveludado, semelhante a uma carícia consoladora e lenta de resignada, ou semelhante ao hálito quente de uma boca de soluços a dizer a primeira palavra de perdão. Trocamos as flores; a que passou para mim, perdeu a singularidade do seu perfume, confundindo-se com os demais jasmims da sua espécie, e a que cedi ao Khodja ganhara o exalo suavíssimo e característico do primeiro. Admirei-me, mas a prova era flagrante.

“Abu Omer-Soleiman Daud fez-me uma preleção erudita a respeito e prometeu-me, no prosseguimento da nossa amizade, desvendar outros mistérios do *Ktab*...

“Nessa jubilosa manhã de almoço, aprendi, nas terras férteis da Índia maravilhosa, que as flores não só recebem as propriedades orgânicas dos corpos que lhes estrumam a terra, e que suas raízes seletam

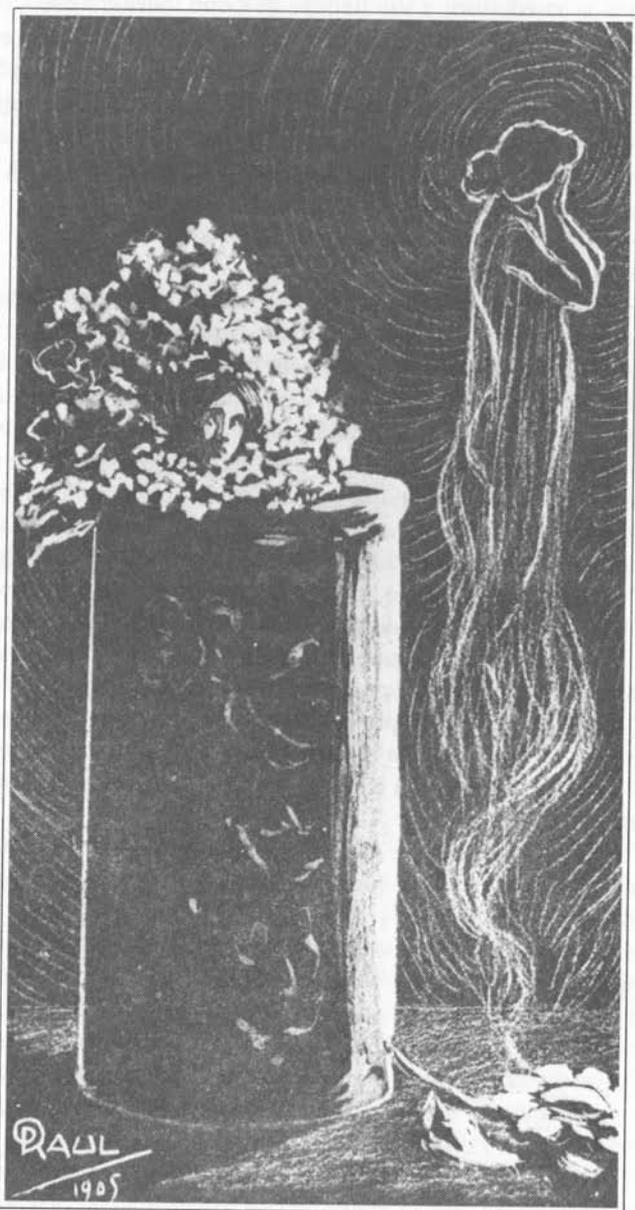


Ilustração do conto "Ciúme póstumo", na revista Kosmos (1905).
Desenho de Raul.



Ilustração do conto "Ciúme póstumo", na revista Kosmos (1905). Desenho de Raul.

consoante às necessidades de suas espécies, como recebem, também, o fluido vital e consciente que as conduziu pela existência humana...

“Foi por este motivo que eu trouxe da sepultura de minha amante, no Père Lachaise, aquele ramúsculo de miosótis, que conservo no Hien-fong... Há momentos em que, a desoras, durante o êxtasis das minhas meditações de leitura, eu o vejo revicessar como as rosas de Jericó, e eu o compreendo, porque lhes sinto os cuidados, as meiguices, da minha amorosa Ivonne... da minha pequerrucha, morena marselhesa...”

Raul calou-se, pasmado para Fanny. No cintilar das pupilas dela esfuziavam clarões duma impressão espectral; a face pálida tornara-se-lhe terrosa.

– Reparem!... – exclamou ela. – Aquela sempre-viva se move na borda do vaso...

Fixamos o olhar na ampula. Sem dúvida, a flor inclinara-se demasiado para o lado oposto ao do ramúsculo de miosótis, sem dúvida... Mas, durante o tempo que a notamos, a sua imobilidade foi completa. E, com a minha incredulidade de materialista falsificado, procurei explicar o caso por uma influência do calor, entrei logo nas demonstrações da Física com a notável tibieza de conhecimentos tarrafados em bibliotecas d’algibeira, e d’um elementarismo quase pó, tão insignificante que eu mesmo não despegava o olhar do Hien-fong, menos curioso que impressionado.

E fui notando que, pouco a pouco, a crassulácea mais se inclinara, apenas equilibrada pelo mergulho do pequenino hastil, e, com a lentidão dum fumo tenuíssimo que se desprende, arredava-se, devagar, do contacto daquele ramo a que o estreito caño da porcelana chinesa a cingia. Lento e lento o belo corimbo jalde vergou-se no bordo. Não havia a mais leve viração. Era evidente que a flor tinha movimento. Atendi-a. E vi, por vezes, um arrepio encrespar suas escamas, fazê-la estremecer. Depois, notei bem distintamente que ela se debruçava dolorida e desenganada, e mais pendia, sempre a mais, sempre vagarosa, e a mais, e a mais ’té deslocar-se de todo, mal segura pelo encurvamento imbele do pedículo. Por fim, tremeu de leve, e em silêncio – queda de lágrima que a angústia rola – despenhou-se do contador numa moleza dolente de criança a morrer.

Raul, rápido, levou a mão ao peito; empalideceu, o olhar ficara-lhe bárbaro, d’espanto, e em movimento brusco de defesa voltou-se na otomona, como se acompanhasse a sombra caminheira de um duende, que tivesse passado por suas costas, ativa, inalterável, fria, lenta,

Ciúme póstumo

branca e vingadora.

– Que fora ?... – inquirimos assustados, num estrépido confuso de idéias.

E ele, a procurar sorrir-nos:

– Eu não lhes dizia acreditar na metempsicósis?... A alma de Maria Eugênia andou por aqui. Eu vi.

SAPO!...

Quando a treva se derramou serena e lenta – o focinho repelente de um enorme sapo surgiu no envesado rasgão de uma breirha. E logo, do negrume frio da estupilha, todo o seu curto e grosso corpo mole despejou-se para o declive largo da estrada.

Sob a fuligem da noite, ele não tinha forma precisa, era uma coisa estofada e untuosa, feia e rude, que se movia aos pinchos, batendo surda e fofa na poeira calmada do caminho. E aos pulos, compassadamente, precavendo-se e perscrutando, vai tangendo na papeira, de quando em vez, a martelada sonora de um aviso. Ao repercutir da pancada, coxos desolados respondem, ao longe. O enorme sapo, então, pára e ëscura.

Que se acordou nessa alma fruste? É uma dúvida, que o retém, ou alguma lembrança, que o enleva?... E vacila...

...Há um grande silêncio, em torno, que se opõe à palpitação d'outra vida lá-baixo... Ele, porém, continua, aos arrancos, em saltos, bigorneando o seu alarma 'té a baixada do val'.

A treva densara-se. Trilos delirantes de larvíparos crivam de suspeitas a mancha negra da macega... A pouco e pouco pelas alturas, e de onde em onde, acende-se, súbito, uma estrela...

A paisagem não tem cor, debuxa-se numa carbonagem forte; recortada e chata seria sombra esfarrapada e extática ou penedia estorvante e bruta se, por vezes, não na acordassern farfalhos bocejantes da ramaria agreste...

E o sapo continua. Vai só. A solidão envolve-o, a treva protege-o. Ai dele, se alguém aparecesse e se a noite não pusesse nos socalcos da escarpa e nas touceiras das quebradas o negror das furnas! Ai dele!... porque ninguém o quer, ninguém o ama... A mão da criança desloca pedras para o lapidar, o cajado longo do pastor esgaravata-o e escorcha-o nas grotas, o bordão da velhice fere-o, as raparigas, então essas, têm-

lhe um horror como se topassem bruxedos!....

No entanto, não ferve a peçonha nas suas mandíbulas, nem possui armas para destruir os campos e arruinar as choças! É pacífico e bom, mas é feio e repulsivo. Como não mata o homem, o homem não o evita, esmaga-o. Teceram lendas, com os dedos ágeis da mentira, para o perseguir – ele é o agoiro que arrasta à desventura, é o bruxo dos feiticeiros, a alma penada do purgatório, o mensageiro do inferno. Se penetra o portal de uma choupana, fugindo aos temporais ou indo à caça dos destruidores, é que vem para secar o leite ao seio das mães, cegar criancinhas, estuprar virgindades... E a água de que bebeu logo ficou salobra, a roupa em que se roçou transformou-se num cáustico... É o sapo!

Mas, agora, nos charcos da baixada pára outra vez e olha. Passam topázios flamejantes, lanternando o negrume liso do lodo... Lírios recendem... Esmeraldas notívagas surdem das tabuas e das ninféias, num enxame... Há diamantes nas foliculas rasteiras do lameiro... Toda uma rutilação no pântano!... O sapo contempla.

Do empapaçado das margens, aqui, além, lá-baixo, retine uma orquestra bárbara, trilhante e áspera, entre cicios febris e coaxos rítmicos. Parece que é o ar que retreme, que a própria treva é uma poeira efervescente e sonora... E o sapo escuta.

Aquela massa repelente está comovida e contemplativa: e como toda a joalheria dos insetos e o murmúrio das trevas o fazem cismador, levanta os bugalhos para o céu, já recamado de estrelas. Deslumbra-se e extasia-se, a ver e a ouvir, numa fascinação que lhe traz à papeira regougos surdinados, como a ensaiar um canto...

Mas, não o diz, não o exprime. Teme perturbar a beleza que o encanta... Talvez nem o entendessem!... ou de terror estrelas e insetos fugissem, a música cessasse! É melhor ouvir e ver, em silêncio, só consigo falando. E o sapo escuta e contempla.

Pojado nas patas, retesa a cabeçorra para o alto. No arco brusco das órbitas cintilam suas pupilas cismadoras. É-lhe a postura toda embevecimento e resignação. E – quem sabe? – cada retremer de estrelas, cada fosforear de pirilampo, cada som que retine, vai gravando na sua alma rústica a rude estrofe d'algum poema rude!...

Ah! triste vivente, asqueroso batráquio, horrendo sapo!... que doce alma de poeta tu possuis! Bom e simples animal, solitária e inofensiva criatura, ninguém te quer, ninguém te ama, porque és feio, és feíssimo, tens o aspecto nojento duma bostela, e porque não ofendes, e porque

Sapo!...

não seduzes, a maldade dos homens, que é a normalidade humana, te repele, te injuria, te assassina!

És sapo! Sapo! irmão dos desgraçados que se amamentaram na Desgraça, igual aos infelizes que nasceram da Infelicidade, enxotados, batidos, infamados, porque ninguém os quer ouvir, ninguém os quer amparar!...

A tua pele é negra e horrenda, a tua forma enoja, os teus gestos, os teus movimentos, a tua obscuridade irritam... não, não podes ter uma alma, não podes ser bom. És mau e estúpido. Por quê? Porque és sapo, unicamente sapo... sapo!... sapo!...

CONFIRMAÇÃO

Às oito da noite, sob um céu claro de lua cheia e num friozinho penetrante de inverno, Carlos Fragoso bateu à minha porta.

– Não temos tempo a perder – disse-me da soleira, negando-se a entrar por inconveniência de delongas. – São sete em ponto. Dentro de trinta e cinco minutos devemos estar com mestre Pôncio.

Desci pressuroso, abafado num macfarlane e, postos em caminho, tomei o braço de Carlos.

– Não te abala essa experiência?

– Um pouco, pela curiosidade. E a ti ?

– Com franqueza, temo mais pelo insucesso do que pelo sobrenatural.

Carlos, com o seu costumário *tic* de torcer o pescoço sobre o colarinho, à direita, objetou-me:

– É porque não conheces bem o Dr. Pôncio. Eu sou como tu és, um incrédulo; considero tudo isso uma bruxaria e por mais que *Monsieur Boraduc* e *Mister William Crookes* constatem a existência de uma força consciente extra-humana, estaciono precavidamente nalgumas experiências magnéticas do coronel de Rochas, ainda assim com esse enviesado sorriso voltairiano que nos sublinha a emancipação mental sob a dúvida condescendente... e tolerante .. Mas, a justíssima reputação científica de mestre Pôncio, a sua propriedade profissional e, particularmente, esse razoável sigilo com que ele cultiva o ocultismo, me fazem crer que, realmente, há alguma coisa de verdade nas suas experiências...

Deixei Carlos Fragoso falar. A sua voz era quente e meiga, com um quase imperceptível tremor nervoso que, acentuando as sílabas, lapidava certas palavras com o esmero facetado de pedras preciosas. Ao demais, o seu intelectualismo cultivado, independente de ortodoxias limitadoras, tinha o encanto duma ardorosa imaginativa e, por isso, seus exageros teóricos, expostos numa cintilante linguagem de inéditos

neologismos, lhe davam às imagens e às idéias o feito bizantino duma arte meticulosa e requintada.

Estava, então, no período floral dos vinte e seis anos, possuía uma carta de médico, a inquietadora notícia de um avô que morrera escabujando na cela dum manicômio e a perigosa auréola donjuanesca dos amorosos irresistíveis.

Dizia-se que, havia uns três anos, uma formosa e ardente Flávia, num arremesso de paixão livre, desenastrando os lindos cabelos negros para ocultar na sua carinhosa treva perfumada a cabeça de Carlos, matara de dor e vergonha o seu próprio pai! Dizia-se mais que a formosa Flávia, não obstante esse devotamento, fora impietosamente desprezada pela preferência de uma satânica beleza outoniça, que fazia o orgulho dos salões ricos com um título comprado ao Vaticano e o escândalo de seus vestidos de luxo... Uma legenda! Mas, ao certo, Carlos Fragoso devia impressionar as viageiras do Amor, não por beleza, que essa lhe faltava, sim por seus modos singulares, dos quais resultavam estouvamentos de impulsivo e melancolias românticas de cabeça desenhada em 1830; pela expressão apaixonada do seu moreno rosto viril, a que a firmeza dos traços substituíra a escassez da barba: e mais do que, portanto, pela rápida celebridade do nome, vindo de uma família afortunada e engrandecida na publicidade louvaminheira das gazetas.

– Estamos chegados – disse Carlos, parando em frente da larga porta de um prédio vasto e vistoso.

Dentro, no saguão assoalhado de quadradinhos de mármore preto e branco, o porteiro fumava o seu cigarro, tranqüilamente recostado numa cadeira de vimes e no claro muro do fundo, vivamente iluminado pelo farol pendente do teto branco, negrejavam as enormes letras do dístico em curva: *Casa de Saúde do Dr. Pôncio de Almeida*.

Subimos. Logo, à saleta de entrada, encontramos mestre Pôncio com o seu eterno sorriso apagado. Saía do quarto dos seus doentes. Brilhavam-lhe os olhos através das lentes dos seus óculos de ouro. As suas faces escanhoadas e amarelas tinham uma expressão de cansaço, em que a tristeza do seu sorriso apagado deixava um vago de resignação. Um longo bigode grisalho pendia-lhe sobre a boca, e o cabelo falho, devastado pela calvície, que lhe alongava a testa, era negro e reluzente.

Estendeu-nos os dedos macios, com moleza, e nos foi empurrando, delicadamente, para o seu gabinete, guarnecido de altas estantes de

Confirmação

livros. O seu olhar percorreu-me de alto a baixo, mas Carlos explicou-lhe: – É o meu amigo Lúcio, de quem tenho falado...

Pôncio inclinou a cabeça, atencioso:

– Sim. Tinha-me dito que o traria.

E para mim: – As nossas emoções são idênticas nas suas causas. Sou um dos seus leitores...

Ia corresponder à gentileza, mas ele fez-nos sentar junto da sua vasta mesa de canela escura, onde os utensílios de escrita e as brochuras de leitura conservavam a ordem e o asseio dos interiores ingleses.

– Confio nos senhores, disse-nos, por isso admito-os numa das experiências que vou fazer. Em outras tenho colhido resultados extraordinários!... Mas, sobre ela nem uma palavra!... Se transpirar o que vamos assistir, a minha reputação estará perdida...

– Guardaremos o segredo, respondeu Carlos, não obstante ser um fato científico.

– Sim, é um fato científico. O que lhe falta é assentimento à experiência que contraria a educação sentimental dos homens. A prova, de hoje, devemos-la unicamente ao acaso, porque se trata de moribunda sem amizade ou parentes aqui. É uma rapariga que me foi entregue, já agonizante, por proteção oculta... São raras, são raríssimas, essas *provas*. Ah! os senhores não avaliam as dificuldades com que luto! Depende tudo de um feliz acaso, como este, e é sempre em segredo que trabalho. Nem os meus *internos* nem os meus empregados sabem do que se passa. Bem. Vamos.

Ergueu-se, encaminhando-nos por um corredor monotonamente branco. A fria intensa claridade dos aparelhos de gás fazia-o mais frio e mais longo. Respirava-se um ambiente acre de desinfetantes, que acordavam imagens incômodas de trabalhos cirúrgicos, avivadas pela sucessão de portas equidistantes e numeradas, rasgando escuros quadros oblongos n'álvura envernizada dos muros. Os nossos passos abafavam-se no capacho corrido do soalho cerado.

Dobramos por outro corredor, vaziamente branco como o primeiro, descemos uma escada. Este silêncio, estas paredes brancas, este caminhar não me aterrorizavam, deixavam-me o cérebro frouxo, sem uma comoção que me predispucesse para o que ia assistir.

Carlos caminhava em minha frente, também mudo. De repente o cenário mudou. Do patamar da escada passamos a um escuro terraço. Tive um pressentimento, o arrepio do mistério. Mestre Pôncio, que nos precedia, desenganchou os ferrolhos de pesado portão, fez-nos penetrar

as estreitas ruazitas de um jardim poeticamente sossegado ao luar.

Na friagem da noite clara, toda aveludada de luz nas alturas, toda segredo de frondes na terra, o aroma das violetas derrama-se como a tentação suspirada das serenatas sevilhanas, e, sem cuidados, antegozei a surpresa que me esperava, porque a *bruxaria* de mestre Pôncio ia-se transformando em delícias imprevistas... modernismos de higiene hospitalar, com os quais as dores fingem discretos sorrisos de coragem, portões de cenografias dramáticas, jardins amaciados pelo plenilúnio... e quando mestre Pôncio, aproximando-se de um solitário casinholo escondido entre arbustos, feriu com os dedos três pancadinhas cabalísticas na porta, apoderou-se de mim uma volúpia, prevenendo surgirem dali teorias bailantes de criadas seminuas. Mas, a porta cedeu sem ruído.

Achamo-nos numa pequenina sala, desprovida de móveis e em face de uma mulher, a quem só se podia determinar o sexo pelas vestes. Era alta, magríssima, ruiva; tinha o rosto comprido e sardento e no seu olhar de gata havia o esfuziar estranho de uma alucinação.

Passamos logo a um quarto próximo. Mal transpus a sua porta recuei com um abalo no coração. As paredes forradas ou pintadas de negro, como as câmaras dos ocultistas, o teto negro, pareciam abalar a pequena chama do gás que ardia.

Num leito colegial, junto à parede, permanecia um corpozinho raquítico, esterificado sob os lençóis, cuja brancura iluminada e em contraste com o negrume dos muros punha em relevo ceroso uma cabecita óssea, de um lindo perfil de mártir, envolta na mantilha desgrenhada de seus longos cabelos negros.

Aproximamo-nos do pequeno leito de ferro. A rapariga agonizava sem contrações. Os seus olhos, que, sem dúvida, deviam ter sido ardentemente negros, agora embutidos nas cavas cianosas das órbitas, transluziam um esverdeado sombrio; a boca fora-lhe pequena, armada em beijo e, meio descerrada, descobria uma orla de dentes certos. Arfava-lhe o peito sumido; ao longo do corpo, suas descarnadas mãos viscosas, d'um branco laivado de roxo, jaziam imóveis, com os polegares dobrados para as palmas.

Carlos observou-a. Pareceu-me vê-lo inclinar-se ao leito numa pesquisa de minudências. Mas o Dr. Pôncio nos levou às nossas cadeiras d'espectadores, pouco distantes do leito; diminuiu a chama do gás.

– Vão assistir à materialização do espírito – segredou-nos como para não perturbar o lento trabalho da morte. – Tenho a prova contrária

Confirmação

à teoria espírita, quando o astral se desprende o espírito o segue, o corpo fica abandonado, é o casulo vazio...

E para a mulher que permanecia de pé à entrada d'alcova:

– Miss Edwiges, ao seu lugar!

A mulher obedeceu como um animal domesticado. Assentou-se defronte do leito. Mestre Pôncio arregaçou os punhos, ajustou os óculos.

Apesar do estado nervoso em que me sentia, tive um sorriso com a mímica do ilustre professor, desconfiei dele. Carlos, porém, o seguia sério e interessado. Pouco a pouco deixei-me dominar por seus gestos, que eram vagos, como simples esboços de sinais aos terríveis olhos da *medium*.

Miss Edwiges ganhara uma imobilidade de estátua. Ao princípio, o fosforear de seu olhar lembrava a pupila trágica dos felinos na treva, depois alquebrou-se-lhes a intensidade fixadora, viera-lhes um torpor sonâmbulo que os manteve paralisados e vazios.

Então mestre Pôncio tocou-me levemente no ombro, chamando-me a atenção para o leito. Agucei o olhar. Esperei. Os segundos corriam menos velozes que o meu coração. Ouvia, bem distintamente, o respirar opresso de Carlos. Súbito o corpo de *Miss Edwiges* estremeceu, e eu também estremeci, quase sufocado. Doíam-me os olhos no esforço do atendimento. Em torno de nós a escuridão aumentava, víamo-nos, uns aos outros, como infinidades espectrais que a concentração atenta deformava. Pôncio, de pé, apenas tocado pela cochilante luz do gás, parecia-me satânico e os reflexos de seus óculos me davam a impressão de órbitas vazias; o busto anguloso de *Miss Edwiges*, a sua cabeça imóvel, os seus olhos vítreos e sem pestanejar, afiguravam-se-me um morto que ali o tivessem assentado...

Outra vez *Miss Edwiges* estremeceu, percebi-lhe a mão direita, sobre o regaço, contrair-se. E vi, bem claramente vi, vi com estes olhos que tenho, vi com a consciência que possuo, um halo de cor azulada, incerto, estonteado, ondulante como a primeira chama de um *punch* a crescer no espaço. Não tinha forma, era unicamente um farrapo de névoa luminosa.

A mão crispada de Carlos agarrou-me o braço, ouvi a sua voz surdamente dizer-me: “É assombroso !” E devagueiando o olhar desvairado de um para o outro lado, de pessoa em pessoa, notei que o rosto de *Miss Edwiges* se alterara, seus cabelos ruivos erriçavam-se, as narinas inflavam-se-lhe num resfolego esfalfante. Era, em verdade,

assombroso! E continuei a olhar. A névoa luminosa densava-se. Devagar, demoradamente, com a lentidão de uma chama que a aragem castiga, doudejava no ar, alguns momentos ameaçou extinguir-se, mas de novo se refez, de novo se recompôs. Já se lhe adivinhava o debuxo duma forma humana, a silhueta indicativa de um corpo desenhado a enxofre sobre a escuridão de um muro. A cabeça tomara contorno preciso. O sombrio dos cabelos acentuara-se, tal se fosse conseguido com fumaça negra; e todo o oval do rosto afirmou-se num traço de luz. Dir-se-ia uma imagem de vitral pintada, em tons brandos, com uma tinta maravilhosa. Viam-se-lhe os olhos negros, o nariz direito e fino, a boca rubra tão delicada que lembraria um ninho minúsculo de coral para o sono de núpcias de uma abelha feita de neve...

E essa figura criada no vazio do espaço, viva da intangibilidade de suas formas, parou diante de nós, olhou-nos demoradamente e estranhamente até que, num lento volver de cabeça, fixou suas pupilas transparentes, mas ardentemente negras, no rosto transfigurado de Carlos.

O meu amigo ergueu-se num ímpeto de terror, e quis fugir, mas o braço luminoso do espectro o conteve e como Carlos, assombrado, voltasse o rosto para ela, vimo-la tomar-lhe a cabeça entre as mãos ambas e beijar-lhe na boca...

Um grito rompeu o terrível silêncio da alcova, um grito que navalhou os recessos dos que o ouviram e se resumia todo no pavor de um nome que fora amado – Flávia!... E Carlos Fragoso desabou no chão, com todo o peso do seu corpo para sempre inutilizado.

BENDITOS OLHOS!

Esta página é o esforço vitorioso de um pobre espírito, crepusculado nas misérias fatais das existências incompreendidas, de um ex-escrevente de cartório. Por vigílias não contadas, ele esculpiu suas frases, com sonambulizados vagares dos macilentos monges-artistas que eternizaram, na prata valiosa dos alampadários, as angústias de suas almas; e, como os obscuros monges escaveirados, ele deixou para a pompa de sua "Religião" o idealismo cinzelado de seus sonhos.

"Quem já viu olhos mais lindos?..."

Ah! decerto, ninguém os viu tão lindos, dessa misteriosa refulgência de onda brava, no encurvo extenso do pincho sobre o areal estendido das praias oceânicas!...

Assim, ninguém os viu jamais!

A soberba fulguração de um olho claro de esmeralda engastada, sobre a tumescência láctea do alto colo de princesas loiras, ou tudo que pode existir de carícia no sossego de uma fronde nova, não terão quanto esses lindos olhos tinham de Amor e de Sol!...

E eu que o escreva, e eu que o diga a todo o mundo, para que todo o mundo saiba como na obscuridade de uma alma de escrevente desprezível se forma e se ilumina o poema espiritual de um culto escrito na pulsação de cada segundo, a cada gotejar de sangue, desde um dia morno de igreja floreada para o cerimonial litúrgico da serena padroeira, em lenho esculpida, que ele apenas vislumbrou no seu nicho de gesso e oiro, rica na envoltura rútila de seus preciosos vestidos régios.

Mas... ó gloriosa Senhora dos Céus! por que negar?... Eu vos lobriguei, eu vos percebi mal distintamente, nessa festiva manhã da vossa comemoração. Esses lindos olhos me dominavam, me escravizavam com a estranha claridade de sua luz; me prendiam e me arrastavam pela irresistibilidade da sua misteriosa cor de onda aberta,

espumejante onda de mar livre, que eu fantasiei na lucidez da imagem sugerida: côncava, enorme, verde liquescente, reluzindo ao clarão verdíneo de uma apoteose primaveral, e súbita estacada para o esplendor de seu exúbero colorido de águas em massa, à ardentia canicular dos flavos meses tropicais.

Maus, criminosos que eles foram, esses lindos olhos!... Eu os bendigo.

Em derredor nada mais existia senão eles. Em vão procurei a resignada quietude das Virgens – elas me apareciam nos diluimentos dos vagos sonhos através uma gaze malva e tenuíssima; inutilmente dilatei as pálpebras, divaguei o olhar atônico, vazio, idiotado pela pompa dos ouropéis estrelantes, pelos fartos, rubros veludos ornamentais, e eles ficavam na minha retina, insensivelmente, incompreendidamente, como devem ficar as coisas nos eixos ópticos de um bambino ou na impotência perceptiva dos imbecis.

No entanto se o meu olhar parava no olhar daquela *esguia madressilva pálida*, moça em flor, mas flor delicada e breve, eu via, faiscando no seu íris, a prata esculpida dos altares; bruniduras decorativas das volutas e dos frisos lá estavam cintilando como estrias sutis de topázios britados; e, de quando por quando, num volver de cabeça, lento como o suspiroso ofego de um seio, no lírial dos seus globos oculares resplandeciam cristais, logo esmaecendo vagarosos em crepitações mudas; numa suave luz de lâmpada veladora, luz mais suave, mais agoniada que a amargura bruxoleante dos círiais acesos... Então, como se os bafos olorosos do incenso, como se a nervosa mágoa gemida dos violinos para eles fossem, para eles subissem, esses lindos olhos se toldavam de penumbras veludas do recolhimento e cismas, longe visionando, evocando cenas que eu não sei, que eu não saberei jamais, jamais...

Ó meu pobre coração sangrado!

Tudo que sei, tudo que conto, é que o cerimonial religioso da gloriosa Senhora dos Céus esteve para mim na lindeza desse lindos olhos verdes; e quando eles se foram eu nada pude ver, à grande luz da tarde, senão uma enorme mancha vermelha, onde dois infusórios de oiro subiam em avanços forçados e rítmicos, surdindo pela fluidez sanguínea do vermelho espaço...

Por que fugiram se eu tinha os meus olhos cheios desses lindos olhos?

Verdade foi que os não encontrei em nenhum rosto, por mais que

Benditos olhos!

os buscasse, notando todos os olhos que por mim passaram, mas, fosse pela obsessão de os ver e muito os desejar, fosse pela aberração estimativa da transparente, maravilhosa tinta que os tornava tão lindos, eu os sentia vivos dentro de minha alma, vivos diante de mim, na ramagem fecunda das árvores, na tranqüilidade ciânica do mar, mesmo no azul do céu, no incolor molecular do ambiente... E sempre verdes... e sempre verdes!...

Nunca amei tanto esta linda cor verde!

De manhã, assim que a orvalhada começava a lantejoular, lagrimando os tinhorões e roseirais num jardim vizinho, batia para os muros as caturras gelosias da minha água-furtada de telhado velho, e estacava, de bruço ao peitoril, a contemplar, a analisar o rico verde das plantas fecundadas em botões virgíneos e desabrochamentos púberes...

Amadas meticulosidades de botânico estudioso, paixões esmiuçantes de cultivador exótico, carinhos atentos, todas as pacientes, pequeninas observações de estufa e de laboratórios, nasciam no meu íntimo, viçandoo como o verde de um campo em maio, trazendo para ele – íntimo humilde de humilíssimo escrevente de cartório – o alarma hosânico dos verdes novos da Primavera verdejante.

E, passando horas de espreita e análise, examinando a grama opulenta desta cor vivente, descobri sutilezas de nunças, dominantes exageros de tons, que só poderiam chegar à delicada visão de um artista de raça, singular depositário de predileções investigadoras para a emotividade egoísta do seu requinte... Eram os tons de aço temperado nas forjas de Toledo, fino aço de espadim cavalheiresco batido a pulso por Julião del Rei, que esfuziavam às vezes, sob o cáustico de luz alta, na folha larga esplanada de um tinhorão agreste; eram os suavizamentos de rubor, misto delicioso de esferoídeos sazonados de jambeiros e verdoengos rebentos de parras, que aguarelavam o grimpante esgalho ornamental das eglantinas; ou numa felicidade de folhagem fresca, no saibro roxo do jardim em curva para o recanto discreto dos idílios, o tom verde gaio do gramado, batido rude de sol, deixando para os lados doçuras remansosas de índigo sobre a cava dos ramos... Tudo quanto eu ia vendo e analisando estava, lembrava os lindos olhos da minha esguia madressilva pálida, mais lindos agora pela comparativa forçada do meu entendimento; mais, muito mais lindos agora pelo aroma que se me infiltrava no ser, derruía vigores voluntivos, deleitosamente me inebriava e me trazia ao cérebro uma nunca experimentada sensação voluptuosa de espiritualidades, como se esse aroma se exalasse daque-

les olhos, num extravasamento lascivo de corolas abertas, cedidas ao gozo prolífero do pólen arrebatado às anteras desejosas...

Ah! meu pobre coração sangrado! que não fiz eu, senhor Deus, que não me cansei para encontrar, outra vez, aqueles lindos olhos?!... Vi-os uma noite num camarote do teatro Lírico. Vi-os. Antes os não tivesse visto, benditos olhos!

Mas eu os queria, eu os buscava na agonia contada de dias sobre dias. E ali os tinha diante de mim. Hoje (tão diferentes!), traziam a melancolia de uma onda rasa na faixa areienta de um mar fechado. Não sei que esvaecimento de tarde crepusculava a esmeralda clara, a preciosa esmeralda desses olhos.

Apenas um momento houve, que os vi brilhar... foi como a fosforescência de águas despertas, na treva baixa da noite, pelo rasgo inopino e rápido de escamas prateadas de um dorso. Depois, todo o repouso desolado dos verdes obscuros caiu, velou as pupilas cismadoras desses lindos olhos. E toda a noite a me perseguir, se eu baixava as pálpebras, se fixava o espaço, fosse na claridade ou na escuridão, era uma grande mancha verde que se estendia diante de mim, onde dois infusórios de prata desciam aos recuos, forçando a fluidez verdínea do isolamento.

.....
Cheguei, enfim! a penetrar na modestíssima habitação reclusa da moça senhora dos lindos olhos.

Vassalagem submissa, humilhações recurvadas de escravo fizeram-me ganhar a singela intimidade da pacata, mansa, burguesa existência do seu lar.

Nunca reparei bem esta flor sentimental e exótica; e só neste momento, depois de tão longo tempo, é que notava, atento, encolhido à braceira de um velho sofá de família, a forma esvelta, esguia, franzina do seu corpo; com flexibilidades preguiçosas de faceirice e saculejos secos de tosse, na proeminência tímida do colo quase nulo sob o franzido flácido da fazenda dos peitinhos. Quando a tosse acometia persistente, afligindo-lhe o busto delgado e enfermo, sua boca – um pequenino coração esmaecido – partia-se sôfrega de ar, dilatada, ansiante, e por seus olhos entornava-se o Outono dos desalentos, em umidades de invernias próximas, enevoando, entristecendo o verde claro de suas pupilas, cheia de uma intensa saudade de vida não vivida, docemente brumosa de uma cor grisata de folhas fanadas...

Por uma florescente manhã de arrulos e sol, vestiram-na cuidado-



Ilustração do conto "Benditos olhos", na revista Kosmos (1905). Desenho de R. Amoedo.

samente de cetinosas brancuras nupciais e foram deitar o seu franzino corpo no forro branco-mate do caixão lilás.

Foi por minhas próprias mãos que a sua cabeça opalina, coroada do alvo florescimento simbólico dos noivados, pousou na atitude impassível e piedosa das esculturas em marfim cortadas; e, quando só, em frente à inércia dessa esvelta matéria, pronta para o ignoto sponsal da terra, comecei a notar, amante e mísero, o luar suavíssimo dos verdes translúcidos que manchava a sua face tranqüila de adormecida eterna, a frieza ósea de suas mãos, a alvura dos cetins, veio-me uma desesperada saudade de seus lindos olhos, que pareciam ter transbordado o colorido vivente das pupilas sob a algidez da sua morta querida.

E não me pude conter... Impelido pela imperiosidade de um desejo, ergui-me, fui debruçar-me, enlouquecido, sonâmbulo, sobre o ataúde... Num gesto brusco, dilatei-lhe ambas as pálpebras, e mergulhei, sôfrego, o meu olhar vivo no morto olhar desse cadáver virgem...

Para onde vos escondestes raios de esmeralda, viços de arvoredos, iriados misteriosos de ondas?...

Nesse olhar nada encontrei. Baços e inúteis tinham a tristeza abandonada das joalherias falsas... Oh! não, lindos olhos, para mim, possuíeis ainda a expressão estagnada de um carinho; luzia a extinguir-se um diminuto raio de Amor e de Sol que ficara suspenso do íris como um astro parado, farolando o tormento de uma alma para suspeita consoladora de vigílias...

E a fitá-los, diante dos meus olhos alastrou-se o negror profundo do vácuo, por onde dois pequeninos embriões verdes, ao princípio luminosos como lapidações raras, depois escuros, fechados à luz, passaram devagar, boiando, forçando a noite desta visão.

.....
Eu vos perdi, lindos olhos, eu vos perdi!

E vou gemendo na minha alma dolorida e obscura este estribilho, que ninguém entende... Dizem, não sei, que uma crosta esverdeada e feia cobriu minhas pupilas... mas eu só vejo nesta noite aquela florescente manhã de arrulos e sol!... só vejo dois pontos verdes que descem, eternamente, aos recuos às vezes, palpitando n'agitação informe dos imperfeitos, ou sobem eternamente em avanços forçados e rítmicos, com irradiações de esmeraldas rútilas...

Que me importa o mais? Vivi por aqueles lindos olhos, amei-os, segui-os até que eles se foram para verdejar a natureza nas Primaveras álacres... E, como eles já não existem e eu já não vivo, rolo a minha

Benditos olhos!

restante existência de porta em porta, tateando muros de antigos caminhos conhecidos, ou guiado pela piedade dos que passam, choramingando súplicas para o resgate das almas sofredoras, levando sobre o íris a crosta da catarata e nos ombros a seda verde da opa esmoler, ambas verdes, ambas ainda da cor daqueles lindos olhos, daqueles benditos olhos!....”

AQUELA MULHER...

Um sussurro tremia quando Ela passava, delgada, de um delgado flexível e balouçante de cegonha solitária, branca como os mármore lavados, e ruiva, mas desse ruivo flamante e rubro que lembra o cobre a resfriar empós o calor da forja.

Sobre a alta golilha de veludo, a mais das vezes rubi, destacava-se-lhe a cabeça num áspero oval d'escultura primitiva*, mento aguçado e liso, a cisura da boca em golpe de lâmina, o aquilino frio do nariz terminando em ventas dilatadas de animal de caça, olhos cinzentos entre pestanas de prata em órbitas de crime e sobranceiras a traço de pincel. Da testa percebia-se-lhe dois dedos apenas, e o mais era a trunfa fulmínea, o incêndio satânico da sua cabeleira em que se ostentavam escandalosos chapéus de preço, das mais extravagantes formas da moda e da mais nítida confecção do luxo.

Às três horas, pelas ruas d'exibições, Ela surgia impressionantemente fantasmagórica, no seu passo firme e lançado de penalta. tecidos ricos amortalhando seu esqueleto bizarro, trescalante de aromas mornos de que se enchia o ar no movimento da sua marcha.

Os dandinados vadios, que se preparam para os hospícios e para os cárceres, lapidavam-na com pilhérias ultrajantes, que Ela não ouvia ou fingia não ouvir; os senis e os parvos, enfronhados no respeito conselheiral de suas sobrecasacas ou com estudados desdêns de académicos, chasqueavam-lhe ao bater dos tacões; e as velutinadas bonecas da elegância crispavam-lhe os lábios com desprezos ofensivos, invejando-lhe, porém, os panos do vestuário, o requinte dos utensílios mundanos: desde o desenho original dos longos grampos de ouro, das finas carteiras de mão filigranadas em Yedo sobre marfim da Índia, da singular riqueza dos alfinetes das gargantilhas e dos argolões dos

* HM: primitiva, muito aguçado

pulsos, 'té os lindos pára-sóis de castões artísticos, as *balayeuses* rendadas das saias e a beleza das luvas.

Corria, pela bisbilhotice das calçadas, que Ela, essa pefambulante caricatura da Morte em alto *chic* de *season* e polvilhos perfumados, era a múmia bem-querida à excentricidade de um *lord* milionário, que vagamundeava seu *spleen* por países de sol e terras virgens.

Ao certo, porém, ninguém lhe conhecia a origem nem lhe sabia o viver.

Entretanto, a estranha criatura, que excitava hostilidades e fecundava invejas, atraindo o olhar da multidão sem se inquietar com ele, indiferente às normas e rompendo com a firmeza duma Evidência a teia visgosa dos comentários da Hipocrisia, era um ser delicado, espiritualmente meigo e bem diverso em tudo dessa aparência de ironia lúgubre de Rops com requintes de atriz famosa.

Surpreendida na sua intimidade, nos aposentos duma English Pension alcandorada nos barrocais dum monte, paredes brancas entre vergadas mangueiras velhas e pouco distante de fragas musgosas, enfestoadas de avencas, por onde cantava uma estreita faixa d'água nascente, aí surpreendida nessa locanda de vilegiatura a que seu entendimento de arte e o seu educado gosto de peregrina das civilizações deram o encanto dum pequeno Corot pendente sobre o divã, e um rutilante ocaso marinho de Turner, enchendo três palmos do muro junto ao qual mandara colocar o piano para desfastio de suas leituras, é que se a admirava em todo o seu valor de mulher, como os inapreciáveis exotismos duma flora fantástica sob os vidros das estufas.

Aí, sim; aí tinha-se o ameaço, a *aura* da vertigem, de uma temulência prazerosa, ouvindo-se-lhe a voz clara e acre, tal devera ser a das Nixes, acaso falassem elas, porque havia nessa boca o frescor salobro de uma vaga que espadana ao sol do meio-dia canicular.

Chegava-se a duvidar da realidade, por parecer enganadora a sensação auditiva! E essa voz, que se desprendia sonora e fresca, ia-se pouco a pouco semitonando em graves de uma beleza vagarosamente dominadora, que nos deixava na alma a ressonância de uma nave abobadada; era como uma torrente desencantada de sons, desperta nesses caprichosos instrumentos bárbaros do Oriente, talhados em bambus e pendentes de um eixo horizontal, que os ventos agitam e fazem gemer numa melopéia intraduzível, e às vezes semelhantes ao espumoso marulho das ondas desmanteladas, que se retraem do ponteadado dos arrecifes.

Aquela mulher...

Ouvia-se-lhe e ficava-se enleado na música desconhecida de suas frases, num meio aturdimento – que era volúpia e que era estranheza. Borbulhavam, rolavam, passavam na orquestração desses sons os mais extraordinários assuntos, os mais delicados temas de conversa – mágico microcosmo em que se desenhavam espectros levantados num crepúsculo de vetustas criptas, rondas sonâmbulas de imagens alvas, sombras cinéreas de saudades e ressurreições em debuxo de planos esmorecidos de pintura religiosa... um mundo subjetivo, impalpável, de êxtase, por horas mortas, em claustro de monjas.

Então, sobre a visagem marmórea dessa enigmática mulher transluzia uma alma, suas pupilas rebrilhavam num fulgor. E, elas, que ao princípio eram incômodas pela fixidez e tom de invernial cerrada, se transformavam, satanicamente belas, fazendo-se admirar na sua complexidade, no seu ideal conjunto, misto de *hematites* e pó de ouro, densos de noite descida nos desertos e areia faiscante de plagas sonhadas, palhetas d'esmeraldas e topázios laminados por clarões fugitivos ao esfuziar da calmaria equatorial, e prenúncios de auroras nos horizontes vastos dos países das Trovas e da Fábula.

E já toda Ela outra se mostrava.

Vinham-lhe à boca os versos de Wilde como um revolver de pérolas que saíssem dum coração sangrando; sonetos de Mallarmé, serenos e misteriosos como deuses de pedra na sombra roxa dum bosque; quadras de Samain que parecem escritas sobre veludo negro com estilele de ouro candente... Uma emoção, esmerilhenta de fino pó de rubis triturados, ruborizava, em *lavis* d'aguarela, a brancura ártica da sua pele... Flamavam-lhe os cabelos num calor de fornalhas, havia não sei quê de delirante e iluminado no seu olhar. Ela ardia! Assim vibrada lembrava uma criação infernal, nervosa Vênus dos histerismos esculpida em mármore e vivificada pelo *fiat* de um gênio maldito.

E, para aniquilar, apagar a impressão causada, num belo gesto de artista, deixava as mãos caírem sobre o teclado para o acordar num noturno de Schubert ou numa sonata de Beethoven.

Lentamente a sua algidez escultural sobrevinha, mas menos intensa, o bastante para que ela ficasse no meio-tom das visões.

E suas mãos, que a rua sempre vira enludadas, tinham a alvura das gardênia, e os dedos fuselados das virgens de Murillo, em cujas falangetas róseas cintilavam unhas cortadas em nácar, pequeninas garras acariciadoras para rasgarem Sonhos.

O piano cantava. A música parecia envolvê-la, transformá-la aos

poucos numa suave e pálida visão de amor infeliz. Seu alto busto, em leve tecido esmaiadamente verde, ou com laivos quase apagados de aguada roxa, no smorzo da tarde que se derramava, esboçava-se apenas, diluía-se numa poeira colorida de imagem evocada a que a massa de seus cabelos ruivos dava o aspecto duma recém-vinda d'além azul, trazendo por coifa a luz dos astros em formação...

E, como se a harmonia dos sons viesse diretamente da sua alma, fosse arrancada dos seus recessos, desuniam-se-lhe os lábios, entreabriam-se-lhe os dentes, e da sua garganta rompia uma surdina de acompanhamento, por vezes tão voluptuosa e embaladora, que se não se poderia afirmar se era Ela quem cantava ou se algum anjo êxul, invisível e nostálgico.

Mas, quando a grande lâmpada, pousada num brandão de metal polido e lavrado, resplandecia a sua chama sob o *abat-jour* de rendas carmesins, parecia que um encantamento mudara, com a rapidez de uma idéia, a suave imagem de há pouco em palpitante tentação de cenobita.

E logo, num gesto de afouteza, sacudindo a cabeça, fazia os cabelos desenatarem-se, num jorro de erupção vulcânica...

Enchia o ambiente um aroma de Serralho...

Dir-se-ia que a brancura nívea do seu rosto era feita da frágil porcelana imperial da China... tal reverberação lhe dava o flamar da sua cabeleira solta! Na desenvoltura do movimento escapavam-se-lhe alguns botões do roupão e, favorecido pela trama das guipurias, ia-se o nosso olhar bisbilhoteando nudezas, lambendo a carne excitante da sua gorja, 'té a suavíssima curva dos miúdos seios de estéril, mais claros e mais macios que a nata fresca de uma queijeira do Tirol.

Ela apercebia-se admirada e desejada, mas sabia ter a nimiedade da excitação: não consentia aos olhos mais do que o necessário para prejulgar, nem ao desejo senão o bastante para adivinhar.

Esquecia os botões escapados, a meia discrição das rendas, a mesquinha nudez do colo; e, indolente, desprezando cobiças, menosprezando tentativas, passava, corria os seus lindos dedos pelo teclado que estremecia, em arrepios sensuais, ao afrodisíaco, terrível contacto dessas pequeninas garras de amor...

E eram suspiros desabrochados entre esperanças e desenganos, cícios segredantes de rogos e promessas, surdos choques de beijos cheios de amor e gratidão, ou gritos violentos, arrebatamentos indômitos, uivos de crises passionais, que voltejavam pela sala, a enchiam, a

Aquela mulher...

animavam com a palpitação intensa de uma forte vida humana, e compelia à expansão do instinto sofreado, instigando-o, inflamando-o.

Mas, quando o gesto nos completava o pensamento, ainda que fosse no embaraço súplice de uma carícia, no arquear tímido de um pretendido e meigo abraço, Ela paralisava a ação e anulava o arrojado com o simples enrestar de um olhar nos olhos de quem a cobiçasse, e o deixava tartamudeante mas deslumbrado ao vê-la erguer-se, altiva e sorridente, lembrando o quer que fosse dum cisne em gruta de ópera, toda ela garbosa e fina, igual na harmonia a uma arcada magistral que sobe em trêmulo pela fiapagem sonora de um violino, igual no elance à silhueta fluida de uma santa que se ala da Terra num raio de luar das Lendas.

Bem lhe coube, àquela mulher estranha, a singular alcunha com que o risonho espiritualismo dos Delicados a aclamou: Ela foi a esfingica, lavorada *Estrofe Decadente*. De fato, isso foi, por sua perturbante originalidade e por seu incomparável espírito... Ah! estúpido olhar da Convenção, tu não sabias quanto era formosa essa mulher que julgavas feia! Não compreendeste sua beleza, porque a Sanção fez da tua visualidade um aparelho estreito e mediocrementemente sensível, onde só se refletem as imagens posadas segundo os ditames de velhas regras e de usadas teorias. O que é estranho, novo, nobre e grandioso, foge à tua apreensão – tu fitas sem entender, tu percebes sem sentir, tal o olhar do ignorante com os mundos siderais que ele confunde numa só forma e num mesmo brilho.

IDÍLIO ROXO

Sara conseguiu um dia. feliz. Os cansaços angustiosos, com que a tosse irritante a mortificava, serenaram um pouco nesta clara manhã d'equinócio.

Terminado o jantar, às cinco, a sua voz, de citara noturnizando, melodiou aos meus ouvidos:

– Vamos namorar a tarde?... Ela está linda!

Não lhe retorqui. De um salto apanhei a *casquette*, e pronto! Partamos, Sara. Eila desceu, como sempre, acompanhada, respeitosa-mente, da velha, da ereta e grave D. Maria, que nós, nas parlendas da serra, para afetar vilegiatura nobre de *touristes* da *nata*, da *upper cream*, carismamos por conta própria, inglesando seu nome n'aspereza acre de Mary. Caraterizávamos, por esta forma, o seu tipo esquelético de loira quinquagenária, penteada de bandós românticos, e dávamo-nos, pretensiosamente, ares galantes d'européismo n'agrestidade daquelas alturas verdes. Demais, para o forçado coquetismo de Sara, era isso uma nota *chic* um traço elegante de viver superior, porque essa pobre rapariga pálida, de olhos veludosos d'uvas negras – turgindo da volúpia morna de um morno quebranto – a cabeleira encaracolada, que lhe esculpia a cabeça com uma cariciosa expressão de criança romantica, possuía o elevado requinte da futilidade numa irradiação moderna e histórica de formas.

O resto de vida que se lhe esvaziava, noite a noite, nos esburgos da gosma pulmonar, dir-se-ia concentrar-se nas preocupações elegantes da sua pessoa, cuja plástica delgada d'estátua alegórica movia-se com a coleante flexibilidade das serpentes feridas.

Quando ela aparecia ao sol das dez, na sala do hotel, agitando rendas sobre rendas, numa feliz ilusão de se fazer menos magra, e mais polibétala que uma rosa branca, a encher o ambiente com trescalos fidalgos de *crab-apple*, não havia pupila que não cintilasse de desejos

acesa, nem percepção que se enganasse com a saúde artificial daquela criatura, esvelta e solerte, que siflara, angustiada, nos acessos da tosse, durante o silêncio pesado das noites.

Foi, também, por um capricho d'excelcional, procurando cercar-se de todos os insignificantes detalhes do imprevisto e do *exquis*, para fosforear o rastro da sua personalidade, que ela; um mês depois de nos conhecermos na diária da mesma locanda, carregou os sobrolhos, apumando, nervosa, a cabeça, porque eu tivera a criminosa irreverência de a chamar – *Mademoiselle* – após um scherzo de Beethoven dedilhado, ao acaso, no gasto teclado do piano frouxo, e quando a sua pequenina orelha transparente se inclinara ao pieguismo dúbio do *flirt*.

– Oh! exijo que me chame. Sara Simplesmente Sara.

Desd'esse momento, mesmo diante da gravidade ossuda da respeitável Mary, jamais meus lábios titubearam posiçarias de formalidades.

Sara passou a ser a minha meiga e íntima camaradagem, insexualizada como as Visões, apenas lembrando um vago de mulher pelo aroma de suas cambraias rendilhadas e pela insídia amolentadora de seus olhos, luminosamente negros.

– Para onde seguiremos, Sara? – perguntei.

Ela não respondeu. Tomou-me do braço e descemos para os lados tranqüilos do Sul.

Março extinguiu-se numa viuvez serena de *quaresmas* florescentes e vesperais crepúsculos agoniados de violetas machucadas. À margem do caminho, na ramaria alta das velhas árvores, por onde cigarras, ao mormaço equatorial das sextas, sanfoneavam em pós prelúdios de cicios longos, nevavam pulverizações suaves de ametistas trituradas, como se uma triste flor invisível abandonasse, no desalento dos repúdios, o pólen ressequido e inútil. E esse brando colorido de melancolias vivas derramava-se do céu pela extensão queda dos vales, alastrando-se no círculo enorme de toda a paisagem, distendendo os planos pelo esbatimento das distâncias, envolvendo a longitude num afago dormemente de lágrimas ainda não enxutas, e lilaseando a faixa do horizonte, lá-baixo, numa tenuidade de zainfe sagrado, aberto sobre a remotíssima paragem dos promettimentos fugitivos.

Iamos descendo...

Sara descansou mais sobre o meu braço a leveza do seu busto. Muda, pisando serena e certa, pupilas absortas e brumosas das sugestões sentimentais deste vagaroso crepúsculo d'Endoenças, suas pequenas narinas de nervosa resfolegavam; havia no seu respiro o rítmico

siflo, quase imperceptível, do soprar dum fole. Pelo langor do seu corpo percebi que o recolhimento da paisagem a envolvia, possuindo-a, fazendo-a penetrar o seu mistério, alentando-a pel'acridade aromática do seu bafo... E silêncio, extensões, hálitos mornos de folhas, emanações da terra, embriagavam-na, excitavam a sua imaginativa, fazendo-a construir, mentalmente, com a nostalgia da hora, o romance de tristezas que as tuberculosas soem compor, tecidos de ilusões e lembranças vagas, como uma música que expira sob a dormência de uma volúpia.

Mary, agoniada pela distância, deixara-se ficar numas lajes da escarpa.

Nós, porém, continuamos a descer, de manso, sem palavras. De repente, ela aspirou forte.

– Sente?... É o aroma dos lírios.

A estrada resvalava em curva, ao sopé da macega baixa da chapada. Estávamos na base do pendor, onde denegria a legendária Ponte dos Suspiros, cujos barrotes repercutiam o rumorejo fresco do córrego, refrangendo-se nos pedregulhos soltos da socava.

Paramos. Sara declarou que sentia fadiga, e queria penetrar-se da solidão que amodorrava o tom viúvo da tarde tristíssima.

Então, amparada pelo rebordo da ponte, 'inda braço sobre braço, aí permanecemos sem uma palavra que rompesse o silêncio de um torno, olhos postos na planície violácea, estendida para além, rasa e ampla, 'té o aglomerado tufoso dos matos, já roxeando no fusco das trevas. E nesta quietitude espasmódica de natureza adormecida, pressentia-se que de asas espalmas, plasplaceando ondulantes e esgueiradas, passava teimosa, persistente repassava, a Saudade longa das deserções eternas. Logo, pelos ramalhos pára-solados, pelo emaranhado do mato, no rastejamento das ervas, estremecia o quer que fosse, um desofêgo de peito cansado, de que o aroma branco dos brancos lírios era o hálito virgem, evolvendo-se num beijo demorado e intenso, de partida...

Neste momento, Sara falou-me baixo, queixosa e tímida:

– Sabe?... levo um grande pesar da vida...

E depois de uma pausa atalhando-me a pergunta:

– É o de nunca ter experimentado a sensação de um beijo... de amor. Oh ! nunca os lábios de um homem tocaram-me nas faces!

Quando a fixei, ela tinha inclinado a cabeça aflita, seu olhar negro e veludoso boiava no alvejamento de Desejos angustiosos, e eram tão súplices os seus lábios! era tão pedinte a sua boca! que eu tive o

impulso de lhe dar o consolo desta carícia. Mas, os bizarrismos do seu espírito d'enferma crestaram bem cedo os rebentos do meu amor; seria impossível revivescê-los agora só pelo desvario concupiscente de um gozo efêmero e favorecido. Ela, compreendendo meu pensamento, gemeu ofegante:

– Beija-me... Sim?

Mudamente, obedeci. Era a vontade de uma condenada, e eu, por mais que me repugnasse a satisfação desse lascivo desejo, que a impudicícia de uma alucinação trazia à boca de uma criança, não tinha energias para a cruel negativa. Ao curvar-me para ela, procurando sua frente, encontrei a febre de seus lábios sôfregos à espera dos meus. E unimo-los docemente, demoradamente, numa junção noival, premindo as nossas mucosas na umedecência dos mesmos anseios; eu – perdida razão, animalizado pelo contacto ofertante da imácua carne febril; ela – dominada pelo seu gozo, radiando nas faces, esfuziando no olhar, aceso o hálito fremente, que lhe punha no respiro compassado a delongua sugada dos prazeres primeiros...

Por fim, vencida, cerraram-se-lhe as pálpebras, exaustas; uma palidez de luar morrente alastrou-se por suas faces, marmorizando-lhe a linda cabeça de bambina, e um acesso de tosse rouca sacudiu-lhe a escoriada caverna do busto.

A noite despregava-se lenta, lentíssima, de opérculo remoto, franzindo a quietude roxa do espaço e, no isolamento "stagnado, o bálido fanho duma ovelha tardia cavou o silêncio, sonorizando nas quebradas o eco reminescente do *Angelus*.

Sara, acometida por outro acesso de tosse, levou rapidamente o lenço à boca, mas, inútil a presteza do gesto! – de seus lábios escapou-se, de* jato, uma golfada de sangue, que estalou, surda; no chão, e ficou-se coagulhenta, estriada em lágrimas solidificadas, sulferina e refulgente, na roxidão do dia extinto.

Quando nos pusemos a caminho, ora lentamente, medindo o passo a fugir do esforço, a natureza aerizava-se nesta melancolia quaresmal de Março, toda ela roxa, mas, agora, de um roxo turvo, tingindo de saudades tumulares a tristeza imensa da Terra.

Só, infiltrante e dulçoroso, o aroma virgem dos brancos lírios vivia no ar, como se o óleo perfumado e purificador de uma âmbula houvesse

* HM: de facto,

Idílio roxo

escorrido sobre nós para a extrema-unção do nosso noivado sem mácula, e – assim, confundindo-se com a Natureza, lembrava d’algum modo, n’agonia silenciosa da tarde, o hálito de um resignado sorriso à ilusão inefável de um gozo que nunca mais voltaria... nunca mais!... nunca mais!...

SOB A ESTOLA DA MORTE*

No presago silêncio da vasta casa, de antigos, largos muros e baixos tetos d'estuque, eles são evocados fantasmas de uma lenda suave e triste de Amor.

Ela é fina e leve, tem a esvelteza delgada duma flor mística, de vitral; sua palidez lembra um velho vestido de núpcias e seus olhos negros, nesse tom morno da face macerada, à tênue penumbra dos negros bandós que se lhe avizinham dos supercílios, têm o luciolar funéreo duma lâmpada de oratório, 'través vidraças dum casal de aldeia onde se sabe pairar a Morte. Alta e magra, o ritmo do seu corpo, em marcha, parece trazer o vagar dolente dos duendes. E, por onde ela passa, s'esbate, igual à sombra de nuvem sobre a claridade das planícies, a esculca esconsa e caminheira duma cilada.

Segreda a circumspecta ciência, pondo-lhe os olhos d'envez, que seus dias estão em página final, pois esse coração, que tanto amor contém, presto estalará repentinamente, num simples esforço da sua dinâmica.

Mas 'ind 'assim, quando ela desliza pelos silentes corredores (porque o seu caminhar não pesa), em direção à sala onde o primo e noivo a espera, entre almofadados duma poltrona, a surdina plangente de seus movimentos depressa chega aos ouvidos dele, e todo estremece, numa ânsia...

Ele, também, está escavado das faces, sua brancura sugere reminiscências d'estátuas tumulares. É louro; uma barba nazarena, macia e fina, completa o romântico d'anelada cabeleira, como num painel rafaelesco. O azul de suas pupilas mescla-se duma tinta vespertina de outono, tem círrus violáceos de saudades indefinidas que se debruam, às vezes, de ardentes reflexos trêmulos, porque o Desejo lhes põe

* AT (após o título): A Dario Velloso

angustiosos reverberamentos de acaso quando o dorido semblante da bem-amada lhe surge no olhar abstrato e sonhador, sob a impressão crua dos verdes claros do parque, que lhe fica à vista pela larga janela da varanda.

Então ela senta-se em face dele.

O ar, e o aroma que transuda das árvores, que baixa das serras crespas, nos limites longes, os reanima e os leva à contemplatividade desta Natureza, forte na sua vida rude, sob o dardejo verânico do sol. De quando em quando asas retesas flecham a vibração dourada do espaço, irisa-se o esconderijo das frondes em pipilos de júbilo. Há uma* nudez de volúpia nas Cousas. A entranha ubérrima da Terra dessora, na bruta fecundação da luz, a excitação acre de seus ardores... E os noivos, face a face, sorriem, melancolicamente, a esse poder oculto que os toca com um fio d'eletrismo vital, confundindo-os nos mesmos anseios dissimulados, que os torna, a ele febril e arfante, a ela, pálida e aturdida.

Mas, pelo primeiro declínio do sol, desperta-se-lhes um vago temor de perder a felicidade desses dias. Nos olhos de ambos estremeja um minguado luzir d'esperança. E falam nos seus almejos, e permutam-se ilusões que lhes caem aos pés, sem nas pressentirem, como pássaros estonteados à força da canícula. São projetos, são quimeras!...

Quando maio vier, com suas manhãs festivas, muito brandas e muito claras; quando passarem, caminho da Matriz florida, os bandos brancos das donzelas comungantes, eles farão suas núpcias...

Devem esperar maio. É um mês ramalhetado e álcere. Violetas e rosas pelos canteiros. Retime-se o céu de novo, bimbam os sinos... Ah! o sol já não queima... Depois...

E se calam, a rebuscar nos sonhos as doçuras dos desejos. Ela, porém, delira por apressar o sponsório, quer saber o que farão e de sua pequenina boca empalidecida sai o gemido da pergunta: – E... depois...?

Ele acorda do devaneio mudo, meneia a cabeça louca: – Ah!... sim... depois... – Então começa a filigranar os encantos de uma existência primitiva, tranqüila e feliz, de rústicos: irão habitar uma casinha de sebe, ao abrigo da paliçada seca, numa serra brava, ouriçada de velhas frondes... Viverão, bucolicamente, a relembrar éclogas, toda

* AT: uma nudez de

uma existência de modos pastoris, Dáfnis e Cloé de mãos dadas e almas confundidas.

Pela manhã, inda n'água-tinta da madrugada, levarão seus cântaros à fonte, irão colher os frutos, juntar os molhos de silvas e bogaris para Jesus crucificado, para a pequena mesa de seus repastos...

E súbito, sorrindo à idéia, quase criança: – Não queres tu um rebanho? Dize-me... um rebanho de ovelhas brancas?

– Sim. Oh! se queria!... mas sempre brancas, como a neve.

– Decerto; brancas como a paina em espouco...

– E um galgo russo, esguio e alto. Assim.

Ele sorri ao gesto exagerado que lhe nota, mas concorda:

– Assim, bem alto e esguio.

Mas, o tempo vai passando, voando. Vêm as chuvas de abril. A terra úmida, aumenta a debilidade de ambos. Ela, às vezes, leva a mão ao peito, como ferida por uma lâmina aguda. Ele, mais cavernoso*, lívido, arqueja e, a espaços, cospe a lama sanguínea dos pulmões.

E vêm os dias claros de maio. O tempo vai passando, voando.

Ainda não estão prontos para o sponsal, falta-lhes tudo. Será para os langores de agosto!...** A hora vésper tem fulgores de um relicário... Será melhor esperarem. Se fosse em maio iriam sofrer a invernia de junho, adiando-o para mais tarde poderão descansar na temporada seca do verão... E em dezembro terão a missa do Natal, na ermida duma vila ignorada, singela e casta; depois virão os bródios d'Ano Bom, as folganças e descantes de Reis, entre gente de fé e inocência. No campo é uma delícia! A sombra dos laranjais e das mangueiras torna-se mais ocultante... Florescem ipês... A trapoeiraba amanhece aljofarada de pedacitos de céu... E o gado, nas quebradas, de retorno aos currais, bale mais melancólico... É lindo!...

Ela repete: – É lindo! – automaticamente, levada, fascinada por estes aspectos idealizados, que os ilude, a ambos, com o seu gozo imaginário duma vida intensa e casta, em que a materialidade se escoia pela trama delgada duma fantasia e parece, por isso, mais vívida, mais penetrante por ser como o refinamento das propriedades revigorantes da Terra farta e poderosa...

E, agora, vêm chegando os primeiros frios, os dias se escorrem n'alternativa de ligeiros mormaços e empolos tempestuosos.

* AT: cavernoso, mais lívido,

** AT: agosto... Ah! como são lindas, essas tardes de agosto!... A

Ele tosse, quase sem forças; as golfadas asfíxiantes das hemoptises o aterrorizam. Ela emagrece mais e sua lividez, dentre agasalhos de flanela e casemiras sombrias, ganha laivos terrosos que inquietam. Enquanto o chuveiro bate na folhagem, eles se encolhem nas suas lãs, sempre sentados de face em face. Mas, já não sonham! seus olhos têm aflições e quando falam apenas sabem de queixumes e desalentos...

– Deus nosso! aí chega o inverno... – diz ela, levando os olhos tristes para as nuvens pardas; sua cabeça pende, desinquieta, nos ombros; rápidas latejam-lhe as artérias do pescoço.

E ele, todo encolhido de frio, lábios crestados de febre, numa voz que sussurra apenas:

– Que será de nós, Virgem Santa?

Não é a intempérie que os aflige. Ah! não! Ainda há horas de sol, em pausas longas cessa o peneirar das nuvens e os verdes do parque reaparecem frescos e rútilos... Mas, visivelmente, as mãos dela estão mais transparentes... a testa, que os bandós, muito negros, cortam num branco triângulo estreito, vai ressecando em tons de osso velho e nas pálpebras há tumescências lassas de cansaço. Que será?

Ela, também, a si mesmo pergunta: – Que será? – notando-lhe, nele, esse ofego constante das narinas sob o duro afilamento do nariz, essa febre que, em dados momentos, o enrubesce e sempre lhe está escaldando o hálito. De dia para dia sua máscara cinge-se mais à ossamenta, n'adaptabilidade modelante duma pelica molhada; suas pupilas, absorvidas por esse sonambulismo contemplativo do esgotamento, coloram-se dum outoniço azul indeciso, espelhando estagnações nostálgicas que se diriam feitas de lágrimas vertidas ao gemer de violinos sacros. Que será?

E o tempo vai passando, voando.

A invernia desdobra-se, ao cair das tardes, na opacidade dos nevoeiros; a chuva canta em torrente pelos beirais, nos lajedos. A umidade resfria o ambiente, infiltra-se pelos muros, sifiliza d'escaras negras o reboco das paredes ... Apenas a noite se anuncia já as trevas descem, e pelos cantos, no tabuado baixo das barras, larvíparos trilham nervosos, crivando de pavores o silêncio das salas, onde as lâmpadas fumegam, de pavio minguaado, sob o quebra-luz soturno. Lá fora o vento uiva, desesperado; às vezes, na convulsão das rajadas, acomete as portas, sacode vidraças. E os noivos tremem, apreensivos.

Ela percebe-o pior: já se não pode erguer do leito. Os de casa segredam disposições, entendem-se por sinais para que ela não conhe-

ça a “triste verdade”.

Mas, inútil! porque nunca os seus olhos estiveram tão vigilantes, nem a sua presença lhes foi tão inesperada!

Um dia, porém, disseram-lhe que ele a chamava. Foi, nem soube como!

Foi. Arrastou-se, com as últimas forças de que dispunha, até o leito onde ele ansiava, lívido, a boca sôfrega, o olhar inquieto e dorido. Ao vê-la reanima-se. Fala, mas lhe falta a voz; o que diz menos parece que um vagido – é um sopro de vocalização rememoriada, um vago, tênue surdinar de fantasma na hipnose das solidões.

E ela chega e lhe sorri. Logo, para o animar, recosta-se no mesmo leito, ao lado dele, toma-lhe a mão fria e inerte, e lhe vai dizendo doces mentiras enquanto lhe afaga os seus cabelos louros: “Os dias tépidos virão e, com eles, a saúde... a ventura... os desejados esposais...”

Com esforço ele agradece-lhe num sorriso, mas sorri com a tristeza refrangida de resignação.

No entanto, a angústia cresce, envolve-o numa prostração, e já lhe põe sombras amarguradas nas pupilas vítreas.

De instante a instante, os olhos se lhe voltam nas órbitas cianosas com a lentidão dolente de uma súplica; por vezes, fixam, admirados e estranhos, o rosto penso da sua amada e têm fosforescências de relâmpagos, bruxuleios de luz morrente... ao longe...

E ela, toda abandonada sobre ele, num supremo carinho em que transborda o seu imenso amor, como a lhe entregar o corpo para o gozo de seus desejos que a moléstia impossibilitou de satisfazer, geme palavras duma doçura tão ameigante, duma carícia tão suave que a calidez desse hálito de boca aflitiva e desejosa lhe deve parecer, a ele, harpejos duma música longínqua trazida pelo balsâmico sopro morno duma saudade.

Talvez nem a escute!... talvez nem sinta o contacto desse frágil corpo, tremente e infeliz! Mas, olha-a, olha-a, olha-a fitamente, através do ensombramento da noite que o penetra, com a meiguice dolorida duma criança sofredora... Afigura-se-lhe contemplar um luar nevoado, que sobre ele pairasse, um luar frio e baço de região antártica, que se desdobra, se distendem, encortinando esse palor de astro dentre névoa e se vão desenrolando por seus flancos, a cingi-lo, a contorná-lo numa mortalha negra...

E ela 'inda lhe fala, ainda espera um milagre, confiante nos votos com que se apegara no socorro celeste. Quer revivê-lo, e murmura orações entrecortadas por chamamentos soluçados, mistura desolações de lágrimas com o delírio de promessas, sacode-o pela mão, funde a sua palma resfriada à viscosa e gélida palma que aperta, agita-o e convulsiona-se, ofega e se esforça, procura fugir-lhe, e mais o comprime...

A luz ciânica, das pupilas dele, vai-se enuveando, lentamente, como um céu de madrugada que se nublou. Ainda, por momentos, retreme, demora-se indecisa, suspensa numa vacilação de vascas em que se estriagam os raios duma lembrança que se extingue...

Ela, porém, se debate com a esperança, concentra todas as energias restantes ao seu corpo enfermo, e chamando-o, querendo-o para esse resto de vida, começa a atender-lhe o olhar que se mergulha para dentro dele mesmo, sugado por um retraimento de últimas forças a se esgotarem. Pouco a pouco, as pupilas minguem; a reverberação duma luz exterior lhes dá o polido embaciado duma água em sombras, e entram na noite do Mistério a se delirem na imagem diluente duma visão...

Ela persiste ainda, ainda se cansa na tortura agônica de o chamar, de o querer vivo, iludida e percebendo tudo.

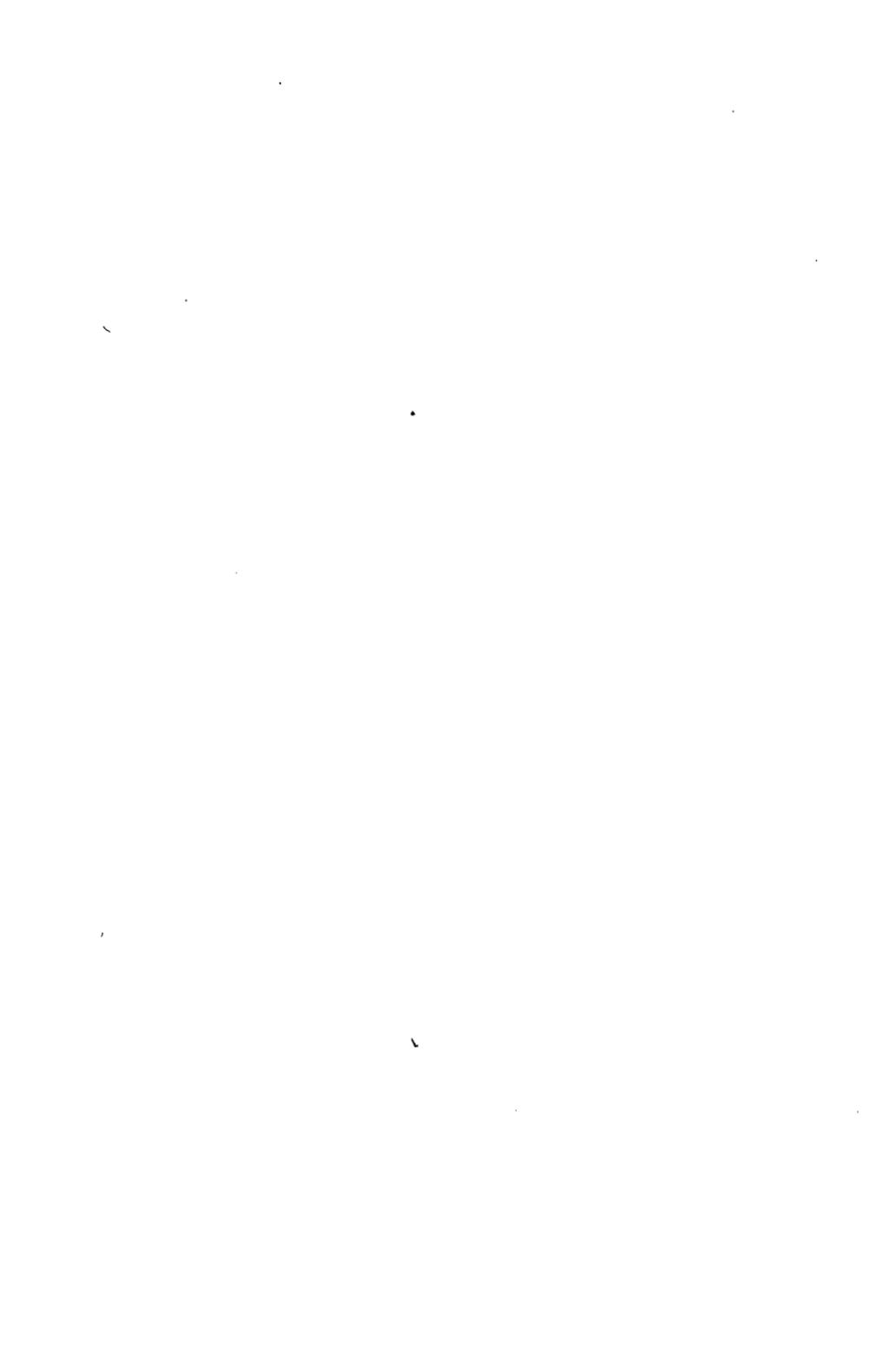
Mas, a impressão desses olhos sem pestanejos, mal fechados e frios, olhos nem adormecidos nem acordados e que fitando já não vêem, a dor de o perder revoluciona a ruína esguia e macilenta da sua carcaça, arranca-lhe dos recônditos sutis do seu organismo a derradeira vitalidade que se desloca num tumultuar vertiginoso 'té à boca estendida num beijo sobre essa boca, que imperceptivelmente anseia, que imperceptivelmente se move, exausta...

E ao tocá-lo, ao impulso desvairado de se lhe unir... todo o seu corpo treme numa crispatura de resfriamento, à passagem d'aura fatal. Empolga-a uma vertigem. Sente-se arrastada num turbilhão azoicante. Nada mais compreende. E ambos, a um só tempo, retesam-se, inteiriçam-se... Súbito, com um hausto longo, as suas almas desprendem-se numa deflagração de luz invisível para a Imensa luz...

Então, as cabeças pendem-lhes, pesadas e inertes, e na dolora vaga de suas pupilas sumidas, como no entreaberto fixo de suas bocas, congela-se a indecifrabildade duma expressão, que se não saberia dizer – se era a dor de não gozar ou se era o gozo de não sofrer.



Ilustração de "Sob a estola da morte", na revista Atheneida (1903). Desenho de Helios Seetinger.



MISS FATALIDADE

Foi ao jantar do João Carlos, o magnífico João Carlos das *Páginas de Londres*, no sóbrio e elegante salão da British Pension, quando esse incomparável *poseur* me contava, no seu arabescado estilo tentador, intimidades de boêmia literária com Harold Swan, que senti no olfato a delícia morna dum aroma estranho. Procurei instintivamente onde vinha o hálito dessa flor dos luares e fui esbarrar com os olhos numa radiosa rapariga loira, que tomara lugar em mesa fronteira à nossa; com o busto contornado pela carícia fresca de cassas brancas e rendas caras, perfumada e florida como uma deusa em festa.

Não sei dizer o estremeção que me abalou nem de que modo me portei, mas sei que João Carlos suspendeu o volutear bizarro da sua frase e fixou nos meus olhos as suas rútilas pupilas negras. Compreendi então o alvoroço que essa senhora me causara, e sorrindo, a disfarçar o efeito do relâmpago emotivo, volvi-me para João Carlos:

– É uma mulher fulminante, João. No gênero nada há de melhor; mata ao primeiro choque.

João Carlos esboçou um desdém, fixou atrevidamente o monóculo na órbita e atrevidamente afemençou-a.

– Excelente – disse – para completar uma salada de lagostas...
Nothing more.

E posto que a sua palestra fosse um encanto tramado d'oiro de idéias e fios cambiantes de paradoxos, por vezes de serpentinos cinismos superelegantes, eu não mais me pude desprender da fascinação dessa mulher. Amiúde, entre o espaço duma sílaba vocalizada e de dois segundos passados, iam-se-me com os olhos os desejos para ela. E de instante a instante, apesar da distância, descobria-lhe belezas componentes da harmonia perfeita. Ora, eram suas pupilas que, n'antenoite dos pálidos claustros orbitais, sob a arcaria delgada das sobrançelas escuras, tinham reflexos discretos dum violeta de outono romantizado;

pareciam-me duas ninféias roxas, queimadas do luar dum deserto, que se ficaram prisioneiras na sombra dum lago... Ora, era o afilamento marmóreo do nariz, que me recordava todo o triunfo escultural do helenismo... E já também a boca, sem ser breve, cheia da graça da vida moça e da ânsia de beijos que lha deviam devorar... e a linha branda do mento num voluptuoso tom de pêlos microscópicos... Já, também, a translucidez jáspea da testa, onde reverberava o lânguido ensoleiramento da sua forte cabeleira de treva doirada, porque refulgia e ensombrava... e o seu alto busto, de seios descidos pelo talhe da moda, arfando, na cadência preguiçosa duma onda de piscina, d'encontro à fragilidade das rendas, onde sorriam corolas mefistofélicas de duas *principes-negros* entre delicadezas trêmulas de avencas.

Mas, um momento, reparei o quer que fosse, que se lhe aproximara. Intrigado, perguntei a João Carlos:

– Dize-me tu que é que ela tem ali, quase no ombro esquerdo?

João examinou. E enviesando a boca em nojo:

– Se não é um carrapato deve ser o amante.

E como o brilho do monóculo de João chicoteara aquela coisa escura, notei-lhe uma deflagração rubra, dois bugalhos firmes que nos alvejaram desafortadamente.

João Carlos, porém, com a sua soberana tranqüilidade de *gentleman*, deixou cair o monóculo na palma da destra e sorveu maciamente a sua taça de Tokay.

Eu estremei, entre temeroso e fragueiro, mas o salão da British, iluminado e amplo, com os seus cristais e seus raros doirados, tinha o aspecto nobre dum *club de élite*. Havia casacas, algumas sedas e lindos pescoços nus. De onde em onde, piscavam estrelas agarradas aos lobos de orelhinhas róseas ou a meio ocultas na intensa noite perfumada dos bandós crespos. Desprezei o desafio. E quando João Carlos me arrastou ao *fumoir* foi com angústia que lhe indaguei se no dia seguinte a nossa velha amizade me consentiria vir almoçar com ele.

– Não. O *Clyde* parte às 10... Vou hoje para bordo, porque sou incapaz de me erguer às 7...

Uma tristeza obscura me acabrunhou. Donde viria ela? por que me assaltava? Saudade, certo que não era. João Carlos foi o meu íntimo desde a adolescência, mas havia uns vinte anos que habitava Londres, raramente aparecendo no Rio, e ainda assim por semanas, à pressa e nauseado. Eu me habituava aos seus demorados eclipses. Saudade de o deixar, pois, não era. Nada sei. Foi, no entanto, uma tristeza que me

abafou a alma. E... adeus João! – Acendi o charuto, ergui os ombros. Ora, afinal, isto era a vida!...

Muito tempo depois da partida do João Carlos, um ano e meses ou quase dois anos depois, estava eu numa estação termal, aliviando reumatismos e cabeceando de insipidez, quando ali apareceu um homem escarvado, lívido e triste. Logo aos primeiros dias notei que ele me olhava com interesse e, por fim, procurava se aproximar de mim, apesar da sua inocultável melancolia e da minha exterioridade reservada. Na primeira semana trocamos unicamente cumprimentos; uma noite, porém, como eu estivesse só na varanda, ele, cortesmente, quase implorando consentimento, puxou uma cadeira para o meu lugar. Sorri à sua resolução.

– Perdoe-me – disse – percebo no senhor muita bondade, demais parece amar a solidão, deve ter a alma sofredora... Os que são bons e os que sofrem se unem.

– E o senhor sofre?

– Muito, muitíssimo!...

Concentrou-se por instantes, e, com uma viveza em que compreendi o preâmbulo do quanto iria me contar, perguntou-me:

– Mas... o senhor não se lembra de mim, não tem, ao menos, uma idéia vaga da minha fisionomia?...

– Não, senhor; duvido até que nos houvésemos encontrado em alguma parte...

Ele ficou indeciso, sem dúvida estranhando a minha afirmação, remexendo minudências. E de novo voltou:

– Não se recorda duma noite, numa pensão, no Rio?... O senhor jantava com um moço alto, claro, de cara rapada, que usava monóculo...

Imediatamente me recordei; aclarou-se dentro de mim uma apoteose em que surgia a radiosa mulher loira; agrupei as cenas, transportei-me para aquela noite... Contudo, não me convinha declarar que sim. Simulei esquecimento. Ele insistiu, eu perseverei na mentira. Ainda ele persistiu e para o não agoniar fingi esforços reminiscetes. Sim, agora tinha uma idéia... Lá se iam uns quatro ou cinco anos...

– Menos de dois – emendou ele.

– Só?... Vou perdendo a noção do tempo... Recordo-me, sim, senhor... foi numa pensão e... se me não engano, suíça...

– Inglesa – o homem atalhou, corrigindo a minha suposta falha – a British Pension... Eu estava ao lado duma senhora...

– Também inglesa?

– De origem, pelos avós... Mas, dizia eu, estava ao lado duma senhora formosa, uma loira, lindíssima...

– Ah!... sim, recordo-me, e quer me parecer que ainda tenho na memória a cor do seu vestido, era branco...

– Isso! exatamente isso! Recordar-se, não é assim? Pois aqui está o homem que o senhor viu ao lado dela. Não me reconheceu porque, realmente, sou uma ruína do que fui... E tenho apenas vinte e seis anos!...

– Mas, em suma, que foi que lhe aconteceu?

– Ah! meu caro senhor... não o imagina, não o pode imaginar! Trago o coração a transbordar, preciso de alguém que me ouça e me entenda. É esta caridade que venho implorar do seu humanitarismo. Naquele tempo, naquele já tão longínquo tempo de quase dois anos, eu era noivo, noivo oficial da formosíssima senhora... Estava tratando dos nossos papéis... Amava-a muito, mais do que isso: tinha-lhe paixão. Eu era rico, podia dar-lhe uma existência feliz. De repente, nas vésperas do nosso casamento, o banco em que depusitei o meu dinheiro, mil e duzentos contos, quebra!... Mil e duzentos contos!... Avalie o senhor o acabrunhamento que me subjogou. Ao termo de trabalhos cansativos, de inquietações, de rogos e de viravoltas forenses, consegui apurar, digo melhor, consegui salvar cento e tantos contos. Mas que valiam esses contos de réis na conquista de uma existência suave!... Hortênsia (ela chama-se Hortênsia) pareceu penalizada com o meu desastre. Vi-a chorar e confundimos as nossas lágrimas. Não obstante a minha má sorte, propus-lhe a nossa união. Com tempo e trabalho eu tentaria refazer a perdida fortuna que me viera num momento e sem esforço. Ela disse-me que seria um ato desassissado, porquanto, habituada ao luxo e pouco possuindo de seu para se manter confortavelmente, ser-me-ia pesada, embaraçar-me-ia a atividade. Achei-lhe razão. Procurei aventurar cem contos de réis numa especulação da Bolsa: ganharia o dobro em vinte e quatro horas; depois viriam outros negócios e eu refaria a minha fortuna ou talvez obtivesse outra maior... E em vinte e quatro horas perdi o dinheiro empregado! O meu desespero foi inarrável. Temi enlouquecer. Com o novo fracasso tive a apreensão de perder Hortênsia, porque era ela, só ela, unicamente ela o que eu queria! Apavorado, roído pelo insucesso, perseguido por pensamentos maus, corri a quantos conhecia rogando-lhes o apoio, pedindo quantias emprestadas para tentar outra vez a sorte. Nada encontrei... Nada!... não, não é verdade: encontrei um camarada do tempo da província, que

vivia na melhor sociedade do Rio. Foi ele quem me escudou, não para me ajudar em nova tentativa de fortuna, mas para me desviar do caminho seguido. Pobre de mim!... Queira continuar a me ouvir, o senhor vai-se apiedar deste infeliz, que aqui vê e ouve.

Parou um instante, lacrimoso e arfante, depois sacando dum lenço limpou o rosto encamarinado de leve suor e, resoluto, prosseguiu:

– O meu camarada conhecia Hortênsia desde menina, conhecia toda a sua vida de vinte e sete anos. Aos dezoito anos seus pais levaram-na à Europa. Em Paris, um banqueiro russo apaixonou-se por ela e, nas vésperas do casamento, um acesso pernicioso matou-o. Hortênsia parte para a Suíça, procurando no clima da Helvécia um fortificante para o seu organismo perturbado por essa infelicidade. Ali, um barão austriaco enamora-se dela, pede a sua mão e com a noiva parte para Viena onde pretendia realizar o seu casamento. Ainda dessa vez a véspera da *Felicidade* de Hortênsia foi trágica. O barão, numa caçada, é cuspidado da sela do seu cavalo e vai esmigalhar o crânio de encontro a uma árvore.

É extraordinário! – exclamei, interessado pela narrativa. – Essa mulher tem *jetatura*.

– Escute-me, senhor, há pior... Em Viena, dois oficiais, da mais pura aristocracia, são arrebatados pela beleza dela e por causa dessa paixão um deles morre em duelo, varado pela espada do rival. O vitorioso, porém, é repellido pela mulher amada, que o julga manchado de sangue, e num ato de desespero...

– Suicida-se...

– Não, senhor, tenta contra a vida de Hortênsia, despejando-lhe seis balas de revólver, das quais uma a atinge levemente num braço. É preso o desvairado. Hortênsia, abatida por tantos desgostos, volta ao Rio. Um terror acompanha-lhe os passos; os que a vêem e se apaixonam têm-lhe medo; ela própria aterroriza-se com o Amor. Faz-se em torno da sua divina beleza uma atmosfera de pressentimentos, compararam-na, talvez impropriamente, à mancenilheira; houve mesmo quem a chamasse amorfófala fatal do amor... Uma tolice! Mas, o exato é que, por fim, um belo rapaz, rico e distinto, rompendo apreensões, decide-se desposá-la. Esse rapaz, filho duma ilustre família, tinha uma amante italiana. Nestas condições, uma amante já é um obstáculo sério, sendo italiana – é um perigo. A italiana descobre a intenção pérfida e reduz o infiel a um aleijão, lançando-lhe vitríolo à cara...

– Irribus! Isto não é uma mulher, é um folhetim-romance!

– Ora, diante dos meus desastres e em pleno conhecimento de tais desgraças, que me competia fazer?

– Fugir, meu caro senhor, fugir com duas figas de Guiné, levando uma às costas.

– Fugi... isto é, creio que fugi, porque não sei se Hortênsia continua a me amar.

– Nem deseje semelhante certeza! Antes, pelo contrário...

– O senhor chasqueia da minha infelicidade. Não o levo a mal. Eu sou o primeiro a considerar o meu ridículo, porque, diante do que expus, toda a queixa é ridícula. Mas, que hei de fazer, se a amo? Amo-a, sim, amo-a com toda a minha alma; amo-a, sim, através do meu terror.

Se me viesse às mãos outra fortuna voltaria para Hortênsia; iria de bom grado entregar-me ao seu ambiente maléfico. Às vezes, chego a crer que o Diabo, vendo-a tão formosa, opôs à perfeição de Deus o ardil do seu engenho. Ah!... o senhor não a conhece, o senhor simplesmente viu-a...

– E agradeço aos céus o não ter passado disso!

– Não fale assim, é uma crueldade! Hortênsia merece comiseração.

O seu afeto é delicado e enorme, só ela sabe se fazer amar; enfeitiça, seduz, prende, escraviza com a sua ternura, que não tem semelhante na terra! O seu espírito... Deus meu! nem sei a que o comparar! atrai e encanta. Ouvi-la é amá-la, porque a música da sua voz traduz todas as belezas dum cérebro de artista... E a sua distinção, a sua elegância, o seu fino, perfeito bom-gosto!... Não há corpo que melhor se vista, não há mãos mais bem feitas nem unhas tão bem tratadas, nem epiderme mais fresca e mais cheirosa, nem cabelos mais quentes!... Que força malvada, que poder diabólico a perseguem?...

Existirá por acaso algum gênio protetor da sua virgindade, o espírito de alguém que a tivesse amado, obscura e ardentemente, e hoje, por egoísmo, por ciúme, a sonegue à cobiça amorosa dos que se apaixonem por ela? Que forças do inferno esse invisível Cérbero reuniu para a cercar e fazer tanto mal?...

Fico aterrorizado ao pensar nisso, mas toda a muralha negra do terror não é bastante para impedir que os meus olhos vejam a irradiação da sua beleza. Bela, completa, harmônica, maravilhosamente bela!

E foi este o tema invariável de vinte dias que lhe ouvi, a todos os momentos. O homem cada vez ficava mais escarvado. A insônia empolgara-o. Mas, apenas me via, corria para mim, levava-me para o

Miss Fatalidade

jardim, escondia-se comigo nas salas desertas, arrebatava-me para as estradas a me falar dela. Eu próprio provocava-o. Não sei que fascinação me atraía para a imagem dessa formosa sortílega, que era a embaixatriz da Desgraça! Não sei. Mas saber dela, ouvir contar do seu luxo, da sua existência, dos seus requintes era para mim um estranho prazer. Revolvia-se-me o ser num deleite; uma sensação de gozo e sofrimento corria-me a medula. Até que um dia, numa hora de clarividência e reflexão, percebi o suave declive por onde resvalava. Parti. O pobre rapaz chorou... e, semanas depois, vim a saber, por um hóspede do mesmo hotel, que pusera termo à sua angustiada paixão com um tiro certo de revólver no ouvido...

RUÍNAS

Por uma tarde verânica, cochonilhada em estratos para o ocaso fosforescente, o carcomido tronco de ipê, fronteiro à casinhola do velho Pero Roiz, desabou aos empuxos da amarra que os lenhadores davam à voga no ritmo ditongado da melopéia dos eitos. Tinha sido a faina de um dia, desde a manhã nada 'te o pôr-do-sol, o desabamento do anoso tronco, coevo dos primeiros tetos da cidade que hoje tortulhava pelas planuras lá-baixo, pintalgando alegremente os aterros do val, distendendo renques de fachadas no largo do cais novo.

Pero Roiz, de bruços à janela que ele media com os ombros, teve os olhos mareados de água, quando viu o vetusto ipê talhado pelo grosso das raízes, desarmado das braçadas rígidas de sua fronde, oscilar como uma coluna relíquia de idade extinta, desequilibrar-se, estender-se, imenso, sobre os escombros de seus ramos talhados.

Tudo passava, iam arrastando tudo, tudo lhe roubavam, sem que ele pudesse protestar! De ano para ano, estas terras que ele vira em matas, alastrando, ramalhando exúberas, a lhe dilataram a existência com os perfumes acres de suas resinas e o exalo sedativo de suas folhagens; a lhe deliciarem os ouvidos duros com a orquestração dos passarolos atilantes nos florais madrigalescos da Primavera; e que lhe deslumbraram a retina com a tinturaria prodigiosa de suas flores e a gama iluminada dos festões pendentes e das entrelaçadas franças, desapareciam sob o iconoclastismo da ferramenta afiada para a conquista das habitações recentes. E eram divididas em quadrados, divididas em ângulos, em nesgas, donde brotavam alicerces, e logo muros, e logo paredes, telhados, chaminés, mirantes; e logo ruelas, ziguezagues, caminhos, quintalejos nus, e já postes telegráficos, e já um povilêu estranho, híbrido, chalrento, furioso de instalação, irrequieto e ávido, abrindo lojas, montando oficinas, comerciando, mercadejando, produzindo e desvirtuando, arruinando o edenismo salutar e consolante

dessas alturas verdes, tão belas outrora! no remanso de sua primitividade livre, em que o trêfego Pã vinha, pelo mormaço das sestas pizicatear no chilro das cigarras, e sátiros insetiformes perseguiam ninfas volúveis, tremelicando nas fontes como libélulos rubíneos, palpitando na luz!... Roubavam-lhe as alegrias, roubavam-lhe a vida. Tudo que era seu, para ali estava comprado à força, retalhado à usuraria, dominado!... construído!... injuriado!... Tudo! Das largas braças de terras que ele possuía e cultivara, despreocupado do mundo, lá no seu paraíso monticulado, sorrindo à cidade alastrante, como se ela jamais pudesse trepar pelo pendor dos morros, construir-se pelos cabeços dos montes, vencer as ribas, galgar as serras, restavam-lhe esses minguadôs metros de quintal, esse triste casebre desconjuntado!

E como lutar? Onde buscar a energia para resistir, se a idade o invalidava?

Fechou-se no que lhe restava, já não sorrindo à cidade crescente lá-baixo, no val, nos aterros, nas praias... agora, assombrado diante dessa invasão desesperada, casas sobre casas, amontoadas em fila, em grupos; d'esguelhas, umas; outras montadas sobre outras; aqui baixas, escancarando hiatos de portas como goelas sem ar; para lá: esguias, raquíticas, beijando sacadas, como se toda aquela gente emigrasse, foragida de terras devastadas, batida por uma praga, correndo em êxodo sob o ululo danado de um cataclismo, saraivando dardos, estrugindo *trons*, derrubando, esmagando, trucidando.

Então Pero Roiz, trêmulo, encarquilhado, esmoendo desgostos, recorria ao seu velho *cravo*, um abancado instrumento italiano que viera, em tempos ainda do Sr. D. João VI, para as prendas educativas de sua mãe, e comunicava às teclas de ébano a profunda dolora de sua alma.

Mas o imperfeito instrumento, contaminado pelo mal arcaico, afrouxava, sanfonando as composições sentimentais do ignorado virtuose, e as cordas partiam-se enferrujadas, insubstituíveis, porque o modernismo não lhe dava concerto, apodando-o com gargalhadas e comentários que refranziam as válvulas cardíacas do velho. E este poviléu invasor, e esta avalanche d'estranhos, até essa! alcunhara-o desprezivelmente, a ele, o seu querido e sugestivo *cravo*, por onde os dedos lentos de sua mãe sonharam acordes de amor, e berrava-lhe impróprios à janela, assobiava-lhe em assuada à porta quando Pero Roiz o dedilhava, cabeça para a nuca, olhar enlevado e rebuscador, imprimindo a emotividade plangente de sua estesia ao teclado negro,

ponteado de sustentidos d'osso amarelecido.

Para fugir aos desacatos Pero Roiz fechava as portas, se encarcerava no seu casebre, e horas e horas ficava-se ao *cravo* enlevado nas suas músicas memoriadas ou nas suas composições originais, de uma arte delituosa mas repassada de tanta sinceridade emocional, de tão poderosa singeleza expressiva que se diria um salmo monacal desempetalando-se, como um lírio casto, na garganta fresca de um adolescente. No dia seguinte as pupilas nevoentas do velho celibatário encontravam o casario miúdo e feio do nascente bairro, suas mãos trêmulas aferrolhavam, prestes, as janelas. As ruínas aumentavam!... As ruínas aumentavam!...

Enclausurou-se mais no seu casebre, desceu os caixilhos para se segregar daqueles entes, se esquivar do hálito que vinha deles como o mórbus de uma loucura, os miasmas de uma epidemia, e a sua caraça, engelhada, de pelica ressequida, bístrea e mofenta, aparecia través os vidros, por espaços, espiando de relance, aterrorizado e enfermo, o alastrar da cidade, o crescimento do arrabalde montesinho, que lhe faziam atonias consideráveis às pupilas e bamboleamentos concludentes à cabeça mais nevada que a fiapagem dos cristais.

Só de sua alma sabia o velho *cravo*, que ele tocava com o mesmo amor de moço; mas mesmo esse, perdia a voz fanha das queixas e ninguém mais que Pero Roiz o ouvia... ninguém mais!

Em vão os seus dedos senis batiam iterativos no ébano do teclado, as articulações rangiam desengonçadas, “toc, toc”, os martelos estalejavam, tensos, investindo para o espaço, inúteis, sem ferir a sonância das cordas. As últimas, os farruscos arames retorciolados nas craveiras, gastas ao constante tornear da chave, partiam-se uma após outra, aos poucos, num estalido, “lasc”, e zimbravam zunindo, enrodilhando-se. Ai! cada uma que arrebetava o feria no coração.

Era a sua alma que estalava de momento a momento; ai! era a sua alma que se esboroava...

Um dia entrou-lhe em casa um indivíduo, que Pero Roiz não sabia donde vinha, nem quem seria. O estranho propôs-lhe somas grandes pelo *cravo*, adquiriria-o para um colecionador... Pero Roiz reagiu, indignado, tartamudeando de comoção:

– Quando a morte lhe fechasse os olhos que lhe *roubassem* tudo, levassem o seu *cravo*, mas em vida não, nunca!

E nunca o seu pobre instrumento lhe pareceu mais amado, mais unido à sua exígua existência, mais confidente e bom! Queriam-no, ambiciona-

vam-no e como ainda tinham o pejo de praticar maiores violências, lhe ofereciam quantias, o assombravam com dinheiro. Malditos!

Nessa tarde verânica, cochonilhada em estratos para o ocaso fosforescente, quando o anoso ipê desabou, Pero Roiz, d'olhos oftálmicos de pranto, desconsolado, acenou com a cabeça cansada: Ruínas!... Ruínas!... e abriu o seu velho *cravo* para que falasse por si a queixa marulhenta que espadanava no seu íntimo, cavado como um penedo vulcânico, roído em lapas, anfracto e bravo, no clangoroso desamparo dos mares.

Que música estranha, essa que seus dedos carfológicos batiam! Apenas, quando por quando, uma frouxa corda rara tentilava acordada, lúgubre, gemedora... E no silêncio do velho *cravo*, o silêncio que se abria empós os desconjuntos secos do teclado, posava profundo como a mudez dos recôncavos sob o apagar dos ecos. Mas, ele ouvia a sua música, ele bem na ouvia porque não descansava de dedilhar as teclas d'ébano, e se ninguém a ouvisse, se ninguém a entendesse... que lhe importava isso?... se ele a ouvia, se ele a entendia, e os seus olhos se imobilizavam num ventremular vesperescente de orvalhada, e os seus lábios surdinavam o responso melancólico das irreparáveis saudades, que clareavam nas carquilhas da sua cara a consolação extreme de luz mortuária, lampejo cirial de crença para a visualidade paralisante das vascas.

Os martelos em vão se deslocavam, se agitavam; as articulações das teclas ringiam, raspavam “toc, toc, toc”, inutilmente, inutilmente, inutilmente... Ruínas!... Ruínas!

Às vezes, uma das cordas restantes gania um som cruciante de dor, batida forte, e demorava-se vibrando, tinindo, fremindo, abrindo aspezas ressonantes em ondas agudas, num grito; em ondas sucedâneas de soluços, transformando-se em cicios de queixas, em suspiros múrmuros, em vagidos de exangue... E “lasc!” a corda estalava. Pero Roiz arrepiava num calefrio, mas continuava, mas batia sempre o seu delírio do instrumentar as mágoas, de dizê-las em música que o seu *cravo* só para ele comunicava, a martelar seco, a se desarticular oco, “toc, toc, toc”, inutilmente, inutilmente, inutilmente... Ruínas!... Ruínas!...

Era um som lúgubre de carpintaria mortuária, esse bater incansável que lhe ia aos ouvidos como deflagrações sonoras de noturnos plangentes, nevoando dentro dele a melodia estesiante dos sofrimentos, como se numa atmosfera vibratilizada por choros de violinos, um luar

Ruínas

de safira tremesse no engaste opalíneo do céu distante, desolado e frio, a penetrar átomos preciosos da sua lapidação, visto través a esfumaráda vidraçaria de uma estranha rosácea gótica. Pero Roiz bem sentia essa música!... E tão funda, e tão intensa, penetrava-lhe na alma, como tão sentida d'alma lhe transbordava, que ele se ficou eternamente, talvez, a sonhá-la, a entendê-la, a ouvi-la, hirtos os dedos ósseos no teclado mudo, cabeça pensa sobre o velho *cravo* inútil que fora o seu espírito, que fora o seu coração, donde se esvaíram todos os sons, onde se esfarriparam todas as cordas, ao solapar dos anos, no desabamento das ilusões, pondo-lhe nas pupilas nevosas a refletibilidade espelhenta de si próprio.

GLOSSÁRIO*

ABAT-JOUR (p. 96) s.m. Palavra francesa aportuguesada como *abajur*.

ANGELUS (p. 102) s.m. Primeira palavra da oração da Ave-Maria, em latim, aportuguesada como *ângelus*.

ACUSO (p. 50) s.m. Ato de acusar. Declaração que faz o parceiro, em certos jogos de cartas, das figuras do mesmo valor. (Aulete)

AERIZAR (p. 102) v. Tornar sutil como o ar; fazer passar ao estado de gás, aerificar. (Aulete)

AFEMENÇAR (p. 113) v. Olhar fito, ver; contemplar; analisar. (Aulete)

AGLOMERO (p. 39) s.m. Ato ou efeito de aglomerar. (Aulete)

ÁGUA-TINTAR (p. 40) v. De *água-tinta*, tipo de gravura.

ALGODOAMENTO (p. 53) s.m. De *algodoar*, encher ou prover de algodão. (Voc.)

ALMAFEGADO (p. 37) adj. De *almáfega*, pano de má qualidade, burel de luto.

ALVEJAMENTO (p. 101) s.m. Ato ou efeito de alvejar. (Aulete)

AMEIGANTE (p. 109) adj. De *ameigar*, fazer meiguices a, afagar. (Voc.)

AMORFÓFALO (p. 68) s.m. Gênero de plantas aráceas cultivadas nos jardins. (Aulete)

AMPULA (p. 72) s.f. Âmbula, pequeno vaso onde se guardam os santos óleos. (Aulete)

AMPULADO (p. 68) adj. De *ampula*.

ANDROGÍNEO (p. 38) adj. De *andrógino*, que participa dos dois sexos, hermafrodita.

ANFRACTO (p. 57) adj. Sinuoso. (Teschauer)

*Os critérios para a elaboração deste glossário estão expostos em "Sobre o texto desta edição", no início deste volume.

ANSIANTE (p. 88) adj. De *ansiar*.

ANTENOITE (p. 113) s.f. De *ante+noite*, noite anterior.

ARCABOUÇAR (p. 51) v. Formar arcabouço. (Aulete)

ARFO (p.42) s. m. De *arfar*, respirar com dificuldade, ofegar.

ARMINHENTO (p.51) adj. De *arminho* (espécie de mamífero; a pele alva do arminho; brancura, pureza)

ATENTIVO (p. 50) adj. Em que há atenção. (Aulete)

ATILANTE (p. 121) adj. De *atilar*, executar com cuidado, aperfeiçoar.

AUREOLANTE (p. 38) adj. De *aureolar*, cingir com auréola.

AZULENTO (p. 49) adj. De *azul*.

BAILANTE (p. 82) adj. s. 2g. Que ou o que baila. (Aulete)

BAIXANTE (p. 49) adj. De *baixar*.

BALAYEUSE (p. 94) s.f. Orla de vestido, em francês.

BALOIÇANTE (p. 57) adj. O mesmo que *balouçante*, que balouça, balança. (Aulete)

BAMBINO (p. 86) s.m. Do italiano. O menino Jesus. Menino louro, como a tradição diz que foi Jesus. Criança, menino. (Laudelino)

BAMBOAR (p. 37) v. Bambolear, balouçar. (Aulete)

BEIÇAR (p. 122) v. De *beicho*, lábio e, por extensão, bordo, beirada.

BIGORNEAR (p. 75) v. De *bigorna*, massa de ferro com duas pontas sobre a qual se malham e amoldam metais.

BISBILHOTEAR (p. 96) v. O mesmo que *bisbilhotar*.

BÍSTREO (p. 123) adj. De *bistre*, fuligem, cor de fuligem.

BITUMOSO (p. 54) adj. De *bitume*, o mesmo que betume.

BOCEJANTE (p. 75) adj. Que boceja; sonolento, entediado. (Aulete)

BRACEIRA (p. 38) s.f. O mesmo que *braçadeira* (do escudo) (Aulete) *Braçadeira* designa vários tipos de correias, argolas e ganchos que servem de apoio ou para unir coisas.

CARBONAGEM (p. 55) s.f. De *carbonar*, misturar um produto inflamável a outro, para que este ganhe combustão, combinar com carbono.

CASCAVELAR (p. 54) v. Produzir um som de cascavel. Acompanhar com tal som. (Aulete)

CASQUETTE (p. 99) s.f. Tipo de chapéu, em francês, aporuguesado como *casquete*.

CELIGÊNIO (p. 38) adj. O mesmo que *celígeno*, de origem celeste.

CERAGEM (p. 49) s.f. O mesmo que *enceramento*, ato ou efeito de encerrar.

CERADO (p.81) adj. De *cera*.

CERÚSEO (p. 44) adj. De *cerusa*, alvaide, substância diáfana, branca ou amarelada.

CHAGOSO (p. 56) adj. De *chaga*.

CHALRENTO (p. 121) adj. De *chalar*, falar à toa, alegremente.

CHARAVISCAL (p. 55) s.m. Focilga, chiqueiro, mata de espinheiros, terra de má qualidade. (Aulete)

CHARLARIENTO (p. 51) adj. Falador. (Laudelino)

CHIC (p. 94) adj. Palavra francesa aporuguesada como *chique*.

CIANOSO (p.82) adj. Nome de um ácido que é o segundo grau da oxidação do cianogênio. O mesmo que cianico. (Aulete)

CILICIOSO (p. 68) adj. De *cilício* (túnica, cinto ou cordão de material áspero ou com farpas de madeira; em sentido figurado, tortura)

CINTURAL (p. 41) adj. De *cintura*.

CITAREAR (p. 43) v. De cítara, instrumento de cordas.

CLAUSURAL (p. 54) adj. Relativo a *clausura* (recinto fechado, vida retirada). (Aulete)

CLÓRIO (p. 37) adj. De *cloro*, gás amarelo-esverdeado, de cheiro forte e sufocante.

CLOWN (p. 57) s.m. Palhaço, em inglês.

CLOWÍNEO (p.54) adj. De *clown*, palhaço em inglês.

COAGULHENTO (p.102) adj. De *coagular*, passar ao estado sólido.

COCHONILHADO (p. 121) adj. De *cochonilha* (inseto que produz uma tinta vermelha; a tinta produzida pelo inseto).

CORCOVEANTE (p. 59) adj. De *corcovear*, dar corcovo, salto em que o cavalo arqueia o dorso. (Voc.)

CRAB-APPLE (p. 99) s. Denominação, em inglês, de diversos tipos de macieiras de floração muito vistosa.

CREPUSCULAR (p.58, 88) v. Dar ou tomar os tons ou aspectos de crepúsculo; crepuscularizar. (Aulete)

DANDINADO (p. 93) adj s.m. Que veste ou anda como janota ou dândi. (Teschauer)

DENSAR (p. 84) v. O mesmo que *adensar*, tornar denso ou espesso. (Laudelino)

DE PROFUNDIS (p. 37) Expressão latina que significa *das profundezas do abismo*, palavras iniciais de um salmo.

DERRAMO (p.41) s.m. De *derramar*; o mesmo que *derrame*, *derramamento*.

DESCONJUNTO (p. 58) s.m. De *desconjuntar*, separar, deslocar, descompor.

DESEMPETALAR (p. 123) v. O mesmo que *despetalar*, tirar as pétalas a.

DESILUDIDOR (p. 42) adj. s.m. De *desiludir*. (Voc.)

DESOFEGO (p. 101) s.m. Respiração ruidosa ou difícil. (Laudelino)

DESOPRESSO (p. 42) adj. O mesmo que *desoprimido*, que já não está opresso. (Aulete)

DEVAGUEAR (p. 83) v. De *de+ vaguear*. O mesmo que *divagar*, andar ao acaso, discorrer saindo do assunto.

DIFERENÇAL (p. 56) adj. Que diz respeito a diferença. (Aulete)

DISTENDIMENTO (p. 44) s.m. Ato ou fato de distender. (Laudelino)

DOLORA (p. 122) s.f. De *dolor*, forma antiga de *dor*.

EDENISMO (p. 121) s.m. Vida edênica. (Aulete)

EGLANTINA (p. 87) s.f. Do francês *églantine*, rosa silvestre.

ELEMENTARISMO (p. 72) s.m De *elementar*. (Voc.)

ELETRISMO (p. 106) s.m. De *eletr.+ ismo*.

ÉLITE (67) s.f. Elite, em francês.

EMARANHO (p. 42) s.m. De *emaranhar*, embaraçar.

EMERGE (p. 37) Hipotético participio do verbo *emergir* (elevar-se), que na realidade tem duas formas de participio, *emergido* e *emerso*.

EMPAPAÇADO (p. 76) adj. De *empapado*, embebido, ensopado, por cruzamento com *espapaçado*, amolecido.

EMPOLO (p.107) s.m. De *empolar*, encapelar, levantar, agitar.

- ENCAMARINHAR (p. 117) v. Ficar doente de cama. (Laudelino)
- ENCURVO (p. 85) s.m. De *encurvar*, arquear, curvar.
- ENLAÇO (p. 53) s.m. O mesmo que *enlace*, ato de enlaçar, ligar.
- ENSAIANTE (p. 57) adj. De *ensaiar*.
- ENSOLEIRAMENTO (p. 114) s.m. Ato de ensoleirar. Conjunto do engradamento e do sobrado que sobre ele assenta, para servir de base aos alicerces de construções em terrenos compressíveis. (Aulete)
- ENSOMBRAMENTO (p. 109) s.m. Ação ou efeito de ensombrar, cobrir de sombras. (Aulete)
- ENTARDECIMENTO (p. 43) s.m. De entardecer. (Voc.)
- ENVEZ (p. 105) s.m. O mesmo que *envésou invés*. (Laudelino)
- ENVESAR (p. 75) v. O mesmo que *envessar*, dobrar, pondo o avesso para fora. *Enviesar*. (Laudelino)
- ESBOQUEADO (p.37) adj. De *boca*.
- ESBRANQUIÇAR (p.38) v. Tornar quase branco; embranquecer. (Aulete)
- ESBURGO (p. 99) s.m. O mesmo que *esbrugo*, ação ou efeito de *esbrugar* (ou *esburgar*, como em Morais 10), descascar, descarnar, limpar.
- ESCAVEIRAMENTO (p. 51) s.m. De *escaveirar*, descarnar, transformar em caveira.
- ESCULTURAÇÃO (p. 52) s.f. Ação ou efeito de esculpturar; obra de escultura. (Aulete)
- ESFUZIAMENTO (p. 55) s.m. De *esfuziar*, zunir, lançar, cintilar.
- ESGROUVIAR (p. 57) v. Desalinhar. (Aulete)
- ESMONDA (p. 52) s.f. O mesmo que *monda*, limpa, capina. (Aulete)
- ESPALMO (p. 101) adj. De *espalmar*, estender, abrir.
- ESPIRALENTO (p. 44) adj. De *espiralar*, dar forma de espiral a.
- ESPOUCO (p. 107) s.m. Fato ou efeito de rebentar, de abrir-se ou rachar. (Laudelino)
- ESPREGUIÇO (p. 63) s.m. De *espreguiçar*.
- ESSENCIAR (p. 54) v. De *essência*.
- ESTENDIMENTO (p. 57) s.m. De *estender*.

ESTERIÇADO (p. 82) adj. Talvez por cruzamento de *inteiriçado* com *estendido*.

ESTERTORIZAR (p. 59) v. O mesmo que *estertorar*, agonizar. (Aulete)

ESTESIANTE (p. 124) adj. De *estesiar*, produzir o sentimento do belo em. (Voc.)

ESTORTEGÃO (p. 54) s.m. O mesmo que *estorceção*, beliscão violento. (Aulete)

ESTORVANTE (p. 75) adj. Que estorva; embaraçoso. (Aulete)

ESTRÉPIDO (p. 73) s.m. O mesmo que *estrepito*.

ESTRIAGAR (p. 110) v. Talvez de um cruzamento de *estriar* com *estrigar*.

ESTUPILHA (p. 75) s.f. Vocábulo para o qual não se localizou qualquer indício de acepção ou formação.

ESTURGIR (p. 44) v. Variante de *estrugir*, fazer estremecer com estrondo.

EUROPEÍSMO (p. 99) s.m. Caráter, costumes, maneiras européias. (Teschauer)

EXALO (p. 69) s.m. De *exalar*, emitir vapores, odores, etc.

EXEMPLARIZAR (p. 67) v. Tornar exemplar. Dar, inculcar, propor como exemplar, como digno de exemplo. (Aulete)

EXPRESSOR (p. 58) adj. s.m. O que exprime. Artista da palavra. (Morais 10)

EXQUIS (p. 100) adj. Delicado, excelente, fino, em francês.

EXTRAVAGANTISMO (p.52) s.m. De *extravagante*.

EXTREME (p. 124) adj. Extremado, extraordinário, excepcional, final. (Morais)

EXÚBERO (p. 59) adj. De *exuberar*, ter em excesso, em abundância.

FAREJANTE (p. 54) adj. Que fareja. (Morais 10)

FAROLAR (p. 90) v. Levantar farol ou faróis em, prover de farol. (Aulete)

FIAT (p. 95) Palavra latina que significa *faça-se* e se usa no sentido de ato, de fazer, de criação. (Aulete)

FITANTE (p. 43) adj. De *fitar*, fixar a vista em.

FLAMURANTE (p. 64) adj. De *flam-*, chama, por provável analogia com palavras como *fulgurante* e *carburante*.

FLEIBILIDADE (p. 43) s.f. De *flébil*, lacrimoso, débil.

FLIRT (p. 100) s.m. Palavra inglesa aportuguesada como *flerte*.

FLOCOSIDADE (p.49) s.f. Qualidade, estado de flocoso, que tem ou faz flocos. (Aulete)

FLOREJAMENTO (p. 90) s.m. De *florejar*, florir.

FOLÍCULA (p. 76) s.f. Provavelmente o mesmo que *foliculo*, pequena folha ou lâmina.

FRANJAL (p. 40) s.m. De *franja*.

FRUSTE (p. 68) adj. Gasto. Rude; escasso; pouco elevado; sem brilho. (Aulete)

FUMARESCER (p. 52) v. De *fumar*+*escer*. Provavelmente o mesmo que *fumarar*, expelir fumaça.

FUMEGAÇÃO (p. 54) s.f. De *fumegar*, por *fumigação*.

FUMOIR (p. 114) s.m. Espaço destinado a fumantes, em francês.

FUSINAGEM (p. 50) s.f. Talvez do francês *fusain*, carvão, que tem cognatos como *fusainiste* ou *fusiniste*.

GENTLEMAN (p. 114) s.m. Cavalheiro, em inglês.

GENUFLEXEAR (p. 40) v. De *genuflexão*, ato de ajoelhar.

GLÁCIDO (p. 37) adj. Glacial, gélido. (Aulete)

GORDUCHENTO (p. 53) adj. De *gorducho*.

GORGOREJAR (p. 40) v. De *gorgorejo*, som gutural. (Voc.)

GOTA-SERENIZADO (p. 40) adj. De *gota-serena*, cegueira.

GOUACHADO (p. 67) adj. De *gouache*, palavra francesa aportuguesada como *guache*.

GRIMPANTE (p. 87) adj. Que grimpa, sobe, trepa. (Laudelino)

GOYÁTICO (p. 40) adj. De *Goya*, pintor espanhol.

GRASNENTO (p. 62) adj. Que grasna, grasnador, grasneiro, que produz grasnido (voz de certas aves, como pato, gralha, etc.) (Morais 10)

GRISATO (p. 37, 41) adj. s.m. De *gris*, cinza.

GRÍSEO (p. 41) adj. Que tem cor cinzenta tirante a verde. (Laudelino)

HÂMILÉTICO (p.49) adj. Que diz respeito a Hamlet, personagem do dramaturgo inglês Shakespeare e príncipe lendário dinamarquês. (Aulete)

HEMIÓPICO (p. 53) adj. De *hemiopia*, afecção da vista em que se vê apenas parte dos objetos.

HISTERIZAR (p. 42) v. Tornar histérico. (Morais 10)

HOSÂNICO (p. 87) adj. De *hosana* (hino religioso que começa por esta palavra; aclamação; saudação)

ICARISMO (p. 58) s.m. De *Ícaro*, personagem mitológico grego que tentou voar muito alto com asas presas ao corpo com cera, mas o sol fundiu a cera e ele caiu ao mar.

ICONOCLASTISMO (p. 121) s.m. De *iconoclastia*, destruição de imagens ou ídolos.

IMPUDICICE (p. 54) s.f. O mesmo que *impudicícia*, falta de pudor, de vergonha.

INCONTADO (p. 65) adj. De *in+contado*. Não contado.

INDECIFRABILIDADE (p. 110) s.f. Caráter ou qualidade de indecifrável. (Aulete)

INFILTRANTE (p. 102) adj. Que se infiltra; que tem o poder de infiltrar. (Morais 10)

INSENSIBILIZAR (p.68) v. Tornar insensível. (Aulete)

INSENTIDO (p. 44) adj. Não sentido, despercebido. (Tschauer)

INSETIFORME (p. 122) adj. Que tem forma, aparência de inseto. (Auletè)

INSEXUALIZADO (p. 100) adj. De *insexual*, avesso ao sexo.

INSOLÍCITO (p.43) adj. De *in+solícito*. Não solícito, não cuidadoso, não prestativo.

INSUBSTANCIAR (p.50) v. De *insubstância*, falta de substância.

INVOCALIZADO (p. 63) adj. De *in+vocalizado*. Não vocalizado, não emitido.

ÍRRIBUS (p. 117) interj. O mesmo que arre! cebolório! irra! irrório! (Aulete)

JASMINEAR (p. 43) v. De *jasmim*.

JOGRALICE (p. 57) s.f. O mesmo que *jogralidade*, gracejo próprio de jogral. (Aulete)

LÁ-BAIXO (p. 75) adv. Talvez influência do francês *là-bas*.

LÁ-CIMA (p. 62) adv. Forjado segundo *lá-baixo*.

LANTERNAR (p.76) v. De *lanterna*. (Voc.)

LARVÍPARO (p. 75) adj. Animal que põe larvas em vez de ovos. (Aulete)

LASQUILHA (p. 68) s.f. De *lasca*.

LAVIS (p. 95) s.m. Aguada, aquarela, em francês.

LIBÉLULO (p. 122) s.m. O mesmo que *libélula*. (Aulete)

LILASEAR (p. 100) v. Dar a cor arroxeadada a. (Laudelino)

LIQUESCENTE (p. 86) adj. Que se transforma em líquido. (Morais 10)

LOHENGRINESCO (p. 69) adj. De *Lohengrin*+*esco*. Lohengrin é personagem de uma lenda alemã e título da ópera de Wagner baseada nesta lenda.

LORD (p. 94) s.m. Palavra inglesa aportuguesada como *lorde*.

LUCIOLAR (p. 105) v. Luzir escassamente, a espaços; treme-luzir. (Laudelino)

MACABRAR (p. 52) v. O mesmo que *macabrear*, apresentar-se macabro.

MACFARLANE (p. 79) s.m. Do inglês. O mesmo que *capacote*. (Laudelino)

MADemoiselle (p. 100) s.f. Senhorita, em francês.

MAILLOT (p. 62) s.m. Malha, em francês.

MARFINADO (p. 44) adj. De *marfim*.

MARULHENTO (p. 124) adj. O mesmo que *marulheiro*, que faz *marulho*, revolvimento, agitação das ondas do mar. (Morais 10)

MASTOIDEANO (p. 53) adj. O mesmo que *mastóide* ou *mastóideo*, que tem forma de mama.

MEDIUM (p. 83) s.m. Palavra latina aportuguesada como *médium*.

MEMORiar (p. 52) v. De memória. (Voc.)

MICROBATO (p. 40) s.m. O mesmo que *micróbata* ou *micróbate*, gênero de aves.

MIGUELANGELESCO (p. 57) adj. Relativo a Miguel Ângelo. (Morais 10)

MISS (p. 83) s.f. Senhorita, em inglês.

MISTER (p. 79) s.m. Senhor, em inglês.

MODELANTE (p. 108) adj. De *modelar*, fazer o modelo, moldar.

- MONSIEUR* (p. 69) s.m. Senhor, em francês.
- MOSCARDEAR* (p. 40) v. De *moscardo*, inseto também conhecido como mosca-da-madeira.
- NEVOAMENTO* (p. 49) s.m. De *névoa*.
- NOIVAŁ* (p. 102) adj. Relativo a noivo ou noiva. (Morais 10)
- NOTHING MORE* (p. 113) Nada mais, em inglês.
- NOTURNIZANTE* (p. 68) adj. De *noturnizar*.
- NOTURNIZAR* (p. 99) v. De *noturno*. (Morais 10, Teschauer, Voc.)
- OFERTANTE* (p. 102) adj. s. 2g. Que ou aquele que oferta. (Aulete)
- OLORENTE* (p. 37) adj. Que tem odor, cheiro agradável. (Laudelino)
- OPALÍNEO* (p. 125) adj. O mesmo que *opalino*, que tem cor leitosa e azulada, que tem reflexos irisados como os da opala.
- OPARLANDA* (p. 41) s.f. Espécie de opa larga com mangas que usavam outrora homens e mulheres. (Aulete). O mesmo que *opalanda*.
- ORANGO* (p. 58) s.m. O mesmo que *orangotango*. (Morais 10)
- OREMUS* (p. 41) Palavra latina que significa *oremos*, pronunciada em várias partes da missa.
- PAINENTO* (p. 43) adj. De *paina*.
- PÁLPITO* (p. 39, 41) adj. De *palpitar*, ter palpitações, bater, pulsar.
- PÁRA-SOLADO* (p. 101) adj. De *pára-sol*.
- PARCEARIA* (p. 38) s.f. O mesmo que *parçaria*, companhia, sociedade, associação.
- PERAMBULANTE* (p. 94) adj. De *perambular*, vaguear, passear.
- PIRILAMPEJO* (p. 43) s.m. De *pirilampejar*, brilhar como pirilampo.
- PIZICATEAR* (p. 122) v. De *pizicato*, adaptação do italiano *pizzicato*. O termo indica que as “cordas de um instrumento devem ser tocadas com as pontas dos dedos e não com o arco”.
- PLASPLACEAR* (p. 101) v. De origem onomatopéica.
- POLIFORMIDADE* (p. 64) s.f. De *poliforme*, que tem muitas

formas.

POSEUR (p. 113) s.m. Pessoa que usa atitudes estudadas, em francês.

POSTIÇARIA (p. 100) s.f. Qualidade de postiço. (Laudelino)

PRESAGO (p. 62) adj. O mesmo que *pressago*, que pressagia, que presente acontecimentos. (Voc.)

PRIMITIVIDADE (p. 122) s.f. Qualidade, estado de primitivo. (Aulete)

PROEMINENCIAR (p. 51) v. De *proeminência*, saliência, relevo, destaque.

PUNCH (p. 83) s.m. Soco, ímpeto, energia, ponche, em inglês.

QUIROGNOMÔNICO (p. 53). adj. Respeitante a quirognomonia, arte de conhecer as pessoas pelo exame das mãos. (Aulete)

RAMALHETADO (p. 106) adj. De *ramalhete*.

RASPO (p. 38) s.m. De *raspar*.

REBUSCADOR (p. 42) adj. s.m. Que ou o que rebusca, pesquisador. (Aulete)

RECOLTA (p. 57) s.f. Colheita. (Aulete)

REFLETIBILIDADE (p. 125) s.f. O mesmo que *reflexibilidade*, aptidão de um corpo ou de um agente para se refletir. (Laudelino)

REFORCEJAR (p. 43) v. De *re+forcejar*.

REFRACTARISMO (p. 54) s.m. Caráter, qualidade, estado de refratário. (Aulete)

REGRESSO (p. 55) adj. De *regredir*, retroceder.

RELEMBRADOR (p.51) adj. Que traz de novo à memória; que relembra. (Laudelino)

REMEMORAR (p. 109) v. Tornar a lembrar, rememorar. (Laudelino)

REPROCURAR (p. 51) v. De *re+procurar*.

RETALHAMENTO (p. 52) s.m. Ação de retalhar. (Aulete)

RETORCIOLADO (p. 123). adj. De *forcer*.

REVERBERAMENTO (p. 106) s.m. De *reverberar*, refletir, brilhar.

REVICEJAR (p. 72) v. De *re+vicejar*.

RETREMULAR (p. 42) v. De *re+tremular*. Morais 10 registra *retrêmulo*.

RILHENTO (p. 38) adj. De *rilhar*.

RUBESCÊNCIA (p. 43) s.f. Qualidade de rubescente, que rubesce, isto é, se torna vermelho ou corado. (Aulete)

RUBÍNEO (p. 122) adj. De *rubi* ou *rubim*, pedra de cor vermelha.

RUIVÁCEO (p. 40) adj. O mesmo que *arruivado*. (Morais 10)

SANFONAR (p. 122) v. Tocar sanfona. (Aulete)

SANFONEAR (p. 100) v. O mesmo que *sanfonar*.

SEASON (p. 94) s.f. Estação, temporada, em inglês.

SEGREDANTE (p. 44) adj. De *segredar*, dizer segredos.

SEGREGAMENTO (p. 39) s.m. De *segregar*, separar, pôr de lado, marginalizar (Voc.)

SENSIBILIZANTE (p. 58) adj. Que sensibiliza. – s.m. O mesmo que sensibilizador, banho em que se deitam as chapas para se tornarem sensíveis à ação da luz. (Aulete)

SEPIOSO (p. 50) adj. De *sépia*, tinta de cor escura extraída de um molusco de mesmo nome.

SIFILIZAR (p. 108) v. Comunicar a sífilis a, inocular de sífilis; afetar de sífilis. (Aulete)

SMORZO (p. 96) s.m. Termo musical proveniente do italiano. Extinção gradual do som. (Laudelino)

SONAMBULIZADO (p. 85) adj. De *sonambulizar*, tornar sonâmbulo.

SONOLENCIAR (p. 41) v. De *sonolência*.

SPLEEN (p. 54) s.m. Melancolia, em inglês.

STORE (p. 49) s.m. Tipo de cortina, em francês.

SUAVIZAMENTO (p.87) s.m. De *suavizar*.

SUPLICIADOR (p. 42) adj. s.m. Que ou quem suplicia, tortura. (Aulete)

TARTAMUDEANTE (p. 97) adj. De *tartamudear*, gaguejar.

TENTACULAR (p. 58) v. De *tentáculo*.

TENTILAR (p. 124) v. Por alteração de *tintilar*.

TENUIZAR (p. 52) v. De *tênué*, delgado, frágil.

TERREOLA (p. 37) s.f. O mesmo que *terriola*, pequena terra; pequena povoação; lugarejo, aldeola. (Laudelino)

TIC (p. 79) s.m. Palavra francesa aportuguesada como *tique*.

TÍTERO (p. 58) s.m. O mesmo que *títère*, boneco que se move por cordéis.

TORTULHAR (p. 121) v. De *tortulho*, tipo de cogumelo.

TOURISTE (p. 99) s.m. Turista, em francês.

TRANSLUCIDEZ (p. 114) s.f. Qualidade dos corpos translúcidos; transparência. (Aulete)

TRESCALO (p. 99) s.m. Ato ou efeito de emitir ou exalar cheiro. (Laudelino)

TREVOR (p. 50) s.m. Trevas. (Laudelino)

TRILANTE (p. 76) adj. De *trilar*, trinar, gorjear. (Voc.)

TRÍPEDE (p. 67) adj. De *tri*+*pede*, elementos de composição que indicam “três” e “pé”.

ULCERENTO (p. 56) adj. De *úlcera*.

UMEDECÊNCIA (p.102) s.f. De *umedecer*.

UPPER CREAM (p. 99) Expressão inglesa que significa *nata*.

USURARIA (p. 122) s.f. De *usura*, juro excessivo.

VELUTINADO (p. 93) adj. De *velutina*, tipo de pó-de-arroz e tipo de tecido semelhante a veludo.

VENTREMULAR (p. 124) v. De *ven(to)*+*tremular*.

VERDÍNEO (p. 86) adj. De *verde*.

VERIPOTENTE (p. 49) adj. De *ver* i+*potente*, sendo o primeiro elemento o radical com a noção de “verdade”; o segundo elemento de composição tem a noção de “poder”, “energia”.

VESPERESCENTE (p. 124) adj. De *vésper*, ocaso.

VIAGEIRO (p. 80) adj. s.m. Relativo a viagem, que ou aquele que viaja muito, viajante. (Aulete)

VIBRATILIZADO (p. 124) adj. Agitado ou movido com vibrações. (Morais 10)

VISIONAMENTO (p. 42) s.m. O mesmo que *visiónação*, ato ou efeito de *visionar*, entrever como numa visão. (Aulete)

VOLUNTIVO (p. 87) adj. Provavelmente da forma latina de *vontade*, *voluntas*, *-atis*, nos moldes de *volitivo*.

BIOGRAFIA

Luís Gonzaga Duque Estrada nasceu em 21 de junho de 1863 no Rio de Janeiro. Iniciou-se cedo no jornalismo, fundando em 1880, com Olímpio Niemeyer, *O Guanabara*. Em 1882 colaborou na *Gazetinha*, de Artur Azevedo, e em 1883 na *Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio. Em 1887, atuou como crítico de arte em *A Semana*. Fundou, em 1895, com Lima Campos, a *Rio-Revistas* em 1897, também com Lima Campos, a revista simbolista *Galáxia*; em 1901, *Mercúrio*; e em 1908, com Lima Campos e Mário Pederneiras, *Fon-Fon*. Colaborou ainda em numerosos outros periódicos, usando muitas vezes pseudônimos, como Alfredo Palheta, J. Meirinho, Diabo Coxo, Amadeu, o Risonho e André de Resende.

Casou-se em 1885 com Júlia Torres Duque Estrada, com quem teve quatro filhos: Dinorá e Haroldo, que morreram em criança, Osvaldo e Lígia Cristina.

Foi 2º oficial da Diretoria do Patrimônio Municipal; 1º oficial da Fazenda da Prefeitura, servindo neste posto como secretário do diretor-geral muito tempo. Em 1910, foi nomeado diretor da Biblioteca Municipal.

Uma das mais importantes figuras do simbolismo brasileiro, foi romancista, contista e crítico de arte. Pode ser considerado o primeiro e verdadeiro crítico de arte sistemático no Brasil, tendo deixado textos fundamentais nesse campo. Seu interesse pelas artes plásticas levou-o também a realizar trabalhos como a ilustração de um livro de B. Lopes, *Dona Carmen*. Foi retratado por vários artistas de sua época, como Eliseu Visconti, Belmiro de Almeida, Rodolfo Amoedo, Presciliano Silva, além de caricaturado, entre outros, por Raul Pederneiras e Kalixto.

Morreu, no Rio de Janeiro, em 8 de março de 1911.

BIBLIOGRAFIA

A arte brasileira. Rio de Janeiro: H. P. Lombaerts & Co. , 1888; 2. ed., Campinas: Mercado de Letras, 1995.

A dona de casa (com o pseudônimo de Sylvino Júnior). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1894; 2. ed. , 1903.

Revoluções brasileiras. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1898; 2. ed., Rio de Janeiro: Laemmert, 1905.

Mocidade morta. Rio de Janeiro: Oficinas da Livraria Moderna, 1899; 2. ed., Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971; 3. ed. São Paulo: Editora Três, 1973; 4. ed., Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.

Marechal Niemeyer. Rio de Janeiro: Maia & Niemeyer, 1900.

Graves e frívolos. Lisboa: Clássica, 1910.

Horto de mágoas. Rio de Janeiro: Benjamin de Áquila, 1914.

Contemporâneos. Rio de Janeiro: Typ. Benedicto de Souza, 1929.

A partir de 1880, Gonzaga Duque colaborou em diversos periódicos, alguns fundados por ele: *Guanabara*, *Gazetinha*, *Gazeta da Tarde*, *A Semana*, *Pierrot*, *Revista dos Novos*, *Rio-Revista*, *Galáxia*, *Mercúrio*, *Brasil Moderno*, *Rua do Ouvidor*, *Rosa-Cruz*, *Vera-Cruz*, *Kosmos*, *Renascença*, *O País*, *Diário de Notícias*, *Diário do Comércio*, *Atheneida*, *Os Anais*, *Revista Contemporânea*, *O Globo*, *Fon-Fon*, *A Avenida*, *Ilustração Brasileira*, *Revista da Semana*, *Revista Americana*. Postumamente, vários contos inéditos de Gonzaga Duque foram publicados pelo seu genro, Murilo Araújo, na *Revista Souza-Cruz*.

SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE O AUTOR E O SIMBOLISMO NO BRASIL

BRAYNER, Sônia. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Brasília: INL, 1979.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. 2 v.

COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969, v. 4.

DIMAS, Antônio. *Tempos eufóricos*. São Paulo: Ática, 1983.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Rio de Janeiro: Xenon, 1987.

EULÁLIO, Alexandre. *Artes plásticas e literatura*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1989.

———. *Sobre Mòcidade morta*. In: CARVALHO, José Murilo de, et al. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Gonzaga Duque: ficção e crítica de artes plásticas. In: CARVALHO, José Murilo de, et al. *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

- LINS, Vera. *Gonzaga Duque, a estratégia do franco-atirador*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*, v. 4, 5 e 6. São Paulo: Cultrix, 1977-1978.
- MOISÉS, Massaud. *O simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. Brasília: INL, 1973. 2 v.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1969; v.2, 1973; v.3, 1979.

COLEÇÃO
BIBLIOTECA CARIOCA

COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

A ERA DAS DEMOLIÇÕES/HABITAÇÕES POPULARES, de Oswaldo Porto Rocha e Lia de Aquino Carvalho. 1986, 1995. Volume 1.

AFORAMENTOS: INVENTÁRIO SUMÁRIO, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1987. Volume 2.

RIO DE JANEIRO: CIDADE E REGIÃO, de Lysia Bernardes e Maria Therezinha de Segadas Soares. 1987, 1995. Volume 3.

A ALMA ENCANTADORA DAS RUAS, de João do Rio. 1987, 1991, 1995. Volume 4.

O GARATUJA, de José de Alencar. 1987. Volume 5.

HISTÓRIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Delgado de Carvalho. 1988, 1990, 1994. Volume 6.

AS MULHERES DE MANTILHA, de Joaquim Manuel de Macedo. 1988. Volume 7.

DIÁRIO DO HOSPÍCIO/O CEMITÉRIO DOS VIVOS, de Lima Barreto. 1988, 1993. Volume 8.

UM RIO EM 68, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. 1988. Volume 9.

DESABRIGO, de Antônio Fraga. 1990, 1995. Volume 10.

PEREIRA PASSOS: UM HAUSSMANN TROPICAL, de Jaime Lary Benchimol. 1990, 1992. Volume 11.

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS: UMA DRÁSTICA CIRURGIA, de Evelyn Furquim Werneck Lima. 1990, 1995. Volume 12.

A MULHER E OS ESPELHOS, de João do Rio. 1990, 1995.

Volume 13.

MISTÉRIOS DO RIO, de Benjamim Costallat. 1990, 1995. Volume 14.

BOM-CRIOULO, de Adolfo Caminha. 1991. Volume 15.

O MUNDO DE MACHADO DE ASSIS, de Miécio Táci. 1991, 1995. Volume 16.

DOS TRAPICHES AO PORTO, de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão. 1991. Volume 17.

O RIO DE JANEIRO DA PACIFICAÇÃO, de Paulo Knauss de Mendonça. 1991. Volume 18.

A CIDADE MULHER, de Alvaro Moreyra. 1991. Volume 19.

OS TRANSPORTES COLETIVOS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Maria Lais Pereira da Silva. 1992. Volume 20.

NATUREZA E SOCIEDADE NO RIO DE JANEIRO, org. Maurício Abreu. 1992. Volume 21.

NO RASCUNHO DA NAÇÃO: INCONFIDÊNCIA NO RIO DE JANEIRO, de Afonso Carlos Marques dos Santos. 1992. Volume 22.

ESTAÇÃO RIO, de Maria Augusta Machado da Silva. 1992. Volume 23.

NEGOCIANTES E CAIXEIROS NA SOCIEDADE DA INDEPENDÊNCIA, de Lenira Menezes Martinho e Riva Gorenstein. 1993. Volume 24.

AS TROPAS DA MODERAÇÃO, de Alcir Lenharo. 1993. Volume 25.

BAMBAMBÁ!, de Orestes Barbosa. 1993. Volume 26.

AS RAZÕES DO CORAÇÃO, de Afrânio Peixoto. 1994. Volume 27.

JOÃO DO RIO: CATÁLOGO BIBLIOGRÁFICO, de João Carlos

Rodrigues. 1994. Volume 28.

AUGUSTO MALTA: CATÁLOGO DA SÉRIE NEGATIVO EM VIDRO, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 1994. Volume 29.

SEBASTIANÓPOLIS, de Adelino Magalhães. 1994. Volume 30.

A INDÚSTRIA DO RIO DE JANEIRO ATRAVÉS DE SUAS SOCIEDADES ANÔNIMAS, de Maria Bárbara Levy. 1994. Volume 31.

TIA CIATA E A PEQUENA ÁFRICA NO RIO DE JANEIRO, de Roberto Moura. 1995. Volume 32.

O CARNAVAL DAS LETRAS, de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. 1995. Volume 33.

A NEGREGADA INSTITUIÇÃO: CAPOEIRAS NO RIO DE JANEIRO, de Carlos Eugênio Líbano Soares. 1995. Volume 34.

PAPÉIS VELHOS E OUTRAS HISTÓRIAS, de Machado de Assis. 1995. Volume 35.

MEIOS DE TRANSPORTE NO RIO DE JANEIRO, de Noronha Santos. 1996. Volumes 36 e 37.

FLORESTA DA TIJUCA: NATUREZA E CIVILIZAÇÃO, de Cláudia Heynemann. 1995. Volume 38.

HERÉTICOS E IMPUROS: A INQUISIÇÃO E OS CRISTÃOS-NOVOS NO RIO DE JANEIRO, de Lina Gorenstein Ferreira da Silva. 1995. Volume 39.

COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA

Cadastro

Caso você tenha algum interesse em cadastrar-se na COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA, preencha este formulário e remeta ao endereço abaixo.

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

- PROFISSÃO: Professor universitário
 Professor de 1º e 2º graus
 Estudante de graduação
 Estudante de pós-graduação
 Outra

INSTITUIÇÃO COM A QUAL MANTÉM O VÍNCULO EMPREGATÍCIO ACIMA CITADO: _____

Caso você desenvolva ou possua alguma pesquisa que tenha como tema a cidade do Rio de Janeiro, informe o título, apresente uma pequena sinopse, o número de laudas datilografadas e sua destinação (tese de doutorado, dissertação de mestrado, monografia de fim de curso, publicação de livro ou artigo, montagem de exposição, projeto técnico etc.).

No que se refere à cidade do Rio de Janeiro, quais são suas áreas de interesse?

Como você conheceu a COLEÇÃO BIBLIOTECA CARIOCA? _____

Remeta este formulário para:

Divisão de Editoração C/DGDI
Rua Amoroso Lima nº 15, sala 106 - Cidade Nova
20211-120 - Rio de Janeiro - RJ





IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA IMPRENSA DA CIDADE
AV. PEDRO II Nº 400 – S. CRISTÓVÃO
TELS.: 589-3.523 – 589-7088

livro sobre as artes plásticas no país, desde a colônia até o momento que vivia, o final do séc. XIX.

Os simbolistas buscavam uma síntese de todas as artes. Através das sinestesias, sensações diversas se juntam. Com isso, suas imagens têm cor, se tornam palpáveis. No conto de Gonzaga Duque, "Idílio roxo", uma profusão de tons acompanha o desenvolver da narrativa.

A leitura dos contos de Gonzaga Duque pode ajudar a estabelecer, a recuperar elos perdidos. Além de nos fazer esquecer, por momentos, esta visão pragmática com que nos envolvemos, num mundo ao qual a racionalidade moderna deu a aparência de que funciona como um relógio. Mas a lógica pode ser outra, e os acasos ou a arte nos levam a encontrá-la.

Do prefácio de Vera Lins

ISBN 85-85884-05-3



PREFEITURA
RIO DE JANEIRO
CIDADE MARAVILHOSA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA